

IEDA MARIA MAGRI

Arte e público:

uma reflexão sobre a experiência estética em duas escolas de Florianópolis

Florianópolis,
agosto de 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Arte e público:

uma reflexão sobre a experiência estética em duas escolas de Florianópolis

Dissertação apresentada ao Curso
de Pós-graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
como requisito para a obtenção do grau
de Mestre em Teoria da Literatura.

Orientadora: Professora Dr^a Maria Lucia De Barros Camargo

Florianópolis,
agosto de 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS

Arte e público:

uma reflexão sobre a experiência estética em duas escolas de Florianópolis

Dissertação apresentada ao Curso
de Pós-graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
como requisito para a obtenção do grau
de Mestre em Teoria da Literatura.

Orientadora: Professora Dr^a Maria Lucia De Barros Camargo

Florianópolis,
agosto de 2005

AGRADECIMENTOS

À professora dr^a Maria Lucia de Barros Camargo, orientadora,

Ao Sidnei Cruz, co-orientador extra-oficial e biblioteca,

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC,

Às escolas Altino Flores e Nossa Senhora de Fátima, às professoras Ana Maria Capeletto e Lucia, aos alunos de ambas as escolas,

À Selma Maria da Cunha Amorim e à Lislely Canolla Treis Teixeira,

Ao Serviço Social do Comércio (SESC).

RESUMO

Este trabalho se propõe a fazer uma reflexão sobre arte e público na contemporaneidade. O centro em torno do qual gira tal reflexão, é a pesquisa de campo realizada com dois grupos, um de uma escola pública e outro de uma escola particular, convidados a frequentar espaços de artes e a usufruir as programações culturais oferecidas pelo Serviço Social do Comércio (SESC) na grande Florianópolis em 2003, numa perspectiva consciente de formação de novos públicos. Uma investigação acerca dos usos dos termos *cultura* e *arte* e suas relações com as novas formas de percepção inauguradas pelo consumo e pela ascensão da indústria cultural faz as vezes de introdução da problemática. O olhar sobre a experiência estética está posto numa perspectiva intermediária entre o puro prazer e a racionalidade que o nega: uma razão acariciante ou afetiva e/ou uma fruição pensante. São feitas algumas relações com projetos ou políticas culturais que abordam a influência da escola na aproximação entre a arte que está fora dos circuitos do mercado e o público.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, arte, escola, políticas culturais, experiência estética, público.

ABSTRACT

This research intends to perform a reflection about art and public in the contemporaneity. The field research is the axis where this reflection spins around, it is made with two groups, one from a public school and one from private school; they were invited to often visit art's rooms and enjoy cultural schedules offered by SESC – Serviço Social do Comércio – at Florianópolis and the cities around in 2003, in a conscious perspective of forming new public. An investigation about the use the terms “culture” and “art” and their relationship to new forms of perception started by the consumption and the cultural industry rising as a problematic introduction. The view about on the stetic experience is set a intermediary perspective between the pure pleasure and the reasonability which it denies: a cherisful reason or affective and/or a thinking influence. Some comparisons have been made with projects or cultural politics that make the influence of school approach between the art outside the market and the public.

KEY – WORDS: culture, art, school, cultural politics, stetic experience, public.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	01
I	
AS CULTURAS E AS NOVAS FORMAS DE PERCEPÇÃO-----	07
Cultura popular, cultura de massa-----	07
As tecnologias e as novas formas de percepção-----	20
A experiência estética-----	29
II	
RELATO DA OBSERVAÇÃO: CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS E BASES DA PESQUISA-----	47
Perfil dos grupos: sobre o tempo livre-----	56
Perfil dos grupos: frequência às atividades específicas-----	92
Música-----	92
Cinema e vídeo-----	95
Teatro-----	97
Artes visuais-----	101
Televisão-----	101
Internet-----	102
Leitura-----	103
Locais de cultura mais freqüentados-----	104
III	
RELATO DA OBSERVAÇÃO: A RECEPÇÃO-----	109
Recepção do espetáculo <i>A Escrita de Borges</i> -----	111
Recepção dos espetáculos: <i>Música do Sudeste do Brasil e Gentil do Orocongo</i> – analisando as saídas precoces-----	116
Finalizando a pesquisa: os depoimentos sobre a experiência-----	121
A experiência estética nas escolas-----	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	133

ANEXOS

A- Questionário-----	139
B – Tabelas-----	143
C – Respostas às solicitações: <i>Por que você veio ao espetáculo? O que sentiu? A que atribui esses sentimentos?</i> -----	170
D – Depoimentos-----	174
E – Agenda dos espetáculos -----	185

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu do embate entre uma perspectiva prática - vivida diariamente na atuação como produtora cultural no SESC Estreito - Florianópolis - e uma perspectiva teórica vislumbrada através das reflexões sobre a arte e a recepção diante das novas formas de percepção inauguradas pelo consumo e pela ascensão da indústria cultural. Minha primeira motivação foi buscar um referencial teórico que pudesse auxiliar a direcionar a prática. Compreender minimamente as relações entre arte e público, naquele momento, se fazia essencial e urgente.

O SESC – Serviço social do Comércio atua na promoção e divulgação das artes em suas diversas manifestações. Desde 1999, desenvolve um programa que privilegia as apresentações de espetáculos de teatro, de dança, de música, as exposições de artes e a promoção da leitura. Paralelamente aos espetáculos e exposições promove cursos, oficinas, fóruns e debates com vistas à formação tanto dos artistas quanto do público.

Após os primeiros anos de desenvolvimento de um programa de cultura que abrange 15 cidades de Santa Catarina, confirmou-se a necessidade de se investir na formação de platéias, pois toda a programação ficava restrita aos artistas e grupos do meio.

O trabalho que o SESC chamou de formação de platéias está alicerçado em duas frentes: uma na formação de um público que sustente o trabalho artístico, tanto intelectual como financeira e criticamente, e outra na promoção do acesso físico das populações de baixa renda ou que, por algum motivo, não usufruem a programação cultural oferecida.

A hipótese seguida para a primeira frente de formação foi a de que o público estaria à espera de uma programação variada e que estabeleceria um relacionamento mais estreito

com a arte assim que houvesse oferta. A partir de uma programação que oferecesse desde espetáculos de arte popular regional até concertos de música erudita, seria possível criar uma exigência de qualidade sustentada pela experiência. Essa categoria de público é aquela que já tem uma pré-disposição a freqüentar eventos e espaços de arte e que se sente convidada a participar através da divulgação midiática, portanto, de fácil alcance.

A segunda ação buscou um público que não é atingido facilmente apenas pela divulgação; a aposta do SESC foi a de levar os espetáculos à comunidade ou à escola, ou, no caso do SESC Estreito, direcionar o convite às escolas para que estas levassem seus alunos aos locais das apresentações. Dar acesso à arte, neste sentido, seria uma questão de cidadania.

O capital simbólico costuma ser, na sociedade atual, um meio de discriminação social. Entende-se que este dado, por si só, sustenta a necessidade de inclusão do público que, envolvido com problemas de ordem social tais como alimentação, segurança e moradia, não reivindica de imediato a sua inclusão nas políticas artísticas e culturais. A hipótese, neste caso, é a de que promovendo o acesso à arte estar-se-ia criando condições para o estabelecimento de um contato que iria além da iniciativa da instituição: o acesso físico proporcionado daria condições para a criação de um hábito que regularia a participação posterior sem direcionamento. A partir desta hipótese de pesquisa, fui a campo investigar quais eram e como se transformavam as relações com a arte na recepção dos alunos de 2 escolas¹ convidadas para apreciar os espetáculos de música e de teatro promovidos pelo SESC Estreito no ano de 2003.

¹ Os alunos que participaram da pesquisa foram: 14 da Escola Nossa Senhora de Fátima, particular, com idades entre 13 e 19 anos; e 15 da Escola Altino Flores, pública municipal, com alunos do curso de Educação de Jovens e Adultos e idades entre 14 e 57 anos.

A escolha pelo espetáculo e não, por exemplo, pelas exposições de artes plásticas, cinema ou mostras literárias como campo de investigação da recepção deu-se, em parte, pela hipótese de que os alunos teriam menos chances de ir a um concerto ou espetáculo de teatro através da escola. O ensino de artes enquanto disciplina cumpre o papel de apresentar artistas e períodos da história da arte e há o enfoque à arte-educação nos cursos superiores de formação de professores. Há, também, uma oferta maior de programações voltadas para escolas por parte dos próprios museus. O cinema conquista facilmente o público adolescente e jovem e não gera grande resistência de participação, e a literatura existe enquanto disciplina. Já os espetáculos de teatro, de dança e de música que não têm cunho didático, estão fora do ambiente escolar. Pude verificar através da pesquisa que os alunos acabam por conhecer apenas o teatro amador da época da infância ou o didático-escolar utilizado como forma de apresentação de conteúdos pelos próprios alunos ou nas apresentações das datas comemorativas na escola. A suspeita de encontrar algo desagradável afasta esse público do teatro. Quanto à música, os concertos deram lugar ao show ao ar livre, assim, o convite para a apreciação do espetáculo numa sala fechada e silenciosa não é algo que gera uma expectativa positiva. Dito de outro modo, a escola não privilegia o espetáculo a não ser que este tenha uma função didática - a de abordar ou ilustrar algum conteúdo previsto no currículo - por isso, se dependesse dela, os alunos não teriam uma oportunidade de conhecer essa modalidade de arte².

² O termo espetáculo é tido como alta designação de massivo, de indústria cultural. Guy Debord chamou atenção para a espetacularização da cultura. No entanto, o caráter dos projetos Sonora Brasil e Palco Giratório é contrário a uma idéia de mercado. Os espetáculos de teatro oferecidos estão sempre na contra-mão do mercado: são aqueles que têm como proposta a constante experimentação e o trabalho incessante de investigação artística. Os espetáculos de música são escolhidos sob um tema, nesse caso, o tema é Regiões e apresenta a música mais representativa de 4 regiões brasileiras. Cf. catálogos anexos.

Interessou-me, acima de tudo, saber se a participação nos espetáculos sem o objetivo de aprofundar ou ilustrar um conteúdo do currículo, sem a recomendação e a cobrança da escola, sem o estatuto de “grande arte”, enfim, sem uma utilidade visível de imediato, portanto enquanto experiência estética, poderia despertar o interesse tanto da escola quanto dos alunos.

Tendo, então, a observação desses dois grupos como ponto de partida para as reflexões sobre arte e público na contemporaneidade, apresento na primeira parte deste trabalho uma investigação acerca dos usos do termo *cultura* e suas relações com as novas formas de percepção inauguradas pelo consumo e pela ascensão da indústria cultural, tentando perceber, na situação contemporânea, o novo público receptor das artes e consumidor cultural. Argumento que, se em nome da democratização da arte, operou-se numa concepção de cultura como produto a ser difundido de forma facilitada, no discurso do acesso à cultura, as proposições se invertem: em vez de facilitar a recepção da arte com a reestruturação das mensagens artísticas, ou seja, a adaptação das diversas formas de arte à recepção massiva, por um público despreparado, o caminho mais apropriado seria o de preparar o público para que possa receber as diversas formas de arte. Assim, a partir da questão de como enveredar no caminho da aproximação entre a arte que está fora dos circuitos de mercado e o público não predisposto a ela, sigo as pistas de alguns autores que levam à reflexão sobre a experiência estética e sobre a influência da escola nesta aproximação.

Na segunda parte apresento a metodologia da pesquisa de campo realizada e os resultados obtidos através do primeiro instrumento de observação: um questionário aplicado na primeira visita às escolas para a constituição dos grupos e que solicita informações sobre idade, renda, sexo, profissão e escolaridade dos alunos; atividades de

tempo livre; e freqüência à atividades específicas de cultura: música, teatro, cinema, TV, exposições e museus, leitura, internet, locais que costumam freqüentar, sobre o que gostam de conversar, o que falta e o que sugerem na programação cultural da grande Florianópolis. Tentei compor, dessa maneira, o perfil sócio-cultural dos alunos no momento anterior à experiência de participação nos espetáculos.

Na terceira parte faço um relato das observações colhidas durante todo o ano de 2003, nos três momentos em que a recepção foi acompanhada: na ocasião de apresentação do espetáculo de teatro *A Escrita de Borges*³; nos espetáculos *Música da Região Sudeste do Brasil e Gentil do Orocongo*⁴; e na visita às escolas ao final do ano letivo; e apresento duas experiências de educação estética na escola: uma, a da escola cubana, relatada por Pablo René Estévez⁵ e outra, a da pedagogia do ócio⁶, uma proposta de educação estética voltada para a vivência do tempo livre e que seria um projeto de toda a sociedade, mas que passa, inevitavelmente, pela escola.

Este é um trabalho de reflexão sobre a prática, um exercício de observação que não tem a pretensão de ser uma resposta em si mesmo. Ao contrário, representa o interesse em verificar um processo existente de formação de público e a construção de um instrumento para que outras reflexões sejam feitas.

³ Cf catálogo do Projeto Palco Giratório.

⁴ Cf catálogos do Projeto Sonora Brasil e Circuito Catarinense de Música.

⁵ ESTEVES, Pablo René. **A educação estética: experiências da escola cubana**. Tradução de João Reguffe. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

⁶ PUIG, Josep Maria, TRILLA, Jaume. **A pedagogia do ócio**. Tradução de Valério campos. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Imaginar uma estética (se o termo não estiver por demais depreciado) baseada até o fim (completa, radicalmente, em todos os sentidos) *no prazer do consumidor*, qualquer que ele seja, qualquer que seja a classe, qualquer que seja o grupo ao qual pertença, sem aceção de culturas e linguagens: as conseqüências seriam enormes, talvez mesmo dilacerantes.

(quanto mais cultura houver, maior, mais diverso será o prazer)

Roland Barthes

I

AS CULTURAS E AS NOVAS FORMAS DE PERCEPÇÃO

CULTURA POPULAR, CULTURA DE MASSA

Falar de cultura de massa, cultura popular ou cultura erudita tornou-se, nas últimas décadas, um problema de difícil acomodação tanto nas discussões acadêmicas quanto nos círculos artísticos. O termo cultura, segundo Williams⁷, é complexo devido à gama de definições que o compõe. “Começando como nome de um processo – cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana – ele se tornou, em fins do século XVIII, particularmente no alemão e no inglês, um nome para configuração ou generalização do ‘espírito’ que informava o ‘modo de vida global’ de determinado povo”. No sentido geral do termo e seu uso até os nossos dias pode-se destacar o desenvolvimento de cultura como cultivo ativo da mente. Williams distingue 3 significados usuais mais comuns: “um estado mental desenvolvido – como em ‘pessoa de cultura’, ‘pessoa culta’; (...) os processos desse desenvolvimento – como em ‘interesses culturais’, ‘atividades culturais’ (...) e os meios desses processos – como em cultura considerada como ‘as artes’ e o ‘trabalho intelectual do homem’”.

O último significado apontado pelo autor, talvez por ser o mais utilizado nos meios de comunicação, é o que fica mais presente no discurso cotidiano, contudo, nos campos

⁷ WILLIAMS, RAYMOND. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. As citações usadas estão nas páginas 10 a 13.

dos estudos acerca de cultura observam-se diferenças bastante específicas: por um lado tem-se o termo no sentido antropológico e sociológico e por outro, no de as artes ou as manifestações artísticas. Para Williams “há certa convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura como ‘modo de vida global’ distinto (...) e o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura ‘como atividades artísticas e intelectuais’”.

Informalmente, o termo *arte*⁸ é mais usado no terreno das artes plásticas e o termo *cultura* para designar todas as outras manifestações. Por consequência, arte estaria no terreno do erudito, enquanto que cultura, no do popular. No entanto, a palavra artista não designa apenas o especialista das artes plásticas: para o grande público a palavra está mais próxima dos atores popularescos da mídia massiva.

Neste trabalho, o termo *cultura* é maior que *arte* no sentido de que engloba todos os tipos de arte, seja popular, massiva ou erudita. O uso desses termos não quer expressar, aqui, uma separação do tipo melhor/pior. As escolhas estão diretamente ligadas à forma usada pelos autores citados. Ainda, os termos arte e cultura estão imbricados ao acesso do grande público (que ora é chamado de massa, ora de povo) nos diferentes momentos históricos.

⁸ A palavra *arte* é ainda mais difícil de ser conceituada de forma sucinta (já que não é o objetivo aqui discutir largamente todas as implicações do termo). Só o dicionário Houaiss, traz 25 verbetes para significar a palavra: desde a tradição filosófica platônica em que designa "*habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de forma consciente, controlada e racional*", passando pela tradição aristotélica como "*conjunto de meios e procedimentos através dos quais é possível a obtenção de finalidades práticas ou a produção de objetos; técnica*", até o uso regional em que significa travessura. Por ser o significado que mais se aplica ao uso do termo neste trabalho e mesmo sabendo de toda a problematização dos conceitos implicados nesta definição, gostaria de reter o verbete incluído na rubrica estética: "*produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana*".

No ensaio *Notas sobre a desconstrução do popular*⁹, Stuart Hall problematiza os termos cultura e popular. Sobre a gama de significados que pode ter o termo popular, o autor seleciona alguns. O primeiro que aborda é aquele que mais corresponde ao senso comum – “algo é popular porque as massas o escutam, compram, lêem, consomem, e parecem apreciá-lo intensamente”. É o termo utilizado pelo mercado e que carrega em si alguns preconceitos: ao utilizá-lo, está-se significando a massa de trabalhadores como algo inerte e manipulável ou os “que vivem permanentemente em um estado de ‘falsa consciência’”. As armadilhas desse conceito está em pensar que a “verdadeira classe trabalhadora” poderia escolher por apreciar uma cultura popular autêntica, não impregnada com os valores da indústria cultural, em ignorar “que não existe uma cultura popular íntegra”, autêntica, e que o campo da cultura é um permanente jogo de poder onde dominados e dominadores lutam sem que haja apenas manipulação. Segundo o autor, as formas de cultura popular comercial não são puramente manipuladoras, porque junto com o “falso apelo” e a trivialização há formas de reconhecimento e identificações que são aceitas por recriarem a experiência cotidiana. Imaginar um receptor “tolo cultural” ou “tabula rasa” é subestimá-lo e, igualmente, imaginar que a solução para uma sociedade mais justa é substituir uma forma de cultura massiva por outra mais aceita no padrão social hegemônico é subestimar o poder de absorção e de inserção dos meios de comunicação.

A segunda definição para o popular situa-se no terreno da antropologia: “é tudo aquilo que o povo faz ou fez (...) a cultura, os valores, os costumes e mentalidades do povo”. A primeira dificuldade apontada por Stuart Hall na aceitação dessa definição é como

⁹ HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Tradução de Adelaine La Guardia Rezende et al. Belo Horizonte; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 247 - 263.

fazer a distinção daquilo que é ou não popular a partir da expressão “tudo aquilo que o povo faz ou fez”. Ela é muito abrangente e inclui necessariamente hábitos que fogem ao terreno cultural e suas implicações. A segunda dificuldade está relacionada à categoria de “coisas que o povo faz”: é preciso pensar não numa categoria inerte de coisas ou atividades, mas em termos do que pertence ou não ao povo. Essa definição pauta-se na diferença entre aquilo que é do povo e aquilo que é da elite. Mas, sabe-se, não é possível fazer uma lista de coisas do povo e outra de coisas da elite, pois os valores mudam a toda hora. Verificamos constantemente essa valoração/desvalorização no campo da música. Num momento uma música é signo de resistência e identidade de um grupo, noutra momento é absorvida pela maioria perdendo a sua diferença em relação àquilo que é massivo. Além disso, há entidades legitimadoras daquilo que merece ser valorado ou não dentro da cultura popular e da cultura de elite: a escola e a religião são fortes determinantes na escolha do que será transmitido ou não de forma que fica difícil saber aquilo que o povo já fez. Há uma seleção e nessa lista ficam apenas aquelas formas consideradas merecedoras de valor, ou seja, representantes de uma tradição.

A terceira definição de popular abordada é aquela pela qual o autor opta: “essa definição considera, em qualquer época, as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas; que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares”. Uma definição que “privilegia as relações que colocam a ‘cultura popular’ numa tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante”. A preocupação não é com a originalidade ou autenticidade de uma forma cultural, mas com o processo pelo qual as “relações de domínio e subordinação são articuladas”.

Stuart Hall, assim, desloca o conceito para o centro de forças das lutas de classes em torno da cultura, não sem nos alertar que o “termo popular guarda relações muito complexas com o termo classe” e esse último, tal qual o primeiro, não se constitui de um campo estático.

A primeira definição apontada por Stuart Hall, é a mais aceita pelo senso comum: de maneira ingênua, coloca-se na mesma mistura a cultura popular e a de massa e, quando se fazem diferenciações, revela-se a tendência de contrapor uma forma primitiva, tradicional, pura e segregada de alguns grupos distantes da mídia à outra que está vinculada aos meios de divulgação e promoção da indústria cultural. A essa mistura, não raramente, os especialistas e os intelectuais opõem a cultura “cultura”, ou arte.

No livro *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*¹⁰, Jesús Martín-Barbero expõe as matrizes históricas que envolvem o uso dos termos cultura popular e cultura de massa antes e depois de surgirem os meios eletrônicos. Parte do que ele chama da “origem do debate”, a descoberta do “povo” pelos românticos e pelos ilustrados no início do capitalismo.

Segundo o autor, com a Ilustração o povo ganha um significado político: como grande número ele passa a representar uma ameaça por sua constante ebulição, tornando-se “instância legitimante do governo civil”¹¹. No âmbito da cultura, entretanto, o povo representa tudo aquilo que é contrário à razão: as crenças, superstições, a ignorância e a desordem.

¹⁰ MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2003.

¹¹ Idem, *ibidem*, p.36

A descoberta do povo, assim, tem dois lados equivalentes: “A racionalidade que inaugura o pensamento ilustrado se condensa inteira nesse circuito e na contradição que encobre: está contra a tirania em nome da vontade popular, mas está contra o povo em nome da razão”.¹² Responde-se ao povo colocando-o abaixo da razão: ele precisa ser governado, a ele é preciso dar a ilustração, o divertimento e as condições mínimas de sobrevivência.

O povo é a “necessidade imediata” enquanto a pequena burguesia é a detentora do saber que precisa ser dado a ele como conhecimento. É nessa diferença social, segundo Martin-Barbero, que se articula a exclusão do povo da cultura: culto passa a designar o que é da burguesia e popular o que pertence ao povo. A definição do conceito de popular, neste momento, tem como premissa designar o “in-culto”, algo que é de um grupo “que se constitui pelo que lhe falta e não pelo que é”. A ilustração deixa como fruto uma “definição do povo por exclusão, tanto da riqueza como do ‘ofício’ político e da educação”¹³.

São os românticos que fazem progredir a idéia de que para além da cultura oficial dos ilustrados existe uma outra cultura. Segundo Martin-Barbero, os românticos chegam a essa afirmação pela exaltação revolucionária, pela reação política e estética contra os ilustrados e pela exaltação do nacionalismo. O povo é pensado, pelos românticos, como alma, entidade não analisável socialmente, abaixo ou acima do movimento social, e sua cultura é vista como algo que não se mistura, não se contamina com o comércio ou com a cultura oficial. Logo a cultura do povo, numa idéia romântica, é aquela primitiva, folclórica, é a cultura-patrimônio.

¹² Idem, *ibidem*, p. 36.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 37.

A significação de povo tanto no sentido romântico como no da ilustração se dissolve no conceito de classe social na oposição entre proletariado e burguesia a partir da revolução industrial. Paralelamente ao conceito de classe social, nasce o de massa. Martin-Barbero localiza os usos dos dois termos ligando “classe social” ao marxismo, à esquerda que busca pensar o proletariado pelas relações de produção, que pensa as diferenças sociais a partir das diferenças de classes geradas na opressão que uma impõe à outra; e massa a um pensamento político de direita desencadeado “sob os efeitos da industrialização capitalista sobre o quadro de vida das classes populares”.¹⁴ Busca, portanto, as origens do surgimento do conceito de massa (em lugar de povo), não na relação com o desenvolvimento tecnológico e com massificação da sociedade e sim no pensamento de Tocqueville e sua denúncia de “uma maioria” em busca de condições igualitárias e que é capaz de “subordinar qualquer coisa ao bem-estar.” Com o nome de massa se designa pela primeira vez “um movimento que afeta a estrutura profunda da sociedade”¹⁵ e que tem poderes, justamente por se constituir da maioria, do grande número, de marcar as tendências políticas e culturais.

É, contudo, em finais do século XIX que a massa ganha uma conotação eminentemente negativa: algo que precisa ser controlado pela sua propensão à degradação da sociedade. Em 1895 (veja-se que é o mesmo ano do surgimento do cinematógrafo) Gustave Le Bon publica *La Psychologie des foules*, que busca pensar a irracionalidade da massa. Esta estaria dotada de uma “alma coletiva” que faria com que os indivíduos se comportassem de maneira diversa ao seu modo individual para agir instintivamente, compulsivamente, não havendo mais um modo individual de pensar na massa, mas um agir

¹⁴ Idem, ibidem, p. 55.

¹⁵ Idem, ibidem, p. 57 e 58 respectivamente.

coletivo sem inibições morais. Massa, nesse momento, é sinônimo tanto de um “proletariado cuja presença obscena deslustra e entrava o mundo burguês”,¹⁶ como de uma multidão irracional que precisa ser controlada.

Recorto uma passagem do livro *Cultura de massa e política de comunicações* de Waldenyr Caldas, em que, citando Le Bon, dá uma idéia do pensamento deste em relação ao poder destruidor da massa:

...a história nos ensina que, quando as forças morais, que são a estrutura de uma civilização, deixam de atuar, essa multidão inconsciente e brutal, justamente classificada como bárbara, gera a dissolução final. As civilizações foram criadas e guiadas, até esse momento, por uma aristocracia intelectual, nunca pela massa, que só tem poder para destruir e cuja hegemonia representa sempre uma fase de barbárie. (...) Com poder unicamente destruidor, as massas atuam como aqueles micróbios que aceleram a desintegração dos organismos debilitados ou dos cadáveres. Assim, quando o edifício de uma civilização está minado pelos vermes, as massas são as que produzem a derrocada final.¹⁷

O que é preciso perceber dessa passagem, para além do conservadorismo de Le Bon, é que há, ainda hoje, no senso comum e na defesa passional da “grande arte” por alguns intelectuais, a simpatia com tal pensamento. Para Martin-Barbero, a teoria da sociedade de massa que emerge do pensamento de Le Bon nega a possibilidade de se olhar para o social como espaço de dominação e de conflito, o que permitiria compreender o comportamento das massas em seu fazer cultural.

Com o pós-guerra, o eixo da economia se desloca da Europa para os Estados Unidos e a massa ganha uma nova significação, sendo colada às discussões sobre a cultura, “pois os verdadeiros problemas se situam agora nos desníveis culturais como indicadores da

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 59.

¹⁷ CALDAS, Waldenyr. **Cultura de massa e política de comunicações**. Rio de Janeiro: Global editora, 1991, p 32.

organização e circulação da nova riqueza”.¹⁸ Enquanto para alguns, especialmente para os pensadores europeus, a sociedade de massa representa a degradação da cultura, para os teóricos norte-americanos a cultura de massa representa a afirmação e a aposta na democracia¹⁹.

Ainda segundo Martin- Barbero, a partir desse ponto “a denominação do popular fica assim atribuída à cultura de massa, operando como um dispositivo de mistificação histórica, mas também propondo pela primeira vez a possibilidade de pensar em positivo o que se passa culturalmente com as massas.”²⁰ O autor recomenda veementemente que se inclua nos estudos e discussões do popular o que a massa produz e o que consome, não de um modo romântico, olhando o seu passado, mas situando-a na modernidade com todas as imbricações urbanas, mestiçagens e como espaço permanente de conflito, não apenas como um aglomerado de pessoas que passivamente recebe o que os meios oferecem. Aqui, as proposições de Hall e Martin-Barbero para o popular se encontram. Ainda que hoje se use o termo *popular* para designar o que está no gosto preferencial (ainda que em permanente mudança) da massa sobre um determinado tipo de cultura, não se colocam como sinônimos os termos cultura de massa e cultura popular. Vários teóricos se empenharam em mostrar como a cultura de massa se apropria do popular para torná-lo mercadoria.

Martin-Barbero, a partir de uma conceituação de massa que se distancia do termo pejorativo, passa a investigar as formas conhecidas da cultura de massa a partir de sua origem no popular: do folhetim ao romance moderno, do melodrama ao teatro e ao cinema modernos, esforçando-se para mostrar que a cultura apreciada pela massa é uma forma

¹⁸ MARTIN-BARBERO, Jesus. Op. cit p. 70.

¹⁹ As duas versões serão abordadas mais adiante.

²⁰ MARTIN-BARBERO, Jesus. Op. cit. p 73.

legítima de cultura e não uma arte menor, destinada aos que não tem competência cultural para desfrutar da “verdadeira arte”. O autor sustenta que a chamada “crise da cultura”, revelada principalmente pelas novas tecnologias, e que, de fato, é uma profunda transformação social, só pode ser entendida hoje (leia-se 1985), pelo movimento de enculturação²¹ das massas: “desde meados do século XVII se começa a produzir uma ruptura do equilíbrio político que tornava possível a coexistência de dinâmicas culturais diferentes, e põe-se em marcha um ‘movimento de enculturação das massas’ para um modelo geral de sociabilidade”. O autor vê nesse processo os traços preparatórios “da massificação cultural que visivelmente se desenvolverá desde o século XIX, e cuja dinâmica de homogeneização somente mostrará seu verdadeiro alcance na atualidade.”²²

Na passagem da hegemonia Européia para a Norte Americana, ao final da Primeira Guerra Mundial, o consumo requerido pela nova estrutura de produção não tinha para onde escoar, já que a grande massa populacional urbana e recém-chegada não tinha o hábito do consumo, preferindo a poupança. “Para o sistema, era indispensável educar as massas para o consumo.”²³ É então que a massa passa a ser vista como diferentes grupos de públicos a serem conquistados pela publicidade e pela produção cultural direcionada. Sendo o público

²¹ Curiosamente Martin-Barbero não explicita em nenhum momento o porquê do uso da palavra enculturação. Na tradução brasileira por vezes aparece o vocábulo enculturação e por outras inculturação. (Ver a respeito as páginas 110 e 111 especialmente). Fernando Ortiz, em *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, (Catedra; Letras Hispánicas, 2002) usa pela primeira vez o vocábulo transculturação que, segundo ele, é mais apropriado por expressar melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra. “Porque éste no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo que en rigor indica la voz angloamericana acculturation, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de neoculturación.(p 260) Por certo o autor conheceu o debate em torno do vocábulo aculturação e sua insuficiência para dar conta dos fenômenos de troca entre uma cultura e outra, contudo, tratando de fenômenos diferentes dos que trata Ortiz, tampouco quis usar transculturação. Inculturação/enculturação, no texto de Jesús Martín-Barbero, está designando o processo de repressão das culturas populares em nome da criação de uma cultura nacional ou mesmo transnacional. Martin-Barbero parte dos estudos de R. Muchembled e P. Burke na Europa.

²² MARTIN-BARBERO, Jesus. Op. cit. p. 111.

²³ Idem, ibidem, p. 205.

o sustentáculo da nova indústria cultural, o imperativo torna-se a criação de estratégias para se atingir o grande número. Surgem as revistas para camadas específicas de público: “uma imprensa capaz de atrair leitores de toda classe de cultura”²⁴, e a criação dos gêneros cinematográficos²⁵.

A relação entre arte e público certamente foi modificada pela indústria cultural, conceito forjado por Adorno e Horkheimer, no livro *Dialética do esclarecimento* publicado em 1947. Tratavam do problema da cultura de massa e criaram o termo para demarcar de forma clara a diferença entre cultura popular e de massa. No texto *A Indústria Cultural*, escrito a partir de suas conferências radiofônicas proferidas na Alemanha, em 1962, Adorno retoma o tema e deixa mais claro o conceito:

Indústria Cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores.(...) Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos seguindo um plano, produtos adaptados ao consumo.(...) A Indústria Cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada a priori e imutável.²⁶

A denúncia de Adorno de que a arte é tomada como mercadoria pela indústria cultural e adaptada ao consumo em larga escala, aponta para um receptor forjado no próprio sistema industrial. Apossando-se da “arte superior” e da “arte inferior”, a indústria cultural tira-lhes o sentido original para tornar uma acessível, no sentido de ser aceita, entendida e consumida e outra mais limpa, com um tratamento mais aceitável, fazendo

²⁴ BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: Leituras de operárias**. 4ªed. Petrópolis, Vozes, 1977. P 45.

²⁵ “Não é que a produção europeia desconhecesse os gêneros, e sim que foi em Hollywood que alguns deles foram inventados e recriados, rompendo-se com a mera transposição para o cinema de gêneros teatrais ou novelescos”. Martin-Barbero, Jesus. Op. cit p 211.

²⁶ COHN, Gargiel (org). **Theodor Adorno**. Tradução de Flávio Kothe. SP: Ática, 1986. p 92.

perder “através de sua domesticação civilizadora o elemento de natureza resistente e rude”. Adorno deixa claro que a massa à qual a indústria cultural se dirige não é “o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo”.

A premissa de que, como indústria, os meios acabariam reduzindo os públicos ao padrão de consumidor ideal, produzindo um quadro de homogeneização, é refutada por Renato Ortiz, no seu livro *Mundialização e Cultura*. Ele defende que a mundialização da cultura produzida graças às novas tecnologias não significa apenas homogeneidade de gosto, mas coexistência de culturas:

Talvez fosse o caso de abandonarmos definitivamente a noção de homogeneização, fartamente utilizada nas discussões sobre a sociedade de massa. A idéia de nivelamento cultural parece mais adequada. Ela nos permite apreender o processo de convergência dos hábitos culturais, mas preservando as diferenças entre os diversos níveis de vida.²⁷

Ortiz aponta para o perigo de se tomar a questão da tecnologia e do consumo como via de mão única: "a questão é compreender como o processo de padronização torna-se hegemônico no mundo atual (o que significa dizer que outros tipos de expressões culturais coexistem no contexto homogeneizado da sociedade global)". Ao lado da idéia corrente de uma produção homogeneizada que teria como resultado a aproximação ao máximo das segmentações de público na definição de um grupo médio, idealizado, o autor contrapõe a idéia de culturas múltiplas dirigidas ou acessadas pelos vários segmentos de públicos. No momento atual, importaria menos "produzir o maior volume de produtos para distribuí-los em massa" do que atender a públicos distintos: "não é tanto a produção em massa que

²⁷ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. esta e as próximas citações estão situadas na página 181.

conta, mas a fabricação de produtos especializados a serem consumidos por mercados exigentes e segmentados".

A leitura dos efeitos da indústria cultural e sua capacidade de inserção na vida cotidiana das massas é tema de muitos pensadores e pesquisadores. Waldenyr Caldas, tentando fazer um apanhado das discussões que marcaram o auge do debate sobre a indústria cultural, apresenta o que ele chama de “as duas versões da cultura de massa”. Como primeira versão apresenta em linhas gerais a Escola de Frankfurt e como segunda versão a Escola Progressista-Evolucionista²⁸. Embora claramente simpatizante das idéias de Adorno, busca expor, por um lado, as diferenças e por outro, pelo menos um ponto de convergência entre as escolas. O principal ponto de divergência pode ser localizado na forma como analisam o acesso da massa à cultura e o conseqüente debate sobre a perda ou não da qualidade da arte: enquanto a Escola Progressista-Evolucionista defende que a indústria cultural produziu um número cada vez maior de pessoas que se sentem aptas a conhecer a “alta cultura”, para a escola de Frankfurt os produtos dessa mesma indústria não passam de descaracterização, rebaixamento e homogeneização da arte e suas estratégias funcionam como embuste para o público totalmente manipulado para fins de consumo.

Segundo Caldas, ambas concordam no seguinte:

...embora a tendência na sociedade de massa seja a homogeneização do consumo, é inegável que ela gera níveis de gosto, audiências e consumidores diferentes. Assim, a cultura é estratificada e seu consumo é diferenciado. Noutras palavras: existe na sociedade de massa uma cultura de classe, apesar de sua tendência à padronização. E, se pensarmos bem, há uma certa lógica nesse fato. As sociedades de economia privada apresentam-se divididas em classes sociais. Esta divisão, por sua vez, é o

²⁸ “A concepção desta Escola sobre a Sociedade de Massa, diferencia-se radicalmente daquela defendida pela Escola de Frankfurt, cuja identidade com as análises marxistas é evidente. Teóricos como Alan Swingewood, Edward Shils, Daniel Bell e L. Wirt, que têm opiniões semelhantes sobre este fenômeno, integram a chamada Escola Progressista Evolucionista”. CALDAS, Waldenyr. Op cit. p 38.

elemento mais importante para diferenciar uma pessoa da outra nos planos social e econômico. (...) A cultura vai servir exatamente de elemento diferenciador de classe.²⁹

Enquanto Renato Ortiz se refere a um nivelamento cultural capaz de preservar as diferenças entre os diversos níveis de vida, Waldenyr Caldas vê a cultura como elemento diferenciador de classe. *Diversos níveis de vida* é uma expressão mais atualizada de que *classe social*, já que na sociedade contemporânea está cada vez mais difícil dizer quem pertence a uma classe ou outra. Embora se guardem diferenças de sentido entre as duas citações, por hora, apenas gostaria de reter que tanto a primeira expressão quanto a segunda apontam para a existência de produtos culturais dirigidos a diferentes grupos de receptores. O que não aparece de forma explícita, mas que está enraizada nessa diferenciação, é a questão do gosto estético como critério de valor.

AS TECNOLOGIAS E AS NOVAS FORMAS DE PERCEPÇÃO

Homogeneização de consciências, cultura de classes, gosto: esse debate está sempre em ampliação. O certo é que não é mais possível negar o irreversível desenvolvimento tecnológico do mundo que traz consigo novas formas de percepção da arte. A sensibilidade estética do mundo burguês do século XIX foi transformada definitivamente seja pela expansão do capitalismo industrial, seja pela nova forma de relação dos homens com o tempo³⁰, uma exigência dos novos padrões de trabalho e da sociedade globalizada.

²⁹ CALDAS, Waldenyr. Op cit. p 44.

³⁰ Não vou desenvolver aqui uma reflexão sobre a aceleração na vivência do tempo motivada pelo desenvolvimento tecnológico e industrial. Limito-me a apontar esse dado por suas conseqüências ao uso do chamado tempo livre.

Tendo a indústria cultural como um fato presente na sociedade atual, importa saber como os teóricos interpretam o acesso dessa massa - ora concebida como homogênea, ora estratificada em públicos diversos - à arte emergente, produto das novas formas de tecnologias, cujo expoente é o cinema.

Adorno e Horkheimer citam o cinema como prova da atrofia da atividade do espectador:

...para seguir o argumento do filme, o espectador deve ir tão rápido que não pode pensar, e como, além disso, tudo já está dado nas imagens, o filme não deixa à fantasia nem ao pensar dos espectadores dimensão alguma na qual possam mover-se por sua própria conta, com o que adentra suas vítimas para identificá-lo imediatamente com a realidade.³¹

Segundo Susan-Buck-Morss, Walter Benjamin aborda o espectador de cinema por outro ângulo: “Para Benjamin, a técnica da montagem tinha ‘direitos especiais, talvez mesmo totais’, como uma forma progressista, porque ela ‘interrompe o contexto em que se insere’ e assim ‘age contra a ilusão.’³²”

Considerando o papel do receptor para pensar a arte, Benjamin apresenta uma visão menos pessimista do fenômeno das massas em relação ao pensamento de Adorno. Martin-Barbero sustenta que Benjamin “foi o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do sensorium dos modos de percepção, da experiência social”. Para Benjamin, “pensar a experiência é o modo de alcançar o que irrompe na história com as massas e a técnica³³”.

³¹ ADORNO Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p 122.

³² BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do olhar – Walter Benjamin e o projeto das passagens**. Tradução de Ana Luiza Andrade. Editora da UFMG e ARGOS. 2003. p 97.

³³ MARTIN-BARBERO, Jesús. Op. Cit. p 84.

Pensar a experiência é admitir que estamos cada vez mais pobres dela e que “essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade.”³⁴ Não há mais volta a uma riqueza de experiências, porque os tempos são outros e agora “surge uma existência que se basta a si mesma”. Pensar a experiência é, ao mesmo tempo, conseguir entender as transformações que esse empobrecimento produz - na mesma medida em que é produzido – na e pela massa.

Uma das chaves para se entender a nova experiência está na aproximação entre homem e arte operada a partir da reprodutibilidade técnica. Essa aproximação que destruiu a aura das obras de arte produziu uma mudança nos modos de recepção: o valor da arte não é buscado numa atitude de recolhimento diante da obra, mas na percepção e no uso. Essa é a leitura de uma grande transformação social que coloca o homem, “qualquer homem”, inclusive o homem da massa próximo da arte.

É nesse sentido que Benjamim situa o cinema de modo oposto ao de Adorno: “o cinema corresponde a modificações de longo alcance no aparelho perceptivo, modificações hoje vivenciadas na escala de existência privada por qualquer transeunte no tráfego de uma grande urbe.”³⁵ Martin-Barbero ainda cita Habermas para acentuar as diferenças do pensamento dos dois expoentes da Escola de Frankfurt: “a experiência que Adorno procura desesperadamente resguardar é a que vem ‘da leitura solitária e da escuta contemplativa, quer dizer, a via régia de uma formação burguesa do indivíduo’”, e acrescenta que Benjamim deslocou-se a tempo “de uma experiência burguesa que tinha deixado de ser a única configuradora da realidade.”³⁶

³⁴BENJAMIM, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas**, volume 1. 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996 p 192.

³⁵ MARTIN-BARBERO, Jesús. Op. cit. p 87 (de Discursos interrompidos, v. I, p. 52, em nota de rodapé)

³⁶ Idem, ibidem, p. 91.

O apontamento dos novos dispositivos da recepção, cuja chave está na percepção e no uso, é feito por Benjamim no texto *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Segundo seu raciocínio “a história de toda forma de arte conhece épocas críticas em que essa forma aspira a efeitos que só podem concretizar-se sem esforço num novo estágio técnico, isto é, numa nova forma de arte”.³⁷ Desse modo situa o surgimento da mudança na recepção operada de forma visível pelo cinema, no Dadaísmo: “o dadaísmo tentou produzir através da pintura (ou da literatura) os efeitos que o público procura hoje no cinema.”³⁸ Os dadaístas operam uma re-significação da contemplação artística: como estavam menos interessados em vender suas obras do que em agir de forma contrária, tornando-as impróprias para o consumo e para a contemplação, opõem ao recolhimento da burguesia a atitude de distração:

Ao recolhimento, que se transformou na fase da degenerescência da burguesia, numa escola de comportamento anti-social, opõe-se a distração como uma variante do comportamento social. (...) Na realidade, as manifestações dadaístas asseguravam uma *distração* intensa, transformando a obra de arte no centro de um escândalo. Essa obra de arte tinha que satisfazer uma exigência básica: suscitar a indignação pública. De espetáculo atraente para o olhar e sedutor para o ouvido, a obra convertia-se num tiro. Atingia, pela agressão, o espectador. E com isso esteve a ponto de recuperar para o presente a qualidade tátil, a mais indispensável para a arte nas grandes épocas de reconstrução histórica.³⁹

³⁷ BENJAMIM, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas**, volume 1. 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996 p 192. Grifo do autor.

³⁸ Idem, ibidem, p. 191.

³⁹ Idem, ibidem, p. 191.

O Dadaísmo tem o mérito de recuperar o caráter sensível da percepção, ou seja, a percepção onírica⁴⁰, e com isso preparou o espectador para o cinema, “cujo valor de distração é fundamentalmente tátil, isto é, baseia-se na mudança de lugares e ângulos que golpeiam intermitentemente o espectador.”⁴¹”

A diferença fundamental marcada entre o dadaísmo e o cinema está posta pelo público que atingem: o cinema precisa atingir o maior número possível de público, já que depende deste para sustentar-se. A mudança está, portanto, no direcionamento ao coletivo. Assim, a massa torna-se a “matriz da qual emana uma atitude nova”⁴² em relação à arte, cujos dispositivos são a distração, a imagem múltipla e a montagem. Ela é o público que interessa aos novos artistas, já que um filme não se sustenta com uma sala vazia. O público é a moeda que paga a arte nova. Em lugar do mecenas ou da pequena parcela da elite que sustentava a pintura, a arte de contemplação, a grande figura passa a ser a massa cuja principal característica é a distração.

O que Benjamin propõe é que se percebam as transformações históricas operadas tanto na arte como em seu público: mostra em seu texto, por exemplo, que a tragédia originou-se com os gregos e se extinguiu com eles para renascer séculos depois. Benjamin volta os refletores para a necessidade de um estudo mais aprofundado e menos preconceituoso com relação às passagens históricas e as transformações sociais produzidas nela. A cisão confortante que separa a massa distraída dos indivíduos contemplativos

⁴⁰ Esse novo modo de percepção traz consigo um perigo real, posto que a forma cinematográfica é apropriada pela propaganda política do nazismo. Susan Buck-Morss adverte o leitor: “a estética faculta uma anestetização da recepção, um visionamento da cena com um prazer desinteressado, mesmo quando a cena é uma preparação, por meio do ritual, de toda uma sociedade para o sacrifício inquestionável e, no limite, para a destruição, o assassinio e a morte.” Para um estudo mais elaborado da resposta política que contém o texto de Benjamin, ler o ensaio de Susan Buck-Morss: Estética e anestética: o “ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin reconsiderado. **Travessia**. Ilha de Santa Catarina, nº33, p. 11-41, ago/dez, 1996.

⁴¹ BENJAMIM, Walter. Op cit. p 192.

⁴² Idem, ibidem, p 192.

está, pela primeira vez, questionada pela afirmação de Benjamim de que o distraído também pode habituar-se:

...o distraído também pode habituar-se. Mais: realizar certas tarefas, quando estamos distraídos, prova que realizá-las se tornou para nós um hábito. Através da distração, como ela nos é oferecida pela arte, podemos avaliar, indiretamente, até que ponto nossa percepção está apta a responder a novas tarefas. (...) *A recepção através da distração, que se observa crescentemente em todos os domínios da arte e constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas, tem no cinema o seu cenário privilegiado.*⁴³

A atitude de recolhimento do indivíduo cuja disposição para a arte é cultivada inexistente naquele que acessa a nova arte através do choque, pela percepção tátil, produzido pelo cinema. A recepção tátil se efetua menos pela atenção do que pela exposição à arte, e desse modo acaba, pelo hábito, produzindo a disposição para a recepção ótica: “no que diz respeito à arquitetura, o hábito determina em grande medida a própria recepção ótica. Também ela, de início, se realiza mais sob a forma de uma observação casual que de uma atenção concentrada⁴⁴”.

Paolo Virno, no livro *Gramática de la multitud. Para un análisis de las formas de vida contemporâneas* propõe uma forma de ler o tempo histórico atual através do conceito de multidão, preservando como uma das características dessa coletividade a atitude distraída da qual falava Benjamim. Virno sustenta que a multidão atual se caracteriza principalmente pela linguagem, pelo intelecto e situa no nascimento da indústria cultural o momento em que trabalho – poíesis - e política – práxis – deixam de ser conceitos separados para convergirem. É nesse momento que o trabalhador se torna um virtuoso

⁴³ Idem, Ibidem, p 193-194. Grifo do autor.

⁴⁴ Idem, Ibidem, p 193.

(executante sem produto material) através da linguagem, porque a faculdade comunicativa torna-se um componente essencial de cooperação produtiva:

Con el nacimiento de la industria cultural, el virtuosismo se convierte en trabajo masificado. Es ahí que el virtuoso comienza a marcar su tarjeta de ingreso. De hecho, en la industria cultural, la actividad sin obra, es decir la actividad comunicativa que se cumple en sí misma, es un elemento central y necesario. Y justamente por este motivo es en la industria cultural donde la estructura del trabajo asalariado coincidió con la de la acción política.⁴⁵

Na indústria cultural não faltam amostras do trabalho material, resultado final da produção artística; no entanto, a produção material é automatizada enquanto não só o trabalho artístico, mas todo aquele que é executado pelo homem, depende cada vez mais de sua performance lingüística, comunicativa e de sua capacidade intelectual, que deve ser entendida como faculdade de pensar, potência e não conhecimento adquirido.

A multidão atual, à diferença do que se considerou *massa* no auge da sociedade capitalista/fordista, consiste em uma rede de indivíduos que devem ser considerados como o resultado final de um processo de individuação. Dizer isso, segundo o autor, significa dizer também que existiu antes uma realidade pré-individual que consiste na capacidade de percepção dada pelos sentidos humanos - o que Virno chama de fundo biológico; a língua histórico-natural compartilhada por todos os falantes de uma comunidade, que é de todos e de ninguém ao mesmo tempo; e a relação de produção dominante. “La multitud

⁴⁵VIRNO, Paolo. **Gramática de la multitud. Para un análisis de las formas de vida contemporáneas.** Tradução Adriana Gomes, Juan Domingo Estop, Miguel Santucho. Traficantes de sueños: Madrid, 2003, p 56.

contemporânea está compuesta de individuos individuados”⁴⁶ e enquanto tal não pode ser mobilizada ou unificada por um poder estatal⁴⁷.

Em 1936, falando do limiar daquele século, Benjamim escreve: “fazer as coisas ficarem mais próximas é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através da reprodutibilidade⁴⁸”, mas parece que nesse outro século em que vivemos não há mais uma preocupação tão apaixonada para fazer as coisas ficarem próximas. Antes, o que há é uma certa apatia para procurar aquilo que não está dado. O que os produtores culturais, eu com esse trabalho, estamos propondo senão investigar o porquê de não haver um desejo de aproximação da arte que está fora do circuito comercial? Esse movimento de levar a arte a um público que não a procura por si só não é um indício de uma certa falta de interesse em fazer as coisas ficarem mais próximas?

Mas, por que insistir nessa aproximação?

Em primeiro lugar porque a diferença econômica tem amplas relações com a exclusão cultural. Expus, nas páginas anteriores, através das citações de Renato Ortiz e de Waldenyr Caldas, a questão do gosto estético como critério de valor: a hierarquização dos indivíduos segundo suas escolhas estéticas encobre um mecanismo profundo de discriminação: “ter cultura” é requisito para alcançar qualquer espaço na sociedade, inclusive um emprego digno ou o direito de falar, denunciar e reagir contra as injustiças sociais. Quando Virno coloca o termo multidão como conjunto de singularidades, quando situa o *um* da multidão se constituindo na comunicação, na linguagem, na sua capacidade

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p19.

⁴⁷ Não farei aqui uma exposição das teses de Virno, apenas gostaria de tomar o conceito de multidão como um conjunto de singularidades para pensar o que se passa hoje entre arte e público.

⁴⁸ BENJAMIM, Walter. *Op. cit.* p170.

intelectual, abre uma brecha para se pensar os *muitos* para além da impossibilidade de se mover/entusiasmar o todo: “se podría decir – com Marx, pero contra buena parte del marxismo – que la transformación radical del actual estado de cosas consiste em dar la máxima importancia y el máximo valor a la existencia de cada miembro de la especie.”⁴⁹

Em segundo lugar porque a aproximação entre a arte que está fora do mercado e o grande público permite estabelecer novos espaços imaginários para a sobrevivência da arte enquanto experimentação e descoberta e pressupõe liberdade de escolha para o receptor. Sem as múltiplas iniciativas da sociedade essa aproximação não será possível, como observa Beatriz Sarlo:

Os setores populares não têm mais obrigações do que os letrados: não é lícito esperar que sejam mais espertos, nem mais rebeldes, nem mais persistentes, nem que vejam com mais clareza, nem que representem outra coisa senão eles mesmos. Mas, em contraste com as elites econômicas e intelectuais, eles dispõem de uma quantidade menor de bens materiais e simbólicos, estão em condições de usufruto cultural piores e têm menores possibilidades de praticar escolhas não condicionadas pela pobreza da oferta ou pela escassez de recursos materiais e instrumentos intelectuais. (...) Os setores populares não dispõem de nenhum recurso todo-poderoso para compensar aquilo que uma escola em crise não lhes pode oferecer, aquilo que o ócio dos letrados pode adquirir quase que sem dinheiro, aqueles bens do mercado audiovisual que não são gratuitos ou que não se adaptam ao gosto que o mercado protege justamente porque é o gosto favorável a seus produtos padronizados.⁵⁰

Se, em nome da democratização da arte, operou-se numa concepção de cultura como produto a ser difundido de forma facilitada, no discurso do acesso à cultura, as proposições se invertem: em vez de facilitar a recepção da arte com a reestruturação das mensagens artísticas, ou seja, a adaptação das diversas formas de arte à recepção massiva,

⁴⁹ Virno, Paolo. Op. cit p. 82.

⁵⁰ SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna, intelectuais, arte e vídeo – cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997. p 120 – 121.

por um público despreparado, o caminho mais apropriado seria o de preparar o público para que possa receber as diversas formas de arte. Essa inversão, no entanto, para que fuja de uma concepção iluminista, não deveria se basear num receptor tolo cultural e nem numa forma de arte concebida como única a ser acessada ou com a conotação de “verdadeira arte”. Antes, esse preparo, seria um *predispor* à recepção, uma re-significação dos sentidos, re-sensibilização para a percepção daquilo que está distante do cotidiano imediato.

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

A pergunta que se insinua, naturalmente, seria um certo *como*.

Como enveredar no caminho da aproximação entre a arte que está fora dos circuitos de mercado e o público não predisposto a ela? A trilha se fará pela identificação afetiva, condição primeira da experiência estética.

Em 1970, sai a público, postumamente, a *Teoria Estética* de Adorno. Nela o filósofo questiona o “direito de existência” da arte. Diante do desencantamento do mundo, após Auschwitz, e frente ao indomável crescimento tecnológico, Adorno expõe toda a negatividade que cerca o lugar da obra de arte no mundo moderno. A principal crítica de Adorno, ou a que causou - e causa até hoje - mais polêmicas, é a do prazer artístico.

“Numa sociedade onde a arte já não tem nenhum lugar e que está abalada em toda a reação contra ela, a arte cinde-se em propriedade cultural coisificada e entorpecida, e em obtenção de prazer que o cliente recupera e que, na maior parte dos casos, pouco tem a ver

com o objeto”⁵¹. Para Adorno, “a experiência artística só é autônoma quando se desembaraça do gosto da fruição”⁵². Em sua crítica ao psicologismo e à doutrina Kantiana, chega à afirmação da necessidade de se extirpar qualquer vestígio de deleite e à conseqüente questão da finalidade da obra da arte. Dela deve ser afastado o caráter de práxis real.

Tornado irreconhecível, o deleite disfarça-se no desinteresse Kantiano. O que a consciência universal e uma estética condescendente concebem, segundo o modelo do prazer real, sob o ‘prazer artístico’ de nenhum modo existe provavelmente. O sujeito empírico não participa senão de um modo muito limitado e modificado na experiência artística telle quelle; deveria reduzir-se à medida que a obra adquire uma qualidade cada vez maior. Quem saboreia concretamente as obras de arte é um filistino; expressões como ‘festim para o ouvido’ bastam para o convencer.⁵³

Colocado o problema do prazer e a proposta de uma estética que o negue, o próprio Adorno lança, em seguida, a questão: “Mas, se se extirpasse todo o vestígio de prazer, levantar-se-ia então a questão embaraçosa de saber porque é que as obras de arte ali estão. Na realidade, quanto mais se compreendem as obras de arte, tanto menos se saboreiam”.

Como contraponto à sua questão, evoca o comportamento tradicional: o da admiração. Ao contrário do “prazer de ordem superior”, o sentimento de admiração faria com que o “contemplador desaparecesse na coisa” e não se incorporasse a ela. Para Adorno, só quem tem “uma relação genuína, na qual ele mesmo desaparece” não toma a arte como objeto. Ou seja, só é digno da arte aquele que a conhece a fundo: o artista e o crítico ou filósofo: “A espiritualização da arte estimulou o rancor dos excluídos da cultura,

⁵¹ ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes, 1970. p 27.

⁵² Idem, ibidem, p 20.

⁵³ Idem, ibidem, p 24.

iniciou o gênero da arte de consumo, enquanto, inversamente, a aversão contra a última impeliu os artistas para uma espiritualização cada vez mais radical... O conceito de deleite artístico foi um compromisso infeliz entre a essência social da obra de arte e a sua natureza antitética a respeito da sociedade”.⁵⁴

Se, para Adorno, o objeto estético exige da parte do contemplador o conhecimento (exige que se penetre na sua verdade e na sua não verdade) fica, como tarefa dos artistas e do crítico a educação estética daquele que contempla. O sujeito empírico que não tenha tido a sorte de nascer numa comunidade iniciada na arte, fica assim, num primeiro plano, inabilitado para o desfrute da arte. Adorno mostra duas opções ao produtor cultural: conceber a arte como naturalmente maior do que o sujeito que a contempla e, portanto, inacessível a ele de modo que apenas aqueles que têm competência cultural possam participar da experiência estética; ou iniciar (não aponta meios) uma educação estética baseada na reflexão sobre a arte, dissociada de um uso prático referente à cotidianidade e não baseada no desejo ou no prazer.

Com uma clara intenção polêmica, em 1972, Hans Robert Jauss escreve a sua *Pequeña apologia de la experiencia estética*. Apenas dois anos depois da *Teoria Estética* de Adorno, Jauss faz uma conferência pública no XIII Congresso Alemão de História da Arte em Constanza e esta é publicada em seguida, apenas acrescida da última parte, dedicada à função comunicativa da experiência estética. Segundo o que escreve Daniel Innerarity⁵⁵ na introdução ao livro “és una defensa apasionada del arte, del gozo estético frente a las estéticas de la negatividad y la seriedad intelectualista del arte ascético, desde Platón hasta Adorno. Contra la oposición entre gozo y trabajo, arte y conocimiento, en ella

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p 25.

⁵⁵ Daniel Innerarity é o tradutor para a versão em espanhol.

se afirma que gozar es la experiencia estética primordial”.⁵⁶ Segundo ele, Jauss se situa entre os que consideram que a arte possui um carácter cognitivo de modo que a percepção estética não é nem o conhecimento máximo nem a pura recepção do indizível.

O conceito de experiência estética está entre duas posições extremas⁵⁷: por um lado está o que se pode chamar de “hiperestética” - teorias que negam uma racionalidade específica do comportamento estético em nome de um conceito integral de verdade e conhecimento formulado a partir do paradigma da arte. A experiência estética é o modo privilegiado do conhecimento – esta é a posição de Adorno, por exemplo; no outro extremo estariam as “miniestéticas” - teorias caracterizadas por negar uma racionalidade específica do comportamento estético em nome de um conceito estrito de racionalidade, inalcançável para a percepção estética, assim, não pode haver uma lógica especial para a argumentação estética, porque o encanto aparente dos objetos estéticos não é compatível com qualquer missão de transmitir significações. Desse ponto de vista, a experiência estética está desligada de toda a relação cognitiva e significativa com o mundo. O posterior processo de elaboração do recebido já não é estético, pois estética é a vivência, é o que acontece no momento em que o receptor é arrebatado do curso das coisas. Esta é a posição de Nietzsche, Valéry, Bataille e Kant (da Analítica), segundo Innerarity.

O conceito de experiência estética de Jauss se situa entre os dois extremos. A sua posição é a de intermediação: “Frente a las demás formas de acción, la acción estética consiste fundamentalmente en que los que así actúan se perciben y experimentan como comprometidos en su mundo: en la representación de situaciones características cuyo

⁵⁶ JAUSS, Hans Robert. **Pequeña apologia de la experiencia estética**. Tradução de Daniel Innerarity. Barcelona: Paidós Ibérica, 2002. p 10.

⁵⁷ Faço aqui uma paráfrase do texto de Innerarity.

contenido experiencial descubren imaginativamente a partir del depósito de su experiencia anterior”⁵⁸

Dizer que a arte seja um lugar de experiência, é dizer que os seres humanos aprendem algo de si e do mundo para além do gozo estético. A experiência estética é portanto gozo e conhecimento, sem separação.

Jauss descreve a experiência estética privilegiando o ponto de vista da recepção⁵⁹ e critica Adorno especialmente por pensar a obra separadamente do seu receptor até o ponto de considerar apenas negativa a forma de pensamento que pressupõe um receptor que interfere na obra:

...Adorno desconfía tanto de la experiencia practica del arte en la era de la industria cultural que le niega toda función comunicativa en la sociedad, y destierra al público a la soledad de una experiencia en la que ‘el receptor se olvida de sí mismo y desaparece en la obra’. No se ve, sin embargo, cómo el solitario espectador, al que Adorno niega todo goce artístico y sólo concede ‘sorpresa’ o ‘sacudida’, puede llegar desde la recepción contemplativa a la interacción dialógica. En esta medida la estética de la negatividad, que Adorno desarrolla como terapia frente a la industria cultural, deja abierta la pregunta acerca de cómo se franquea el abismo entre la praxis presente y el arte como *promesse de bonheur* para la experiencia estética, y como ha de ser conducido el solitario y sorprendido espectador, mediante la experiencia comunicativa del arte, a una nueva solidaridad de la acción.⁶⁰

A experiência estética, para Jauss, proporciona um espaço de jogo frente à própria experiência, na medida em que as obras de arte não tiram o receptor de seu mundo da vida

⁵⁸ JAUSS, Hans Robert. Op. cit p 15.

⁵⁹ “[Jauss é] conocido fundamentalmente por haber fundado la Escuela de Constanza y como cabeza visible de la llamada ‘estética de la recepción’, um enfoque hermenêutico de las artes y la literatura, és uno dos renovadores más radicales de la estética contemporánea”. p. 10

⁶⁰ JAUSS, Hans Robert. Op. cit, p 50-51.

prática, mas abrem espaço à liberdade necessária para perceber e modificar essa experiência cotidiana:

Do ponto de vista de la recepción, la experiencia estética se distingue de otras funciones del mundo de la vida por su peculiar temporalidad: hace ver las cosas de nuevo y proporciona mediante esta función descubridora el goce de un presente más pleno; conduce a otros mundos de fantasía y suprime en el tiempo la construcción del tiempo; anticipa experiencias futuras y abre así el campo de juego de acciones posibles; permite conocer lo pasado o lo reprimido, conservando de este modo el tiempo perdido.(...) La percepción estética modifica a quien percibe, aunque sólo sea porque hace nuevamente eficaz la peculiaridad del contenido estético frente a una rutinaria hacia los objetos.⁶¹

A *Pequeña Apología de la Experiencia Estética* é apresentada em cinco teses. A primeira, parte da discussão sobre a oposição entre trabalho e desfrute e já apresenta uma ruptura com o pensamento tradicional: para Jauss a justificativa de que o prazer estético seja uma coisa e a reflexão sobre a arte seja outra, não passa de “un argumento de mala consciência”:

La actitud de goce, que desencadena y posibilita el arte, es la experiencia estética primordial; no puede ser excluida, sino que ha de convertirse de nuevo en objeto de reflexión teórica, si actualmente es importante para nosotros justificar ante sus detractores la función social del arte y de la ciencia a su servicio, tanto frente a los intelectuales como frente a los iletrados.⁶²

Hoje o termo gozo, desfrute⁶³ - "tener uso o provecho de una cosa" - perdeu seu significado primeiro como modo de apropriação do mundo e autoconsciência e que

⁶¹ Idem, ibidem, p 18.

⁶² Idem, Ibidem, p 31.

⁶³ Roland Barthes trata das diferenças e semelhanças em que estão inscritos os termos gozo (*jouissance* - traduzido como prazer) e fruição no livro *O prazer do texto*: “Prazer do texto, texto de prazer: essas expressões são ambíguas porque não há palavra francesa para cobrir ao mesmo tempo o prazer (o contentamento) e a fruição (o desvanecimento). O prazer é, portanto, aqui (e sem poder prevenir), ora extensivo à fruição, ora a ela oposto. Mas devo me acomodar com esta ambigüidade; pois, de um lado, tenho necessidade de um ‘prazer’ geral, toda vez que preciso me referir a um excesso do texto, àquilo que, nele, excede qualquer função (social) e qualquer funcionamento (estrutural); e, de outro, tenho necessidade de um ‘prazer’ particular, simples parte do Todo-prazer, toda vez que preciso distinguir a euforia, a saciedade, o conforto (sentimento de repleção em que a cultura penetra livremente), da agitação, do abalo, da perda,

legitimou, em outros tempos, o trato com a arte. Na atualidade a atitude de prazer se enreda antes, numa falsa consciência da cultura de consumo. O prazer para os que querem as coisas mais fáceis para desfrutar sem pensar. Assim, quando o receptor é pensado na teoria da arte, é concebido como alguém a ser educado contra sua inclinação ao prazer, transformando a sua empatia em reflexão e crítica. Só é objeto de estudo aquela atitude que ultrapassa a primeira relação de identificação do receptor com o objeto ou com o espetáculo. A experiência estética considerada genuína é somente aquela que se dá quando extirpa de si todo o prazer e o eleva ao cunho de reflexão.

O que Jauss propõe, ao recuperar o direito do receptor ao gozo como experiência primordial é que se ultrapasse o pressuposto de que a reflexão estética seja o fundamento de toda a recepção.

A experiência estética considerada mais de perto mostra que o gozo estético se distingue do simples prazer dos sentidos, pois a consciência imaginativa libera o homem do seu cotidiano e o capacita para uma outra experiência. Na medida em que o gozo estético se distingue, se separa do trabalho prático da vida cotidiana para dar lugar a uma outra experiência, foi constituída uma função social por meio da qual a experiência estética se destaca: como na arte antiga que desempenhava uma função social e comunicativa na medida em que transmitia normas para a ação.

próprios da fruição.”(27) e mais adiante: “o prazer é dizível, a fruição não o é.” (28) BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. 4ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2004.

Há ainda, em Kant, uma outra palavra em relação com o gozo (Genuss): o deleite (vergnügt). [Gozo] é a “palavra com que se designa o íntimo do deleite”. KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e António Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

Se, na primeira tese Jauss recupera o gozo estético, na segunda recupera o valor cognitivo da experiência estética:

La liberación por medio de la experiencia estética puede efectuarse en tres planos: para la conciencia productiva, al engendrar el mundo como su propia obra; para la conciencia receptiva, al aprovechar la posibilidad de percibir el mundo de otra manera, y finalmente – y de este modo la subjetividad se abre a la experiencia intersubjetiva -, al aprobar un juicio exigido por la obra o en la identificación con las normas de acción trazadas y que ulteriormente habrá que determinar.⁶⁴

O gozo estético, então, pode ser associado ao conhecer e ao atuar: o receptor sai de uma atitude passiva e de entrega ao prazer, para a liberação da consciência produtiva, receptiva e intersubjetiva ou comunicativa. Assim, a experiência estética é sempre liberação de e liberação para, como, já podemos adivinhar, está posto na teoria aristotélica da catharsis.

Jauss afirma que a tradição ocidental da reflexão teórica da arte está totalmente voltada ao conceito platônico do belo e que seria interessante, senão necessário, descobrir ou redescobrir a práxis produtiva, receptiva e comunicativa da arte na história da cultura européia. Ele assim o faz, através da retomada dos conceitos de *poiesis*, *aisthesis* e *catharsis*. O termo *poiesis* – capacidade poética - designa a experiência estética fundamental de que o homem, através da sua produção artística se familiariza com o mundo, obtendo nessa atividade um saber que se distingue do conhecimento conceitual da ciência e também do fazer instrumental. A capacidade poética presente na construção do objeto artístico marca a separação entre o trabalho comum do cotidiano e o trabalho

⁶⁴ JAUSS, Hans Robert. Op cit, p 41.

artístico. A *aisthesis* designa a experiência estética fundamental, dada pela obra de arte, de renovar a percepção das coisas, embotada pelo costume. A *catharsis*, termo que mereceu maior reflexão por parte de Jauss neste texto, designa a experiência estética fundamental de que o contemplador, na recepção da arte, se desliga da vida cotidiana através da satisfação estética e retorna a uma identificação comunicativa ou orientadora da ação.

O processo de emancipação da arte no século XVIII levou à oposição entre conhecimento racional e conhecimento mediante os sentidos e, embora essa perspectiva tenha sido retomada tanto pelos artistas como pelos teóricos da arte na segunda metade do século XIX como protesto contra a vulgarização estética operada pela arte industrial, o contexto dessa oposição, segundo Jauss, não foi suficientemente descrito.

Para recuperar esse debate, Jauss chega ao conceito elaborado por Fiedler de arte “como pura visibilidade”. Segundo essa teoria, o homem pode alcançar o domínio espiritual sobre o mundo através da intuição, entendida como um ver liberado de todo saber preconcebido. A percepção estética assim entendida só pode surgir de uma desconceitualização do mundo. Ao mesmo tempo, segundo Jauss, Valéry descreve a função cognitiva da percepção estética como um processo de aprendizagem em que o olhar se liberta dos hábitos, das orientações prévias, dos significados já sabidos. Para Valéry, nossa percepção estaria tão embotada que só vemos o que esperamos ver. É só quando nos liberamos dos conceitos, dos hábitos, que participamos verdadeiramente da experiência estética.

Esse olhar puro, porém, não encerra a experiência, pois o receptor está, desse modo, aberto ao convite ao olhar produtivo, recuperando assim, de um modo novo, participativo com o objeto, a função cognitiva da experiência, já que quem percebe esteticamente uma pintura adquire um novo conhecimento. Mas, o princípio da arte como pura visibilidade

não se limita a liberar a percepção de um saber orientador. A recuperada função cognitiva “hace surgir ante nuestros ojos, a la vez que la coseidad perdida, una articulación entre las cosas que se nos había vuelto desconocida, la ‘articulación de un mundo’”.⁶⁵

Jauss sustenta que pela teoria de Valéry e graças à pintura de Cézanne, foi possível abrir à arte moderna “unas posibilidades de ofrecer la experiencia estética contra la coacción de una experiencia instrumentalizada en un mundo alienado”.⁶⁶

Como terceira tese, Jauss sustenta que é neste processo de recuperação da função cognitiva, em que tomaram parte tanto a experiência estética produtiva como a receptiva, a partir da metade do século XIX que,

la experiencia estética ha recibido, en el plano de la *aisthesis*, una tarea contra el mundo de la vida cada vez más instrumentalizado que no se había planteado hasta ahora en la historia de las artes: oponer a la experiencia atrofiada y al lenguaje servil de la sociedad de consumo una función crítica e creativa de la percepción estética y, a la vista de la pluralidad de funciones sociales y de las versiones científicas del mundo, hacer presente el horizonte del mundo común a todos y que el arte puede visualizar como un todo posible o realizable.⁶⁷

A oposição entre experiência estética e práxis moral, segundo Jauss, não é um efeito necessário da arte. Passou-se a pensar sobre ela quando qualquer modelo didático ou exemplar ou qualquer identificação ou simpatia pelo herói foi considerado uma banalidade e uma blasfêmia contra a arte autônoma. Para responder à questão de como se poderia superar a oposição entre experiência estética e práxis moral, Jauss recupera a *catharsis*, conforme a descreve Aristóteles, como propriedade essencial da experiência estética.

⁶⁵ Idem, ibidem, p. 71.

⁶⁶ Idem, ibidem, p. 71

⁶⁷ Idem, ibidem, p 73.

Para Jauss, a estética da negatividade está presa na contradição de pressupor a consciência emancipada de um espectador já formado no trato com a arte e que haveria de se liberar mediante o processo comunicativo ou consensual da experiência estética. Frente a essa contradição, apresenta a sua quarta tese:

Se estrecharía la función social primaria de la experiencia estética si el comportamiento hacia la obra de arte quedara encerrado en el círculo de la experiencia de la obra y la experiencia propia, y no se abriera a la experiencia ajena, lo que desde siempre se ha llevado a cabo en la praxis estética en el nivel de identificaciones espontáneas como admiración, estremecimiento, emoción, compasión, risa, y que sólo el esnobismo estético ha podido considerar como algo vulgar.⁶⁸

É somente a partir dessa identificação espontânea, e não a partir das reflexões que suscitam, que a arte pode transmitir normas de ação. É também a partir delas que se abre a possibilidade de identificação com o herói que, no entanto, é ambígua no sentido de que enquanto espaço comunicativo pode modificar comportamentos na quebra de normas e na re-configuração que orienta a ação, mas o espectador, tem também o direito de liberar-se para um prazer puramente individual. Esta ambivalência fundamental é o preço a ser pago pela catharsis pela mediação do imaginário.

Contudo, a experiência estética não se esgota na alternativa entre um efeito emancipador e um efeito conservador da arte na sociedade. Jauss sustenta que entre os extremos de uma função transgressora de normas e outra cumpridora de normas, há uma outra opção no campo da função comunicativa da arte, que é a configuradora de normas.⁶⁹

⁶⁸ Idem, ibidem, p 76.

⁶⁹ As diferentes funções são associadas ao tipo de identificação com o herói. Jauss apresenta uma tabela de tipos de identificação estética com o herói, a sua relação com a disposição receptiva, e as normas de comportamento do espectador. p 87 e 88.

Do ponto de vista da comunicação, a experiência estética se dá, quando ao espectador/ receptor é dado o direito de aprovação, de “aceitação na liberdade” como já apontou Kant no juízo do gosto. Jauss recupera Kant, como o pensador “que é uma autoridade indiscutível”, único que apresenta a “receita” de como pode a arte afirmar sua negatividade frente à realidade social mantendo a sua função configuradora de normas: “el juicio estético puede proporcionar ejemplos tanto de un juicio desinteresado, no condicionado por una necesidad, como de un consenso abierto, no determinado principalmente por conceptos y reglas.”⁷⁰ A remissão do juízo estético à aprovação dos demais possibilita a participação em uma norma constituinte e, ao mesmo tempo, constrói a sociedade no pluralismo estético. Jauss sustenta que a *Crítica do juízo* de Kant fez época pela subjetivação da estética, enquanto que seu conceito pluralista de juízo estético que remete a uma aprovação foi esquecido. E só ganhou atualidade agora, diante de uma indústria cultural dominante e dos efeitos dos meios de comunicação de massa. Assim, a tentativa de recuperar a função comunicativa da experiência estética resulta numa positivação dessa experiência. Diante de tal positivação a estética da negatividade não deve “retroceder assustada” senão que traduzir novamente as formas transgressoras de normas ou de identificação irônica numa função configuradora de normas. Se a experiência estética não se caracteriza apenas na criação na liberdade, mas também pela aceitação, isto é, no âmbito da recepção, na liberdade, o consenso aberto, não determinado por conceitos e regras, mas pelo exemplar, dá ao comportamento estético uma significação mediada pela praxis da ação. O receptor joga com os valores preestabelecidos e os que a obra adquire no momento da recepção, portanto ele interfere na obra, faz uma escolha e acrescenta seu próprio julgamento.

⁷⁰ JAUSS, Hans Robert. Op cit, p 93.

Na última tese Jauss se ocupa em mostrar que a pequena apologia da experiência estética em confronto com a teoria da negatividade aponta para a “parte débil” da teoria da recepção conforme foi apresentada por ele na lição inaugural de Constanza”.⁷¹ Esta teoria, segundo a qual a obra de arte descansa em sua historicidade, em seu efeito ao largo do diálogo com o público, entende a relação entre arte e sociedade na dialética de pergunta e resposta, contudo (e aí está a parte débil) a lógica propedêutica e seu modelo de argumentação dialógico-lógico se encontra com "unas verdades pré-decuidadas" no consenso procedimental não discutido. No caminho da arte pré-autônoma esgotou-se as possibilidades de fazer justiça às suas funções práticas, comunicativas e configuradoras de normas:

Se recortan las funciones sociales primarias de la experiencia estética cuando se sitúa en el marco categorial de la emancipación y la afirmación, de la innovación y la reproducción, y la negatividad constitutiva de la obra de arte no es articulada con su concepto antagónico desde el punto de vista de la recepción estética: el de la identificación.⁷²

E argumenta que, entre uma postura negativa que apenas constata as impossibilidades e se fecha em seu pessimismo, e outra que, mesmo no erro, continua investigando novas possibilidades de se ler a situação da arte e da recepção na contemporaneidade, fica com a segunda:

en esta dirección veo tareas e posibilidades de la investigación en teoría literaria y artística que se abandonarían si ésta quisiera dejar su situación apologista y retroceder hacia el coleccionismo de antigüedades o el

⁷¹ Idem, ibidem, p 93. (JAUSS, Hans Robert. **A literatura como provocação**. Tradução de Teresa Cruz. 1ª ed. Lisboa: Passagens, 1993).

⁷² Idem, ibidem, p 94.

monumentalismo, en vez de hacerse cargo de los derechos conquistados a partir de su defensa y de la fundamentación de nuevas obligaciones que también se han hecho visibles gracias a su impugnación.⁷³

Esse longo trecho dedicado a fazer uma leitura da *Pequeña apologia da experiência estética* de Jauss justifica-se pela necessidade, pelo menos para os fins desta pesquisa, de recuperação do sentido de prazer/gozo numa perspectiva que deixe para trás os preconceitos, a carga pejorativa que a identificação com a arte pelo prazer dos sentidos foi ganhando a partir da consolidação da cultura de massa, cujos efeitos, principalmente a indução ao consumo através da apropriação desta pelo princípio do prazer, foram combatidos em nome da emancipação e autonomia da arte.

A partir da constatação de que há uma certa falta de desejo ou interesse em usufruir a arte pelo grande público, como investir no caminho da aproximação sem levar em conta a necessidade de identificação pelo princípio do prazer? Como fazer o público aceitar o convite para desfrutar de uma arte que está menos exposta e que pode ser interessante à medida que se vai conhecendo? Por que esse sujeito distraído misturado à multidão contemporânea se disporia à reflexão senão pela primeira identificação através dos sentidos?

A recuperação do princípio do prazer, da identificação afetiva através dos sentidos, como fica claro no texto de Jauss, não é nunca contrária a idéia de conhecimento. A atitude de prazer não nega a atitude de reflexão, antes, abre a possibilidade à disposição de espírito para a reflexão. Nesse caminho, chega-se ao que Michel Mafesoli chama de “fruição

⁷³Idem, *ibidem*, p 95.

pensante”⁷⁴. Para ele, a função cognitiva ligada ao prazer estético é superior à abstração do saber conceitual: fórmula que ele estende a todas as dimensões da vida propondo um pensamento acariciante em que o sensível não é um momento a se superar no quadro de um saber que se depura, mas elemento central do conhecimento.

A aposta na aproximação entre o público e a arte através da exposição das informações sobre obra, artista e contexto, ou dito de outro modo, das chaves conceituais para o entendimento, resultaram infrutíferas nas investidas recentes, segundo Canclini.⁷⁵ Em *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* ele faz uma pergunta que chama de prática: “é possível abolir a distância entre os artistas e os espectadores?” e segue expondo duas críticas possíveis à contextualização pedagógica que pretendeu dar o máximo de informação possível aos novos e despreparados visitantes com a colocação de etiquetas, cartazes instrutivos, sinais de trânsito e visitas monitoradas. Segundo Canclini, a contextualização da obra iria prejudicar a contemplação desinteressada que deveria caracterizar toda a obra de arte. Essa crítica parte do princípio de que “os esforços didáticos reduzem a obra ao contexto, o formal ao funcional, a relação empática com uma cultura incorporada na família e na escola à relação explicada com informações aprendidas em museus desencantados”. Como última análise, a contextualização das obras aumenta sua legibilidade, mas consegue pouco quanto à incorporação de novos padrões perceptivos: os resumos fornecidos no instante da visita não dão conta de tudo o que as obras trazem de conhecimento implícito. A tentativa de democratizar a arte levando-a aos lugares

⁷⁴ MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckbruck. 2ª ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p 196.

⁷⁵ CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lesa. São Paulo: Edusp, 2003. p 99 –157.

dessacralizados como praças públicas, ruas, campo, também resultou infrutífera por obrigar o artista a direcionar a sua criação a um fim: a exposição em espaço público.

As críticas de Canclini estão claramente direcionadas ao jargão político da *cultura para todos*. As ações empreendidas no México, segundo ele, em nome da democratização da cultura, foram sempre isoladas e pontuais e serviram apenas pra promover alguns governos encobrindo uma séria questão, qual seja, a da relação do povo com a arte para além do acesso físico. Canclini aponta o problema da apropriação, da visita enquanto criação de sentido na relação sujeito-obra. Para ele, interessa saber quais os padrões de percepção e compreensão a partir dos quais os públicos se relacionam com os bens culturais e que efeitos geram em sua conduta cotidiana e em sua cultura política. Conclui que se há uma via de aproximação entre arte e público, esta via está muito além das ações pontuais, está na escola: “a alta proporção de público com formação universitária indica que o interesse pelos museus de arte moderna cresce à medida que aumenta o nível econômico, o educativo e a familiarização prolongada com a cultura de elite⁷⁶”.

Esse estudo coincide com o de Pierre Bourdieu e Alain Darbel conforme relatado no livro *O Amor pela Arte: os museus de arte da Europa e seu público*⁷⁷, com base em pesquisa realizada em museus na França, Espanha, Grécia, Itália, Holanda e Polônia em 1964 e 65. Bourdieu expõe que a freqüência aumenta gradativamente à medida que cresce o grau de instrução o que indica que o gosto é também efeito da ação escolar. No entanto, o público que vai ao museu em visitas ocasionais proporcionadas pela escola ou pelas empresas de turismo, não se torna freqüentador assíduo. A influência da escola na formação

⁷⁶ CANCLINI, Nestor Garcia. Op cit p.145

⁷⁷ BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.

do hábito só é determinante quando há uma sistematização das visitas, ou seja, ir ao museu passa a fazer parte do cotidiano escolar. Não é apenas o fato de ir ao museu por influência da escola o que determina o gosto, mas a competência cultural adquirida através da instrução que a escola proporciona:

Fica comprovado, portanto, que a intensificação da ação da Escola é o meio mais eficaz para fazer crescer tal prática – ou seja, a frequência dos museus, teatros ou concertos, assim como a leitura e a escuta dos programas culturais de rádio e televisão - , ao mesmo tempo que ela é a condição necessária da eficácia de qualquer outro meio; ou, por outras palavras, os investimentos alocados aos equipamentos culturais são pouco rentáveis na falta de investimentos destinados à instituição escolar, única capaz de ‘produzir’ os utilizadores desses equipamentos.⁷⁸

Foi aceitando essa premissa, facilmente comprovável ainda hoje, que investi na ligação cultura-escola, não numa perspectiva arte-educadora ou no contexto da sala de aula, mas concebendo a escola como o lugar onde o receptor em potencial pode receber o convite para desfrutar a arte, o que tem a ver mais com a indicação de caminhos para o uso do tempo livre do que com o ensino da arte. A participação da escola na aproximação entre arte e público não está diretamente ligada apenas na preparação de seus alunos para a decodificação dos signos de uma arte que precisa, hoje, de mediação - seja pelos níveis de vida, seja pelas condições de acesso à cultura - senão também para que eles possam ter liberdade de escolha através do conhecimento do que existe como opção e predisposição para a fruição.

⁷⁸ BOURDIEU, Pierre. Op cit. p. 159-160.

RELATO DA OBSERVAÇÃO: CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS E BASES DA PESQUISA

Tendo como fio condutor as reflexões dos teóricos apresentados no capítulo anterior procurei, através de uma pesquisa de campo, observar se a exposição a uma programação cultural diferenciada daquela difundida nos meios de comunicação de massa produziria alguma mudança de atitude na recepção⁷⁹ de um público que não tem o hábito de frequentar os locais e os eventos de cultura da cidade. Parto, portanto, da hipótese de que há um certo público em potencial para além dos frequentadores habituais das programações oferecidas e que delas estaria excluído por falta de acesso material e intelectual.

Busquei o que convencionei chamar de público em potencial em escolas próximas ao local onde os espetáculos seriam oferecidos: o Centro de Eventos do Shopping Itaguçu⁸⁰. A opção pela escola pautou-se no pressuposto de que esse é um espaço de legitimação de culturas e um meio eficaz para sistematizar a participação, já que abriga um grupo previamente organizado em torno da busca de formação.

Julguei necessária, para garantir a liberação dos alunos em noites de espetáculos e que certamente coincidiriam com o horário de aula, a adesão de pelo menos um professor da escola, que organizaria o grupo para a saída e garantiria a chegada ao local do espetáculo. A formação de um grupo de alunos (ou um grupo da mesma sala de aula ou de

⁷⁹ A programação cultural oferecida aos grupos que fizeram parte da pesquisa foi baseada nos espetáculos de música e de teatro dos projetos Palco Giratório, EMCENA Catarina, Circuito Catarinense de Música e Sonora Brasil, todos promovidos pelo SESC em 2003. CF catálogos anexos.

⁸⁰ Esse espaço é adaptado para receber espetáculos. É curioso que se abra a uma programação que se caracteriza por tentar estar fora dos circuitos de mercado, no entanto, há que se dizer o óbvio: interessa-lhe sempre a perspectiva de ampliação de público seja este qual for. Mais adiante abordarei a relação desse público objeto de minha pesquisa com o “shopping center”.

salas diferentes, a critério da escola) foi uma pré-condição, primeiro pelo fato de o espaço não comportar o público de uma escola inteira e, segundo, porque a observação a que me propunha não daria conta de um número tão grande de informantes.

Das duas escolas convidadas, ambas públicas, só houve a formação do grupo em uma delas. Na outra, não houve o interesse de nenhum professor em participar, já que a oferta não correspondia à expectativa de que os espetáculos oferecidos estivessem ligados ao conteúdo curricular a ser trabalhado nas aulas de literatura ou de artes.

No início das negociações com a escola que aceitou o convite para a formação do grupo, recebi o pedido de uma professora de artes de uma escola da rede particular, fisicamente distante do local dos espetáculos, para participar do trabalho. Pela manifestação de interesse da professora e da escola de modo geral, foi formado outro grupo, com alunos que participavam de um curso de teatro oferecido pela professora fora do horário de aula. A proposta da escola, especialmente da professora de artes e dos membros da APP⁸¹, era o de proporcionar a esse grupo e aos outros alunos que tivessem interesse, o contato com as mais diversas linguagens da arte.

Assim, a amostra se definiu por um grupo de 15 alunos de uma escola pública e 14 de uma escola particular e que vivem situações muito diferentes, senão antagônicas. Embora no início a proposta fosse trabalhar com duas escolas públicas, a inclusão da escola particular na amostragem acabou tendo um efeito interessante de contraste, não só pelo perfil dos alunos, mas também pela atuação da própria escola.

A Escola Básica Municipal Altino Corsino da Silva Flores, conhecida por todos como Altino Flores, situa-se no bairro Santos Dumont, antigo Procasa, próximo ao Sesi de

⁸¹ Associação de pais e professores.

Campinas e ao Shopping Itaguaçu, em São José, exatamente na divisa com o município de Florianópolis. Muito próxima, portanto, da favela Chico Mendes no bairro Monte Cristo. No período noturno, atende cerca de 300 alunos de ensino fundamental e médio através do projeto de Educação de Jovens e Adultos, EJA⁸². Embora a escola tenha projetos significativos em atividades extraclasse, como por exemplo, a banda marcial “BAMAF” e o grupo de dança, ambos premiados em vários festivais estaduais, os alunos de Educação de Jovens e Adultos não participam de nenhum deles, tendo em vista as características próprias e o objetivo desse tipo de estudo: a conclusão da etapa de formação não cumprida no período regular.

O convite à participação na pesquisa foi dirigido a esse conjunto de alunos pela orientadora escolar que, no dia previamente marcado, foi quem reuniu o grupo de 15 alunos do ensino fundamental que demonstraram interesse em participar, para a aplicação do questionário inicial que será abordado adiante. A maior parte do grupo são mulheres entre 20 e 25 anos, mães casadas ou solteiras. Em número menor, os meninos estão na faixa de idade entre 14 e 15 anos. Do total de alunos, 11 têm faixa salarial entre R\$500,00 e R\$900,00, 3 recebem entre R\$1000,00 e R\$1900,00 e 1 não sabe a renda⁸³.

Já bem diferente é o Colégio Nossa Senhora de Fátima: particular, administrado pelas irmãs salvatorianas, atende desde a educação infantil até o ensino médio. Seu slogan, “educar para a vida”, está firmado num “ideal de formação humana e cristã que concebe a

⁸² O EJA – educação de jovens e adultos – é um projeto da prefeitura municipal de São José criado para atender de forma intensiva os alunos que estão atrasados em relação ao curso regular de ensino fundamental ou médio. Para se matricular no EJA no ensino fundamental, 2º ciclo (antigas 5ª a 8ª séries), os alunos devem ter 15 anos ou mais, ou completar 15 anos no semestre em que se matriculam. O EJA oferece todas as disciplinas do curso regular com exceção de Língua Estrangeira e os alunos cursam em um semestre as disciplinas que, no curso regular, são previstas para um ano.

⁸³ Cf. tabela 1, anexo B, p 143.

pessoa em suas relações⁸⁴”. A escola mantém várias atividades e eventos esportivos, de música e de teatro: campeonatos, olimpíadas, festival de bandas, aula de interpretação e o grupo de teatro que fica encarregado de apresentar espetáculos ligados às datas comemorativas. Está situada no Estreito, próximo ao SESC. Os alunos que formaram o grupo para a pesquisa foram convidados pela professora de artes, estão matriculados no período matutino no ensino médio, portanto, regular, e foram aos espetáculos no período noturno, fora do horário de aula. As faixas de renda informadas variam entre R\$1000,00 e R\$3000,00⁸⁵, bem acima daquelas informadas pelos alunos da escola pública. Nesse grupo também há um número maior de meninas: elas são 8 e os meninos, 6. Dos 14 inscritos, 10 tem idade entre 13 e 15 anos. Os outros 4 alunos têm entre 16 a 19 anos, faixa em que, curiosamente, não há nenhum aluno da escola pública.

Com a intenção de conhecer o que cada um elegia como atividade para o tempo livre, saber os locais de cultura mais frequentados e perceber em que medida a leitura, a internet, o teatro, o cinema, os shows e concertos faziam parte do cotidiano dos alunos em questão, apliquei um questionário⁸⁶ na primeira visita às escolas.

O questionário está organizado em 3 partes: a primeira solicita informações sobre idade, renda, sexo, profissão e escolaridade dos alunos; a segunda parte apresenta duas questões sobre o tempo livre; e a terceira, com 21 questões, indaga sobre a frequência a atividades específicas de cultura: música, teatro, cinema, TV, exposições e museus, leitura, internet, locais que costumam frequentar, sobre o que gostam de conversar, o que falta e o que sugerem na programação cultural da grande Florianópolis.

⁸⁴ As informações foram tomadas do site do colégio: www.cnsf.com.br.

⁸⁵ Somente 3 alunos informaram renda entre R\$1000,00 e R\$1900,00.

⁸⁶ Cf anexo A, p 139.

Na elaboração das questões dediquei cuidado especial às que procuram identificar a frequência aos espetáculos de música e teatro, temas principais da pesquisa. Assim, quanto às idas a shows/concertos e ao teatro, foram colocadas várias questões com opções de respostas conforme aquilo que na época da elaboração do questionário considerei pertinente averiguar, como se pode ver nas questões 6 a 11.⁸⁷

Quanto ao motivo de ir ou não, percebi na análise que as opções dadas não foram as melhores:⁸⁸ deveria ter pensado em opções menos óbvias e que avaliassem indiretamente os motivos mais profundos dos informantes. A maioria que não vai, independente da faixa de renda, assinalou a opção de motivo *questões financeiras*. Embora esse seja um problema real (os que têm renda menor dificilmente poderiam pagar por um show/concerto/teatro com preço alto que significasse 10% de sua renda mensal, ou então iriam a menos espetáculos) ficou claro que funcionou mais como uma desculpa marcada pelo senso comum. O mesmo aconteceu com *gosta muito e não perde as oportunidades*: embora apenas 3 na música e 01 no teatro tenham declarado ir frequentemente, foram 7 na música e 02 no teatro os que assinalaram essa opção.

Reconheço que as opções não ficaram muito claras e, por vezes, foi preciso explicar: por *dificuldade de acesso* estava me referindo à localização dos shows/concertos e acessibilidade (se haveria ônibus, se seria necessário ir de carro, etc.) Essa opção justifica-se pois não há locais adequados na cidade, com estrutura satisfatória para receber

⁸⁷ A questão *qual e quando foi a um espetáculo ou concerto pela última vez* foi criada justamente para verificar a veracidade da resposta anterior: se um dos informantes respondesse que vai frequentemente e depois declarasse que a última vez foi há um ano ou mais então se poderia saber que a primeira resposta não seria a verdadeira.

⁸⁸ Como, inicialmente, a pesquisa de campo não tinha sido concebida com a intenção de ser analisada de forma detalhada e sim como um ponto de apoio para as reflexões sobre cultura e políticas de formação de público, não realizei alguns procedimentos metodológicos habituais neste tipo de pesquisa, como, por exemplo, teste para averiguação do funcionamento prático do questionário.

qualquer show/concerto ou grupo. Muitos deles são apresentados no CIC – Centro Integrado de Cultura - relativamente de fácil acesso e com várias linhas de ônibus. No entanto, os shows com produção para atingir um público com mais de 900 pessoas não podem ser apresentados ali, e a maioria dos produtores opta por casas noturnas onde só é possível chegar de carro. A opção *não fica sabendo* estava se referindo à falta de divulgação ou aos espetáculos cuja divulgação não passa pela mídia: os espetáculos subsidiados, pelo poder público ou por empresas privadas, geralmente sem cobrança de ingresso, e que acabam tendo mídia espontânea apenas no dia em que acontecem. Muitas vezes têm um público restrito, outras até têm bom público, mas acontecem como que sem acontecer. Em algumas palavras: são de qualidade, são apresentados aqui, e as pessoas ficam sabendo depois por algum amigo ou uma notícia de jornal. Eu tinha a intenção de saber se o público que estava pesquisando se importava com isso. Pode-se perceber, embora não com essa questão, mas com a última do questionário, que os instigava a oferecer sugestões para melhorar a programação da cidade, que se importam sim.⁸⁹

O item *não fica sabendo* estava relacionado a *não tem opção*. Coloquei essas duas alternativas por causa das discussões sobre formação de platéia: nos discursos dos programadores é possível observar um pensamento de que para se formar platéia é só divulgar a programação existente para públicos aonde a divulgação não chega, ou seja, investir em mídia, por exemplo. A minha pergunta era: por que esse público em potencial não é público se o gosto pela arte/cultura não é dom e nem privilégio das classes cultas? Seria só por não ficar sabendo da programação ou existiriam outros motivos? E assim chega-se ao problema da falta de opções. Quando a programação é vasta e há opções todos

⁸⁹ Essa questão será abordada posteriormente.

os dias, as notícias chegam mesmo às pessoas menos habituadas. Quando as opções são poucas, mesmo com investimento em mídia, se não for um espetáculo popular ou com artistas célebres, o convite não chega ao público não habituado.

Para a análise das respostas dos alunos foram criadas as categorias de idade, sexo e renda. A categoria idade justifica-se pela grande diferença entre os entrevistados, especialmente da escola pública. Como já mencionei, esses alunos fazem o curso de educação de jovens e adultos - ensino fundamental - e as idades encontradas no grupo vão de 14 a 57 anos. Sabendo que os interesses variam de acordo com a faixa etária julguei necessária essa separação. Assim criei as subcategorias: 13 a 15 anos/ 16 a 19 anos/ 20 a 25 anos e + de 25 anos.

A categoria *renda* ficou subdividida em: até R\$500,00/ R\$510,00 a R\$900,00/ R\$1000,00 a R\$1900,00/ R\$2000,00 a R\$3000,00 e *não sabe*. Essa última subcategoria foi necessária tendo em vista que 6 alunos da escola particular e 1 da escola pública ou não informaram, ou explicitaram que não sabiam a renda familiar.

Pierre Bourdieu, na pesquisa sobre os museus de arte da Europa e seu público, comprova que quanto maior o nível de escolarização, maior é a frequência aos museus logo, é de se esperar que a escolaridade dos informantes fosse aqui uma categoria de análise. Contudo, tendo em vista que os alunos da escola pública estão matriculados no ensino fundamental e os da escola particular no médio, essa diferença já fica evidente.

Para a análise das respostas específicas sobre cinema, teatro e música criei as categorias: *neste mês/ nos últimos 3 meses/ há seis meses/ há 1 ano ou mais* para idas a shows e concertos e ao cinema; e *neste mês/ há um ano ou mais/ só quando criança* para teatro.

A este questionário seguiram-se outros instrumentos que serviram para a observação: questões que surgiram no decorrer da pesquisa e que foram fisicamente entregues aos grupos nos locais dos espetáculos; e um roteiro⁹⁰ para o depoimento sobre a frequência.

A partir da primeira experiência de participação com os dois grupos passei a entregar as questões *Por que você veio ao espetáculo? e O que você sentiu no espetáculo? A que atribui esses sentimentos?* Na tentativa de distinguir essa escrita das tarefas da escola e para evitar que se afastassem da experiência em virtude da tensão gerada pela necessidade de dar uma resposta, optei tanto por usar o termo sentir, no lugar de entender, quanto por entregar as questões ao professor acompanhante para que ele, no momento da discussão sobre o espetáculo na escola, promovesse a escrita das respostas.

Percebi que muitos dos alunos saíam antes da metade dos espetáculos e então, a partir do 4º, passei a entregar a todos os que saíam as questões: *“Por que você saiu do espetáculo?”* e *“Quais são os motivos pelos quais você não gostou do espetáculo?”* numa tentativa de compreender os motivos pelos quais saíam.

Com a intenção de verificar se houve ou não uma motivação para frequentar locais de cultura/arte, a partir dessa participação induzida, ao final do ano letivo voltei às escolas para avaliar o trabalho e pedir um depoimento (por escrito) aos alunos envolvidos.

Nesta ocasião pude verificar que a escola pública não levou sempre o mesmo grupo aos espetáculos. A coordenação escolhia uma turma de alunos diferentes para cada saída da escola para não prejudicar as aulas. Por este motivo os depoimentos colhidos nem sempre

⁹⁰ As questões foram: O que significou pra você essa experiência de participar dos espetáculos oferecidos pelo SESC durante o ano? Houve alguma coisa em especial que motivou você a continuar assistindo aos espetáculos para os quais foi convidado? O que faria você sentir mais vontade de participar? Você foi a algum outro espetáculo/show/concerto durante o ano? Quais? Gostou? Por quê? Em quais você participou?

são dos mesmos alunos que responderam ao questionário inicial, mas daqueles que participaram efetivamente. Segundo a coordenação da escola, os alunos que estavam participando da pesquisa tinham a liberdade de ir aos espetáculos mesmo que a sua turma não fosse, caso não houvesse avaliação ou revisão de conteúdos nesse dia, o que revela uma concepção hierárquica à qual a ida aos espetáculos estava subordinada. Segundo os depoimentos de 3 alunas, as informações relativas a data e hora dos espetáculos, bem como os ingressos, nunca chegaram até elas. A maioria assistiu a apenas dois ou três espetáculos. O que a escola quis garantir foi que todos os alunos fossem aos espetáculos pelo menos uma vez: o grupo que respondeu ao questionário inicial, segundo a direção da escola, foi representante de todas as turmas. Depois de responder ao questionário o grupo formado para isso deixou de existir: foram apenas os nomes da minha lista. Ainda assim, pode-se considerar que os dados colhidos no questionário inicial são representativos da situação de todos os alunos da escola e, por conseguinte, são aplicáveis aos alunos que efetivamente foram aos espetáculos.

Quanto à escola particular, o grupo se manteve.

PERFIL DOS GRUPOS: SOBRE O TEMPO LIVRE

Dos 14 estudantes da escola pública que responderam o questionário, 4 não citaram o teatro, a dança, as artes plásticas, a literatura, o cinema, ou a música como atividades de tempo livre. Optam por jogar bola, namorar, brincar com os amigos, ficar na rua, soltar pipa, sair à noite, sair para dançar, ir ao shopping, andar de bicicleta, jogar baralho, dormir, visitar amigos ou parentes, não fazer nada.

B., sexo masculino, 14 anos, 6ª série, com renda familiar de dois salários, diz: “sabado e domingo fico soltando pipa e tambem jogo bola...Gostaria de viajar mas falta grana⁹¹”. Nunca foi a shows, nem ao teatro. Gosta de pagode, ouve a rádio Luar FM⁹² e compra CDs de “grupos Revelação”. Afirma ter habilidades com a música, mas não indica se canta, compõe ou toca instrumentos, ou se, afinal, o que tem é afinidade. Apenas responde “tenho música” à pergunta “tem habilidades artísticas?”. Já foi a um museu “de ossos de animais” e já foi a exposições, mas não indica o artista. À pergunta “Gosta de algum artista em especial?” Responde: “não conheço”. *B.* já foi ao cinema, mas não lembra o nome do filme e nem a época em que o viu (escreveu triplo X depois de não me lembro e riscou). Gosta de ver Super Tela, na Record. Tem vídeo em casa e costuma locar filmes de luta. Diz que gosta de ler, que tem livros em casa e acha importante tê-los “porque encina a conhecer as letras”. Frequenta bibliotecas e não compra *livros* “*por que* não tem dinheiro”. O último livro que leu foi *A*

⁹¹ Transcrevo as respostas dos alunos tal qual escreveram.

⁹² Rádio comunitária, subsidiada pela prefeitura municipal de São José. Foi citada por vários alunos da escola Altino Flores.

*regra do jogo*⁹³ e gostou porque falava de futebol. Não tem internet em casa, mas acessa sites de futebol em outros locais. Costuma freqüentar o shopping, o cinema e o centro comunitário. Gosta de conversar sobre futebol, “se o jogador vai para outro time se ele está contudido”. Na questão sobre o que está faltando na programação cultural da cidade pede “mais policiamento”.

Como *B*, os outros 3 dessa escola que usam o tempo livre para, basicamente, brincar, são meninos, 2 têm 14 anos e 1 tem 15. Os dois de 14 anos estão um na 5^a, e outro na 7^a séries e o de 15 anos também está na 7^a série. A faixa de renda está entre R\$560,00 e R\$900,00.

Da escola particular, apenas 1 aluno não citou na resposta à questão sobre o tempo livre nenhuma das atividades que são objeto dessa pesquisa:

Do, 15 anos, sexo masculino, não sabe a renda familiar, só a sua que é de R\$50,00: "jogo vídeo-game ou durmo e jogo basketball" . Além disso gostaria de "namorar alguém (mulher)" não o faz "porque falta pretendente". Gosta de ler Mangás e tem livros em casa. Compra livros quando o professor pede e freqüenta bibliotecas para trabalhos. O último livro que leu foi *Odisséia*⁹⁴, não gostou muito porque já conhecia a história. Tem internet em casa e também acessa na escola. Os assuntos que lhe interessam são "desenhos, RPG, ANIME,

⁹³ Encontrei referências a este título nas áreas de comunicação e administração, mas não no futebol. As referências bibliográficas dos livros indicados são as que eu localizei, não significa que indiquem o livro ou a edição exata utilizada pelos alunos.

⁹⁴ Opto por não dar a referência de *A Odisséia* e nem de *Os Lusíadas*, que aparecerá adiante, por não saber se as edições utilizadas são adaptações ou os textos completos.

Roms de Gra". *Do* desenha cartoons e faz teatro. Sobre a sugestão para a programação cultural da cidade escreve "cursos, faculdade e centros de mangás, animes e cartoon". Nunca visitou um museu, mas já foi a uma exposição de animes no CIC⁹⁵. Citou Stan Lee como artista preferido. Costuma ver TV: Shaman King, DDBZ GT, News Radio e Malhação. Tem TV a cabo e seus canais preferidos são Cartoon Network, Nickelodeon, Sony e Fox Kids. Tem DVD e gosta de assistir filmes de comédia, ação e suspense. O último filme que viu no cinema foi no mesmo mês de aplicação do questionário, X-men 2. Viu apenas espetáculos de teatro infantis cujos nomes não lembra e só vai a shows no carnaval, pois "a mãe não deixa". Não compra CDs e não ouve rádio, mas ouve "um pouco de MPB". Costuma freqüentar o SESC, o CIC, os cinemas e o shopping.

Curiosamente apenas *Do* citou o videogame como opção de atividade de tempo livre. Num grupo em que a maior parte está na faixa de idade entre 13 e 15 anos, adolescentes portanto, é surpreendente que o jogo esteja tão pouco presente. *La*, 13 anos, também aluna da escola particular, embora não tenha citado o videogame, escreveu que no seu tempo livre também faz jogos no computador. Para *Do*, no entanto, o videogame está perfeitamente inserido no que talvez se poderia chamar mundo do trabalho: o brinquedo e o raciocínio estão em sintonia já que ele desenha cartoons e o seu interesse gira em torno do mundo dos desenhos, indicando, inclusive, a intenção de se dedicar a isso

⁹⁵ Centro Integrado de Cultura.

profissionalmente através do apelo para a criação de cursos universitários para quem desejar se especializar.

No texto intitulado *Tempo Livre*⁹⁶, Adorno faz uma observação interessante ao abordar esse assunto: o que seriam atividades de tempo livre? A questão apresentada aos alunos opõe radicalmente o tempo livre ao trabalho. Adorno questiona essa oposição, baseado na refutação à ideologia burguesa de que o tempo livre deva ser preenchido com atividades banais, de não raciocínio. Denuncia uma indústria, um pensamento, uma organização social não-visível de antemão, que dita as normas de felicidade para o tempo livre: quem sai de férias deve exibir o bronzeado, contar as aventuras radicais com as quais ocupou o seu tempo. A sociedade escolheria as atividades de tempo livre e, no entanto, se um professor, escritor ou qualquer pessoa cujas atividades profissionais estivessem ligadas aos livros, optasse por ler um livro, não teria sabido aproveitar esse tempo. Portanto o que fazer com o tempo dito livre não seria uma escolha individual. Não haveria liberdade sobre o que fazer nesse tempo: por hora, uma dispensa de energias perigosas acumuladas que serviria para recarregar a energia saudável, a atenção para o trabalho; por outra, e nessa mesma afirmação da oposição ao trabalho, um atirar-se ao que está na moda, ao que se espera que um trabalhador faça quando não está trabalhando. Um desesperador ocupar-se do tempo da forma menos utilitária possível.

Este Adorno, depois do outro de 20 anos atrás que escreveu sobre a indústria cultural de maneira a descrever um espectador sem nenhuma consciência, totalmente manipulado, agora vê que “as pessoas aceitam e consomem o que a indústria cultural lhes oferece como tempo livre, mas com um tipo de reserva, de forma semelhante `a maneira

⁹⁶ ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

como mesmo os mais ingênuos não consideram reais os episódios oferecidos pelo teatro ou pelo cinema.”⁹⁷ Contudo, a afirmação que sobressai desse texto é a de que mesmo quando as pessoas estão “ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho.”⁹⁸

As atividades citadas pelos alunos, mesmo quando estes não têm um trabalho formal, o que acontece com a maior parte deles, estariam diretamente ligadas à negação do trabalho, ou ao seu equivalente, o estudo? ou seja, as atividades declaradas isolam-se das outras, das quais eles desejariam estar livres? No caso dos alunos da escola pública, pode-se dizer que sim, a contar pelo número alto de pessoas que não citaram atividades ligadas ao estudo ou às atividades mais introspectivas ou de raciocínio. Muitos citaram opções de lazer ligadas à natureza, embora nenhum tenha citado a praia numa cidade cuja marca de turismo e opção de lazer é, justamente, a praia. Já entre os alunos da escola particular, muitos citaram o estudo de línguas, os cursinhos, a prática e/ou estudo de algum instrumento musical e as atividades ligadas à igreja como opções de atividades de tempo livre; logo, numa separação muito mais tênue entre trabalho e lazer. Apenas uma aluna da escola particular citou a praia como opção para o tempo livre:

Dé, 14 anos, está no 1º ano do ensino médio, não sabe a renda, e além de ver TV, “leio, vou ao shopping, a minha casa de praia, faço ginástica, curso de inglês e de espanhol” gostaria de “ir mais ao teatro, mas não faço por falta de dinheiro”. Não tem TV a cabo, gosta de *Malhação* e *Kubanacan* (novelas da TV)

⁹⁷ Idem, *ibidem*, p 81.

⁹⁸ Idem, *ibidem*, p 71.

e dos desenhos da TV cultura. Não tem vídeo ou DVD em casa, foi ao cinema no último final de semana ver *Matrix reloaded*. Vai ao teatro às vezes, o último espetáculo que viu foi a “Via Sacra”.⁹⁹ Às vezes, vai a shows e concertos, o último que viu foi o da “Orquestra sinfônica de Florianópolis”, não lembra quando. Não costuma comprar CDs, seu estilo de música preferido é pop “(mais ouço de tudo menos pagode e funk)”, ouve as rádios Atlântida e Jovem Pan. Visitou apenas museus históricos e já foi a exposições no shopping e a uma exposição de fotos, mas não lembra de que artista. Não gosta de nenhum artista em especial. Gosta de ler (esta foi a primeira opção citada), acha importante ter livros, “pois é um acréscimo muito grande a nossa cultura”. O último livro lido foi Policarpo Quaresma¹⁰⁰ e gostou porque “mostrou como era a história do Brasil”. Não compra livros, mas “a mãe compra pois acha necessária a leitura”. Freqüenta a biblioteca da escola. Tem internet em casa e acessa também na escola. Gosta de sites variados, sobre política e filmes. Gosta de falar sobre “música, fofocas, etc”. Freqüenta o CIC, o SESC e o cinema. Sugere que haja mais divulgação de shows e espetáculos artísticos.

Percebe-se também que, ao contrário dos alunos da escola pública, no tempo livre, os alunos da escola particular praticam esportes em equipe, geralmente pagos ou em quadras e campos como tênis, basquete, handebol e remo, ou fazem ginástica em academias

⁹⁹ Encenação da escola realizada em abril: todos os alunos do grupo viram essa peça e a maioria participou como ator/ atriz.

¹⁰⁰ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Moderna, 1984.

ou dentro de casa. Foram 9 citações para as atividades pagas ou em grupo, e apenas duas para as gratuitas ou realizadas fora de quadras ou ambientes determinados.

Pe, sexo masculino, 14 anos, informou renda familiar de R\$1150,00 e individual de R\$10,00. Usa seu tempo livre para: “internet, remo, curso, passeio, lêer, sair com os amigos, TV e escuto música”. Além disso gostaria de sair, viajar e fazer cursos, mas não tem dinheiro. Tem TV a cabo, vê "FOX, SONY, Friends, Warner e Globo". Tem vídeo, costuma locar filmes de ação, terror e suspense. A última vez que foi ao cinema foi para ver *O Demolidor*, não informa quando. Vai ao teatro às vezes. O último espetáculo que viu, “faz tempo o do Projeto meia hora, da eletrosul.” Vai a shows às vezes, não costuma comprar CDs e gosta de rap, reggae, rock, pop e MPB. Diz não gostar de pagode, brega e sertanejo. Ouve Atlântida, Jovem Pan e Itapema. Nunca foi a um museu de artes, somente ao Cruz e Souza¹⁰¹. Só viu exposições em shoppings. Gosta de Leonardo da Vinci e Van Gogh. Diz não ter habilidades artísticas. Gosta de ler, tem livros em casa e acha importante tê-los. Freqüenta bibliotecas e compra livros às vezes, "quando tem dinheiro dá pra comprar algum livro muito bom". O último lido foi *Cidade de Deus*¹⁰²: "Gostei pois retrata uma realidade oposta a minha". Tem internet em casa e usa para e-mail e notícias. Gosta de conversar “sobre futebol, mulher, show e filmes” com seu melhor amigo. Freqüenta o SESC, o shopping, o cinema, bibliotecas e livrarias. Pede que se “invista mais em divulgação”.

¹⁰¹ Museu Histórico de Santa Catarina.

¹⁰² LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Entre os alunos da escola particular, a atividade mais citada foi a leitura. Em muitas respostas esta era a primeira opção. Foram 12 que indicaram e 2 que não indicaram a leitura como atividade de tempo livre. Os dois que não citaram a leitura são meninos, têm 14 e 15 anos e na questão específica, apenas *Vi* declarou não gostar de ler:

Vi, 14 anos, aluno do segundo grau, com renda familiar de R\$3000,00 e individual de R\$100,00, escreveu que não gosta de ler, mas acha importante ter livros em casa e os tem, embora não compre porque "não acho o que gosto e quando acho é caro". O último livro que leu foi *Os Lusíadas*, gostou "mais ou menos, pois fazem dos portugueses heróis". Na questão sobre o tempo livre *Vi* escreve: "Toco guitarra, saio de casa para relaxar, vejo TV, toco teclado, descanso". Além disso gostaria de "namorar (ficar), mas falta alguém e de ir a shows, mas a mãe não deixa ir só". Seus estilos musicais são rock grung e rock melódico. Costuma comprar CDs desses estilos. Citou Red Hot Chilli Peppers, Nirvana, Legião Urbana e Black Sabbath. Vai a shows e ao teatro às vezes. Ao cinema sempre. O último filme visto foi *Matrix reloaded*, no dia anterior. Tem vídeo, costuma locar filmes de terror, ação e comédia. Vê Band, Globo, SBT: Um maluco no pedaço, Esporte total, Auto esporte. Não tem TV a cabo. Foi a um museu histórico, não cita o nome. Gosta de "Miguel Angelo, Da Vinci e Picasso". Não tem internet em casa, mas acessa, em outros locais, principalmente o site da MTV. Freqüenta o Shopping e os cinemas. À pergunta sobre o que falta na programação responde: "sou novo na cidade por isso melhor não opinar". *Vi* nasceu em São Paulo e morou, nos últimos 3 anos, em Porto alegre.

Já dos alunos da escola pública, apenas 3 citaram a leitura como atividade de tempo livre, embora 10 tenham declarado gostar de ler. As três mulheres que citaram a leitura estão em faixas de idades diferentes: 22, 25 e 47 anos, contudo, a afirmação da leitura como atividade de tempo livre acaba sendo incoerente com as respostas específicas sobre leitura: *A*, por exemplo, leu seu último livro um ano antes da aplicação do questionário:

A., tem 22 anos, é casada, tem 1 filho, se declara como estudante¹⁰³ também vê vídeo, tem uma renda familiar de R\$1600,00 e está na 6ª série. Nas questões específicas sobre leitura, afirma ter livros em casa e achar importante ler “pois quem ler sempre sabe um pouquinho a mais”. Freqüenta bibliotecas porque gosta e cita como último livro lido a *Casa dos espíritos*¹⁰⁴, há um ano atrás. Freqüenta bibliotecas e costuma comprar livros “porque gosto”. Não tem acesso à internet. Gostaria de viajar, conhecer novas culturas. Seus estilos de música são rap, reggae e MPB. Não ouve rádio e não compra CDs, mas os ganha do irmão. Às vezes vai a shows e concertos, o último foi no Planeta Atlântida¹⁰⁵. Foi ao teatro quando tinha 10 anos, no CIC. A última vez que foi ao cinema, foi há 2 anos, para ver *Titanic*¹⁰⁶. Tem vídeo em casa e gosta de filmes de ação, de suspense e de terror. Não tem TV a cabo e gosta de “Malhação e de Beti, a feia”. Já foi ao Museu Vitor Meireles¹⁰⁷ e gosta de Van Gogh. Faz artesanato, tricô e crochê e gosta de conversar sobre coisas do cotidiano. Cita como locais que

¹⁰³ Ela é a única entre as mulheres dessa faixa etária que se declara estudante. Todos os outros (5 mulheres e 1 homem) informam como profissão a ocupação do momento: dona de casa, do lar, vendedor de amendoim.

¹⁰⁴ ALLENDE, Isabel. *A Casa dos espíritos*. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

¹⁰⁵ Evento organizado anualmente pela Rádio Atlântida FM e que reúne vários shows.

¹⁰⁶ Fica a questão: *Titanic* ainda foi exibido em salas de cinema em 2001, se foi lançado em 1998? Ou a conta dela estaria errada e assim, teria ido ao cinema há 5 anos atrás?

¹⁰⁷ Museu de artes situado no centro da cidade de Florianópolis.

costuma freqüentar: o CIC, museus e o shopping. Para ela, na programação cultural “falta dar oportunidade para as pessoas que nunca foram. Sugiro que tenha mais entradas francas para as pessoas sem condições financeiras e que queiram realmente ir. Que tenha mais divulgação”.

Não é possível, no grupo da escola Altino Flores, detectar a existência de uma bibliografia obrigatória nas leituras dos alunos, já que não há indícios de uma leitura comum, ao contrário do que acontece com o grupo da escola Nossa Senhora de Fátima. As respostas dos alunos da escola pública quanto à importância de ler e de ter livros em casa estão muito ligadas a questões como, “conhecer melhor as letras”, “aprender mais as palavras”, “pra aprender um pouco mais”. Há que se anotar que este grupo está num momento de formação bastante diferente do outro: se este está na segunda fase do ensino fundamental aquele já se encontra no ensino médio e a escola, naturalmente, tem a intenção de preparar seus alunos para o vestibular. Portanto, as relações estabelecidas pela via da escola entre alunos, professores e a leitura não podem ser tomadas como equivalentes em ambas as escolas.

Uma das respostas sobre a leitura difere das outras respostas dos alunos da escola pública: é a de *Jo.*

Jo., sexo masculino, no tempo livre visita parentes e assiste TV, tem 21 anos, está na 6ª série, indica como profissão “vendedor de amendoim” e declara uma renda individual de R\$72,00 mensais que, somada à da família, chega a R\$472,00. Gosta de ler e frequenta a biblioteca da escola. O último livro lido

foi *Menino de Asas*¹⁰⁸: “Achei interessante ler aquele livro por que esqueço dos problemas diários”. Não tem internet em casa, mas tem acesso na escola¹⁰⁹. Gosta de conversar sobre música e mulheres. Seus programas preferidos são Raul Gil e Casseta & Planeta. Não tem TV a cabo e seu canal de preferência é a Rede Globo. Não tem vídeo ou DVD em casa. Nunca foi ao cinema e, na questão “Além disso, o que mais gostaria de fazer?”, diz querer ir ao cinema e ao estádio de futebol. *Jo* nunca foi ao teatro, ao museu ou a exposições e não gosta de nenhum artista em especial. Não compra CDs, mas costuma ouvir a rádio Band FM, gosta de axé e pagode e toca pandeiro. O último show que viu foi o do KLB, como seus colegas, na programação do aniversário do Shopping Itaguaçu. Freqüenta, como locais culturais, o centro comunitário e o shopping. Quanto à programação cultural da cidade, escreveu que “gostaria que tivesse mais teatro”. Talvez tivesse a intenção de me agradar já que poderia ter sugerido mais cinemas, mais estádios – lugares que ele gostaria de freqüentar.

Para *Jo*, a leitura é uma forma de entretenimento e de uma certa alienação do mundo real. Na sua resposta é possível ligar a leitura ao prazer. *Jo* demonstra uma certa despreocupação em relação à exigência de aprendizado imposta pela escola. Curiosamente ele escolhe um livro infanto-juvenil mesmo tendo 21 anos. Além dele, apenas uma outra aluna parece demonstrar um outro interesse na leitura que não seja o do aprendizado: *Iz*, 47

¹⁰⁸ CAVALCANTI, Homero Homem de Siqueira. **Menino de asas**. 27ª ed. São Paulo: Ática, 1996.

¹⁰⁹ Embora *Jo* escreva que tem acesso à internet na escola, segundo a diretora, a escola não tem internet. Há uma sala de informática utilizada para aulas de computação pelos alunos do curso regular, mas que não é usada pelos alunos do EJA, pois não há monitor no período noturno. Também *J*, como se verá adiante, escreve que usa o computador da escola para fazer pesquisas.

anos, acha importante ter livros para ler nas “horas vagas”. Contudo, na questão sobre o último livro lido escreve: “não leio muitos livros, mais jornais e revistas”.

Os alunos da escola Nossa Senhora de Fátima, percebe-se claramente, têm algumas leituras obrigatórias: A Odisséia e Os Lusíadas, por exemplo. Outros livros foram citados e suas respostas com relação à importância da leitura estão ligadas tanto à aprendizagem como à descoberta de “interessantes histórias”. De todo modo, esses alunos, talvez por se encontrarem numa etapa posterior da formação escolar, têm um outro discurso com relação à leitura na vida cotidiana. Alguns declaram o incentivo dos pais, como Ky, por exemplo:

Ky, 14 anos, aluna do 1º ano do ensino médio, não informou renda, usa o tempo livre com “Internet, televisão, um livro, comida, dormir... shopping, arrumo o quarto”. Gostaria de viajar mas não tem condições financeiras. Gosta de ler, tem muitos livros e acha “bem importante tê-los, contém um grande nível de informação e interessantes histórias, tanto reais quanto fictícias, costumo comprar livros, pois minha mãe me incentivou desde criança. Acho muito legal”. Também frequenta bibliotecas, seu último livro lido foi *O incêndio de Tróia*¹¹⁰. Adorou, “porque mistura mitos com ficção”. Tem TV a cabo, seus programas preferidos são “Berkeley Hills 90210, Jhon Doe, 24 horas, jornal, Malcon”. Os canais: “Warner, Fox, Globo e Int (48)”. Tem vídeo em casa, vê filmes de aventura, comédia, ação, terror e suspense. A última vez que foi ao cinema foi no mês anterior. Viu X-Men 2. Gosta de todos os estilos de música, menos metálica e funk, ouve a Jovem Pan e a Atlântida, mas não costuma

¹¹⁰ BRADLEY, Marion Zimmer. **O incêndio de Tróia**. Bradley. 9.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

comprar CDs. Vai a shows e concertos às vezes. Quanto ao teatro “antigamente freqüentava bastante, quando era criança”. Nunca foi a museus de arte, somente ao Cruz e Souza, viu uma exposição, mas “não eram artistas muito conhecidos¹¹¹”. Não gosta de nenhum artista em especial e como habilidade artística escreveu que faz artesanato. Tem internet em casa, usa para trabalhos e para falar com os amigos. Gosta de conversar sobre tudo, “de crise política a assuntos mais banais, sobre o programa que vi sábado passado”. Freqüenta o SESC, o shopping, o cinema e a universidade. Pede que se invista “mais em divulgação, mais museus, cinemas (não dentro de shopping)”.

Entre os que declararam gostar de ler, tanto numa escola como na outra, as atividades de leitura e de assistir televisão, ao que parece, convivem bem. No entanto, uma das alunas da escola pública afirma a leitura num movimento que exclui a televisão:

M tem 47 anos, declara como profissão ser dona de casa e tem renda familiar de R\$2000,00. Destaca-se facilmente do grupo: “nas minhas horas de folga, com certeza leio, não vejo televisão porque não gosto”. Na questão “Além disso o que mais você gostaria de fazer? Por que não faz?”, diz “não gosto muito de sair de casa, já faço o que gosto” e acrescenta que lê, escrevendo, desta vez a palavra “LEIO”, em letra de forma: “LEIO, porque sempre tive sede de sabedoria, gosto de adquirir conhecimento”. Nas questões específicas sobre

¹¹¹ Essa é a justificativa de não se lembrar dos nomes dos artistas – na outra linha acrescenta mais tarde Sebastião Salgado. Não é possível identificar se a exposição a que se refere é a desse artista ou se essa é outra exposição que também viu e lembrou-se depois.

leitura, afirma ter livros em casa e achar importante tê-los. Costuma comprá-los quando pode. O último livro lido foi *As Brumas de Avalon*¹¹² há três meses. Não frequenta bibliotecas “prefiro as livrarias”. Tem internet em casa e usa para pesquisas, sites de literatura. Costuma comprar CDs “Verdi, Betoween e Wagner é o que mais gosto”. Ouve a rádio CBN diário, especialmente conhecida pela sua programação de notícias muito atenta aos acontecimentos da cidade: informa tanto a programação cultural quanto as chamadas notícias de utilidade pública. Nunca foi a shows ou concertos porque não gosta. Foi ao teatro uma vez e afirma ter visto um espetáculo com Sérgio Cardoso, não lembra o nome. No cinema viu Sociedade dos poetas mortos, “há muito tempo” e adorou. Tem vídeo em casa, eventualmente vê filmes de suspense. Nega a televisão “porque não gosta”, mas afirma: “eventualmente vejo televisão, Globo Repórter”. Foi ao museu Cruz e Souza e nunca foi a uma exposição, também não gosta de nenhum artista. Quanto aos locais de cultura mais frequentados escreveu “não frequento nenhum”. Acha que “falta mais informação de quando tem alguma programação gratuita e trazer para os colégios”.

A expressão *com certeza leio* reafirma, sublinha a leitura como atividade preferida para o tempo livre e, se isso não bastasse para afirmar o gosto pela leitura, nega, em seguida, a televisão. Ao mesmo tempo em que *M*, aluna de 5ª série, com 47 anos, na mesma classe com colegas de 14 e 15 anos, põe sobre o gosto pela leitura uma imponência, um certo ar de superioridade dessa atividade sobre as demais, especialmente sobre o gosto

¹¹² BRADLEY, Marion Zimmer. *As Brumas de Avalon*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

mais comum que é o de gastar o tempo em frente à televisão, sente necessidade de, mais tarde, numa questão específica sobre o gosto musical –em que afirma ser o seu por música clássica - deixar claro que não é por status, mas “por gosto”, a escolha que faz. Ela é a única aluna da escola pública que afirma gostar de música clássica e o mesmo acontece com os alunos da escola particular: apenas um cita este como o estilo preferido e, embora não negue a TV, *Go* também assiste pouco:

Go, 15 anos, 2º ano do ensino médio, filho único, com renda familiar de R\$2000,00 escreveu sobre o tempo livre: "Estudo música (toco violão); entro na internet; leio; saio com amigos; vou ao concerto; viajo de vez em quando; ouço muita música, show... natação..." Além disso gostaria de "estudar música regularmente (curso), [não faz] porque não tem dinheiro. Ir a alguns espetáculos, mas é muito caro às vezes. Comprar mais CDs e livros, mas não há dinheiro. Viajar mais". Seu estilo de música preferido é "erudito principalmente; mas ouço muito rock e heavy metal. Prefiro músicas boas do que o estilo propriamente dito¹¹³". Não ouve muito rádio, mas quando ouve, é Itapema FM e Atlântida. Costuma comprar CDs de estilo Heavy Metal e erudito. Citou: "Bach, Vivaldi, Weiss e Paganini (erudito), Angra e Malmsteen (heavy metal melódico) e violonistas solos (Segóvia)". Frequentemente vai a shows e concertos. Quase nunca vai ao teatro, foi ao cinema em fins de janeiro para ver *O Senhor dos Anéis*. Não tem vídeo ou DVD em casa "mas combino de ver bons filmes com amigos não importando o estilo". Não vê TV quase nunca,

¹¹³ Esta resposta é interessante, se bem que exige outra pergunta: o que é música boa?

"muito de relance quando janto; pois não tenho mais TV a cabo". Acha o Globo Repórter um bom programa e gosta de ver o "concerto aos domingos na TV Cultura (22:30) é ótimo quando posso". Gosta de Renoir, Van Gogh e Leonardo da Vinci. Foi a uma exposição de instrumentos musicais, manuscritos e partituras de "Aldo Krieger (músico compositor catarinense) no Museu histórico Cruz e Souza e a uma coletiva de artistas catarinenses". Sua resposta à pergunta: Tem habilidades artísticas? foi "sim, toco violão, tenho facilidade para escrever também, desenhar quando a preguiça se afugenta". Gosta de ler, tem livros em casa, não costuma comprá-los, "são caros, pego mais emprestados". Não vai muito a bibliotecas. Acha importante ter "não só livros, mas revistas também". O último livro lido foi *No tempo das tangerinas*¹¹⁴. Gostou "pois trata da colonização alemã" e acha "importantíssimo, pois estudo alemão". Tem internet em casa, se interessa por "artes e ciências, rotinas de vida, histórias de pessoas que admiro". Freqüenta bares alternativos para shows, o CIC e o shopping. Sugere para a programação que haja mais "shows grandes (grandes espetáculos) principalmente. Falta maior infra-estrutura e generosidade por parte dos organizadores. (muito caros)".

Foram 4 os alunos da escola particular que citaram a ida a shows e concertos como atividades de tempo livre, dentre eles, uma menina e 3 meninos. Nenhum aluno da escola pública citou essa atividade como opção para o tempo livre. Quanto à TV, embora apenas 1 aluno de cada escola tenha declarado não ver TV, são 09 da escola particular e 6 da escola

¹¹⁴ KLUEGER, Urda Alice. **No tempo das tangerinas**. Florianópolis: Lunardelli, 1977.

pública que citam a TV como opção para o tempo livre. Dos seis da escola pública que declararam ver TV no tempo livre, duas têm 14 e 15 anos, ambas mulheres, na 7ª série, um homem de 21 anos, outro de 34, uma mulher de 24 e outra de 57. Destes 6, 3 recebem até R\$500,00 mensais, 2 entre R\$500,00 e R\$900,00 e 1 têm renda entre R\$ 1000,00 e R\$ 1900,00. Dos 9 da escola particular, 6 meninas e 3 meninos, 8 têm entre 13 e 15 anos e 1 tem 16 anos; 5 não sabem a renda, 2 têm renda entre R\$1000,00 e R\$1900,00 e 2 entre R\$2000,00 e R\$3000,00. Dos alunos da escola particular 10 têm TV a cabo, enquanto que da escola pública, são apenas 3 os que têm. Todos têm aparelhos de TV em casa.

Um dos perfis chama a atenção pelo que afirma sobre a TV: *J* gosta de Aleijadinho e só gosta porque conheceu sua obra através da tela. Além disso, deixa clara a interferência das propagandas de TV em sua vida cotidiana como um convite também à arte:

J. tem 25 anos e dois filhos. É solteira, tem renda familiar de R\$700,00 e está na 6ª série. Gosta de Aleijadinho “pois já vi vários trabalhos dele na TV. Globo Repórter e Fantástico”. Ela não tem TV a cabo, seu canal preferido é a Globo, vê jornais, novelas e César Souza. Visitou o Museu Cruz e Souza no primário “tinha espadas, móveis antigos” e foi a uma exposição no shopping de um artista cujo nome não lembra. Na questão sobre a programação cultural fica claro o desejo de ir ao teatro provocado pelas propagandas exibidas na TV: “falta um acesso mais fácil para todos pois às vezes tem a divulgação na TV mas falta dinheiro para ir. Às vezes tem teatro no Shopping, mas não posso levar meus filhos”. *J* não tem acesso à internet em casa, mas na escola pode usar o computador para fazer pesquisas. Não tem vídeo ou DVD, já foi ao cinema

uma vez “há uns 12 anos atrás” não lembra qual filme viu. Nunca foi ao teatro. Declara freqüentar a biblioteca da escola pois os filhos gostam que leia para eles. Cita como último livro lido “Eu, Cristiane F, 13 anos drogada e prostituída”¹¹⁵ há dois anos atrás e 3 livros infantis lidos para os filhos no dia da aplicação do questionário. Afirma ler porque “gosta muito” e ter o desejo de ler *O Alquimista*: “ainda vou ler o Alquimista pois ainda não tive oportunidade”. Os locais que *J* freqüenta são o centro comunitário e o shopping. O último show que viu “foi o do KLB e dos Garotos de ouro no shopping”. Seus estilos de música preferidos são “o Gauchesco pra dançar e MPB pra ouvir em casa”. Ouve a rádio Luar FM, a Band e a Guararema. Embora costume comprar “todos os CDs de grupos de música Gaúcha”, *J* nasceu e sempre morou em São José. Gostaria de passear mais com os filhos e dar coisas melhores a eles.

Como *J*, que gosta de Aleijadinho por conhecê-lo e a sua obra através da TV, outras duas alunas da escola pública declararam gostar de Picasso sem, no entanto, nunca terem estado em um museu de artes. Como conheceram a obra de Picasso? Entre os alunos da escola particular, Leonardo da Vinci e Van Gogh são os artistas mais citados, provavelmente também estes alunos não os conhecem através dos museus.

Ao contrário de *J*, *Ma*, da escola particular, com 17 anos e renda familiar de R\$1000,00, diz “não curtir muito televisão”, embora veja. Ela foi a única a escrever que vai

¹¹⁵ HERMANN, Kai; RIECK, Horst. **Eu, Cristiane F. Drogada e prostituída...depoimentos colhidos por Kai Hermann e Horst Rieck**. 41ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

a exposições no seu tempo livre. O museu que cita é o MASC¹¹⁶ e o artista, seu pai, que é escultor:

Ma, 17 anos, aluna do 3º ano do ensino médio, com renda mensal individual de R\$50,00 e familiar de R\$1000,00, assim enumera as atividades de tempo livre: “Internet, vou muito ao teatro, exposições, escuto música, saio a noite, escuto muita música, viajo, leio, canto...”. Viu exposições coletivas no MASC e seu artista de preferência é o pai que é escultor¹¹⁷. Gosta de ler “acho fundamental para qualquer pessoa”, tem livros em casa, costuma comprá-los mensalmente “porque para mim, ler é mais do que imaginar, é aprender”. O último livro que leu foi *Peregrino do tempo*¹¹⁸. Gostou porque “relata uma história real”. Costuma freqüentar bibliotecas, tem internet em casa e gosta de conhecer pessoas novas. Gosta de conversar sobre “amizade, drogas, sexo, família, teatro (que é meu grande sonho), música...”. O último espetáculo que viu foi “Amigas X inimigas” em Curitiba, no começo do mês. Diz ir ao teatro com freqüência pois gosta muito e não perde as oportunidades. Assim informou sobre suas habilidades artísticas: “canto e ‘amo’ atuar (teatro)”. Vai freqüentemente a shows, a última vez foi no mesmo mês, costuma comprar CDs variados: “Marisa Monte, Elis Regina, Cidade Negra, Queen”. Ouve Atlântida, Jovem Pan, Itapema e Band. “Eu amo música, curto de tudo, principalmente porque canto em uma banda, e isso faz nos aproximar de todos os estilos”. Tem vídeo

¹¹⁶ Museu de Artes de Santa Catarina, situado fisicamente dentro do CIC – Centro Integrado de Cultura.

¹¹⁷ Trata-se de esculturas em laje, cujo trabalho foi abandonado há algum tempo. Como me explicou o pai de *Ma*, não almejava fazer carreira artística.

¹¹⁸ PIOCHI, Eduardo. **Peregrino do tempo**. São Paulo: Mercúrio, 2001.

em casa, adora suspense, romance, “de tudo um pouco”. A última vez que foi ao cinema foi pra ver Carandiru, no mesmo mês de aplicação do questionário. Quanto à TV, responde: “Não curto muito televisão, mas vejo sim”. Tem TV a cabo, gosta “da MTV, do jornal nacional (Globo), HBO (filmes) e Discovery (assuntos variados)”. Freqüenta o CIC, o SESC, o shopping, o cinema, a universidade e museus. Sugere: “oportunidades para as pessoas que desejam fazer teatro...Eu particularmente (que irei prestar vestibular este ano) senti falta”.

Todos os alunos da escola particular e 8 da escola pública estiveram, pelo menos uma vez, num museu ou numa exposição, porém, apenas 5 alunos da escola particular e 1 da escola pública já visitaram um museu de arte: Vitor Meireles, MASC ou MASP. Os outros citaram museus históricos, dentre os quais, o Cruz e Souza, visitado quando crianças e através da escola. Uma das alunas da escola pública, *Iz*, expõe um imaginário pouco comum sobre a ida a exposições:

Iz., sexo feminino, 57 anos com renda de R\$500,00 nunca foi a uma exposição “porque não gosta de tumulto”, mas visitou um museu em Curitiba. Cita como habilidades artísticas suas: artesanato, bordado, crochê, costura e bordado em tela. Vê Globo, SBT e Record. Não tem TV a cabo e gosta do Domingão do Faustão, Luciana Gimenez e Show do milhão. Não gosta de ver filmes e não tem vídeo ou DVD em casa. A última vez que foi ao cinema foi para ver “o filme da Xuxa e o Daniel”. Foi ao teatro “faz tempo, não sou muito chegada”. Na questão: gosta de algum artista em especial? Responde: “tem vários que eu

gosto como já citei na pergunta nº 10”. A questão a que se refere é “costuma comprar CDS? De que estilo? Quais artistas/grupos?” Cujas resposta é: “compro sempre: Bruno e Marrone, Alcione, vários artistas, gosto muito”. Seu estilo de música é o sertanejo. Gosta também das músicas “românticas”. Quase não vai a shows porque “as vezes é caro”. Gosta de ler, não tem livros em casa, mas acha muito importante tê-los “para ler em horas vagas”. Não frequenta bibliotecas e não costuma comprar livros “leio o das amigas”. À questão: “qual foi o último livro que você leu?” responde: “não leio muitos. Só mais jornal ou revistas”. Não tem internet em casa e nem acesso em outro local. Cita como locais culturais que frequenta o shopping, o cinema e o centro comunitário. Sugere que seja construída “uma área de lazer para as crianças fora das escolas e mais segurança para todos, mais divulgações, mais artistas”.

O imaginário de que os ambientes de exposições são tumultuados é, visivelmente, uma idéia emprestada da mídia: só as grandes exposições cujas notícias vemos e ouvimos pela TV, rádio ou jornais são tumultuadas, as que acontecem aqui nunca são. Fica bastante óbvia essa influência da TV também quando *Iz* usa a palavra *artista* para citar os músicos dos quais gosta. A palavra artista sem uma denominação mais específica (de teatro, de cinema, de TV, plástico, etc) oferece uma certa confusão quando o público com quem se está falando não é o conhecedor. A palavra artista, neste caso, é facilmente ligada ao artista que aparece na TV ou a uma certa idolatria a pessoas que estão na mídia.

A única pessoa da escola pública que cita o cinema como atividade de tempo livre é R., embora esta se revele como algo esporádico: “às vezes gosto de fazer algo diferente: ir ao cinema com os filhos e com o marido” .

R. tem 24 anos, é dona de casa e tem renda familiar de R\$900,00. É casada e tem 2 filhos; está na 6ª série. Não respondeu se tem vídeo ou DVD em casa, nem sobre idas a museus e informou nunca ter ido ao teatro. À pergunta: Você já foi a alguma exposição? Responde: “sim, tenho uma tia que pinta quadros mais para a família. Ela não expõe”. Quanto às habilidades artísticas, cita o crochê e “adora cantar”. Às vezes vai a shows, “o último foi o do KLB e Chitãozinho e Xororó no aniversário do Shopping em março”. Ouve a rádio Luar e a Jovem Pan. Gosta de música sertaneja, MPB e samba. Vê TV Globo e TV Cultura, seus programas favoritos são “Jornal do almoço e as novelas”. Gosta de ler e frequenta bibliotecas porque “deixa a gente mais informado e aprende a escrever as palavras mais corretamente”. Está lendo “*Onze minutos*, de Paulo Coelho”¹¹⁹. Acessa a internet no trabalho do marido para tirar dúvidas sobre doenças e culinária. Frequenta o shopping e o cinema. Diz que na programação cultural “faltam cinemas opções grátis para as crianças brincarem e assistir como teatro”. Na questão específica sobre cinema, R. afirma ter ido “na estréia de *Titanic* em Santarém - Pará e o sexto sentido em *Florianópolis*”¹²⁰. Deixou a escola em 2003.

¹¹⁹ COELHO, Paulo. **Onze minutos**. São Paulo: Rocco, 2003.

¹²⁰ A estréia de *Titanic* no Brasil foi em 1998 e de *O sexto sentido* em 1999. O questionário foi aplicado em meados de março de 2003, portanto 4 anos depois de sua última ida ao cinema.

Bem diferente é o que acontece com os alunos da escola particular: embora apenas 4 tenham citado o cinema na questão sobre o tempo livre, todos os alunos vão ao cinema com bastante regularidade. Apenas 2 alunos foram ao cinema nos últimos 3 meses. Dos outros 12, 7 foram no mesmo mês e 5 no dia anterior à aplicação do questionário. Já na escola pública, 1 aluno nunca foi ao cinema, 12 dos 14 alunos foram há um ano ou mais, 1 há seis meses e apenas 1 no mesmo mês de aplicação do questionário.

Um dos alunos da escola pública, no entanto, sugere a construção de cinemas fora de shoppings¹²¹:

E., 34 anos, renda de R\$1700,00, pedreiro, é casado e tem filhos. A última vez que foi ao cinema (que cita apenas na questão específica, mas não como atividade de tempo livre) foi há 5 meses quando viu *O Homem Aranha*. Gosta de desenhar e não gosta de ler livros: “não leio livro, só leio gibi”. Quando responde à questão: quais os locais que você mais frequenta? Responde: “nenhum desses lugares. Vou ao cinema às vezes” e sugere, para a programação cultural da cidade, a construção de cinemas: “gostaria que houvesse mais cinemas, principalmente nas redondezas do Estreito”. *E* costuma locar filmes de comédia, terror, policial, suspense, desenho, documentário e ação. Acrescenta que não gosta de romance e de drama. Quando afirma ver vídeo, a resposta, como o aparelho, vem grudada à TV: “assisto TV e vídeo”. Cita vários programas: “ratinho, esporte espetacular, jornal hoje, band esporte, cine espetacular, Jô Soares, tela quente, futebol, malhação, a praça é nossa, show do milhão, etc”. Também gosta de ouvir música, principalmente sertaneja e gaúcha, compra CDS e ouve rádio também. Costuma comprar CDs de música gaúcha e

¹²¹ Também Ky, da escola Nossa Senhora de Fátima, sugere a construção de cinemas fora de shoppings.

do Roberto Carlos. Declarou ir a espetáculos de música ao vivo “por causa de minha filha e esposa”. Nunca foi ao teatro e conhece apenas o museu Cruz e Souza onde viu a exposição Raízes da Terra. Não tem internet em casa e gosta de conversar sobre futebol, música, filmes e programas de entrevistas. Na resposta à questão *o que mais você gostaria de fazer e por que não faz?*, diz querer ir mais ao estádio de futebol. Não vai por não ter tempo.

Percebe-se que os alunos que costumam ir ao cinema com frequência também locam fitas de vídeo ou DVDs. Apenas 3 pessoas da escola particular não têm vídeo ou DVD ou o aparelho está quebrado. Na escola pública o número cresce para 6.

Um dos pontos que chamou a atenção na questão sobre filmes é o quanto os alunos de todas as faixas etárias estão familiarizados com as convenções de gênero adotadas pelas distribuidoras e locadoras de vídeo. Em ambas as escolas os gêneros mais citados foram: aventura, suspense, terror e comédia, nessa ordem. Foram 4 alunos, um da escola pública e 3 da particular que não indicaram gêneros em especial optando, um por “não importa o gênero, o que importa é que seja um bom filme” e os outros por “todos menos pornô”.

La., sexo feminino, 13 anos, 1º ano do ensino médio, informou renda individual de R\$50,00 e não sabe a renda familiar: “Escuto música, leio, vejo TV, entro na net, faço tênis, vou a shows, vou no cinema, teatro, biblioteca, shopping, livrarias, loco filmes, faço blogs no pc”. Além disso gostaria de “tocar algum instrumento (ano que vem...), fazer aula de canto, viajar (falta tempo), curso de asa delta (caro...), sair mais (dinheiro)”. Foi ao cinema pela última vez no mês anterior à aplicação do questionário para ver *O Demolidor*. Tem vídeo ou DVD

e costuma locar filmes policiais, de suspense, triller, comédia, terror, ficção e fantasia frequentemente. Tem TV a cabo, seus canais preferidos são “Telecine, Warner, Fox, Nickelodeon, P+A, Discovery, etc.” Gosta dos programas “A casa é sua, Park Angel, Friends, Acredite se quiser, filmes, documentários, seriados e desenhos.” Já visitou o MASC, o MASP, já foi à Bienal (não informa o ano), viu “exposições contemporâneas, clássicas e exposições coletivas”. Informa exposições específicas: Meyer Filho e Juarez Machado. Seus artistas preferidos são Andy Warhol, Picasso e Meyer Filho. Informa como habilidades artísticas: pintura, artesanato, literatura, música, teatro e escrita. Também gosta muito de ler. À pergunta tem livros em casa? Responde: “Vááários e acho extremamente importante”. Freqüenta bibliotecas, costuma comprar livros, pois gosta muito e sempre está lendo alguma coisa. “É paixão”. Cita dois livros na questão sobre o último lido: “*O pássaro raro*, Jostein Gaarder; *Sherlock Holmes – estudo em vermelho*, Sir Conan Doyle¹²². Amei, o primeiro é filosófico, o 2º é suspense, que gosto muito”. Tem internet em casa, gosta de sites de música, blogs e webdesign. Gosta de conversar sobre “livros, net, TV, bandas, meninos, amigos, comida, filmes, teatro, fofoca, arte, etc”. Embora a ida ao teatro apareça como atividade de tempo livre, a última vez que foi ao teatro foi no projeto Palco Giratório no ano anterior. Vai a shows frequentemente, costuma comprar CDs, gosta de “rock, indie alternativo, rock alternativo, bandas novas”. Não costuma ouvir rádio “só MP3 e CDs. Talvez Itapema”. Costuma freqüentar o CIC, o shopping, o cinema, museus, bibliotecas e livrarias. Sugere “teatros novos,

¹²² GAARDER, Jostein. **O pássaro raro**. Tradução de Sonali Bertuol. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; CONAN DOYLE, Artur. **Um estudo em vermelho**. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

SHOWS DE MÚSICA INTERNACIONAL, falta divulgação, investimento na cultura”.

Além de ir ao cinema e ver filmes em vídeo de quase todos os gêneros, *La* também os seleciona na TV. Mas seu perfil se destaca dos demais pelas exposições, museus e artistas citados. Combina intensa programação de sair de casa com as de dentro de casa e consegue também, ao que parece, no mesmo grau de preferência, escolher entre a leitura e a tela.

Um dos alunos da escola particular, *D*, expressa uma questão que põe em relação a ida ao cinema e a ida ao teatro:

D., sexo masculino, 15 anos, também no 2º ano do ensino médio com renda familiar de R\$3.000,00 (informou também que ganha mesada de R\$50,00 mensais) assim descreve suas atividades de tempo livre: “Ler um bom livro, internet, cinema, shopping, shows, trilhas, handball, escutar música, inglês, grupo de jovens, Igreja, assistir televisão”. Além disso tudo, gostaria ainda de ir a teatros e shows. “Não frequento muito mais pelo motivo financeiro e também não temos tempo, sou muito ocupado e não temos uma instrução para selecionar uma boa peça”. Quanto ao cinema, o último filme visto foi *Matrix reloaded* na mesma semana de aplicação do questionário. Costuma locar todos os tipos de filmes e tem TV a cabo. Costuma frequentar museus, ir a exposições, vai a shows e concertos, gosta de ler, frequenta bibliotecas e não costuma comprar livros “por motivos financeiros” (embora ganhe mesada e possa escolher o que quer fazer com o dinheiro). Tem internet em casa e assinalou como locais

culturais de maior frequência o CIC, o shopping e o cinema. Sugere que haja “maior divulgação e infraestrutura nos eventos e preços menores.”

Qual seria a instrução mínima para se poder escolher um espetáculo? Qual é a instrução necessária para se escolher um filme para ver no cinema ou em casa? *Do* estaria se referindo à falta de crítica especializada em jornais? Não seria a frequência habitual que criaria um parâmetro de crítica e conhecimento das suas preferências? Seria necessário que os pais ou os professores indicassem-lhe o que é bom ou não?

O fato de afirmar que não tem instrução para escolher o que ver no teatro, nem ele e nem seus colegas ou familiares, já que usa o verbo no plural, coloca, obrigatoriamente, essas outras questões e põe a nu a falta de um clima cultural na cidade: se as ofertas de teatro são poucas, a ida aos espetáculos não está na agenda desses adolescentes. Logo, não há com quem conversar sobre o que viu ou está pensando em ver. Sem essa experiência de troca, com programações esparsas, o teatro torna-se algo distante da vida cotidiana, cedendo lugar para outras programações como cinema, por exemplo, cujo último lançamento todos os colegas viram e estão comentando. O mesmo acontece com as exposições e museus: como os jovens podem identificar-se com as artes plásticas se a cidade tem apenas dois museus de artes com infraestrutura que não suporta as exposições que estão nos circuitos artísticos de outras capitais? Como os jovens poderiam tomar parte de uma programação cultural da qual não se ouve falar e não se vêem os preparativos? O cinema torna-se mais presente porque já está incorporado na cultura da cidade, embora quase que somente dentro de um circuito comercial. Ainda assim, como se observou, o cinema não está presente no cotidiano dos alunos da escola pública.

Duas alunas da escola pública, que nunca foram ao teatro, no sentido tanto de espaço físico como de ver um espetáculo, explicitam o desejo de “fazer teatro”:

Ce., 7ª série, 14 anos, com renda mensal de R\$280,00 de pensão, escreve: “vou ao Shopping, e vejo televisão ou as vezes não faço nada, escuto som”. À questão “Além disso o que mais você gostaria de fazer” responde: “Teatro eu gostaria muito de fazer”. No entanto só foi ao teatro uma vez: “foi no Colégio, foi sobre duente menta[1]”. *Ce* não tem TV a cabo e seus programas preferidos são TV Globinho, Malhação, Agora é que são elas (novela), Mulheres apaixonadas (novela). Seus canais preferidos: Globo, Band e SBT. Não tem vídeo ou DVD em casa, já foi ao cinema três vezes tendo visto O Patriota “ano retrasado”. À pergunta Você gosta de ler? Responde “mais ou menos” e acha importante ter livros para o vestibular e para a faculdade. O último livro que leu foi de poesia, não diz quando e não lembra o nome. Não costuma usar a internet: não tem acesso em casa e nem em outro local. Gosta de conversar “sobre tudo e sobre os homens do malhação”. Reivindica que haja show em todo o final de semana no shopping e uma quadra de esportes no bairro. Cita o shopping, o cinema e o centro comunitário como os locais de cultura que mais frequenta.

Como *Ce*, também *I* só foi ao teatro uma vez, na escola, “sobre drogas na adolescência” e gostaria de fazer teatro. Ambas citam Pablo Picasso como artista de preferência e nunca foram a um museu ou exposição de artes. Ambas apontaram como atividade de tempo livre “escutar som”: costumam comprar CDs (*Ce* do KLB e românticos, *I* de Os travessos, pagode e pop rock). Ambas ouvem rádio: Band FM e Jovem

Pan. Citam como estilos preferidos Jazz e romântica. Além desses dois, a segunda acrescenta pagode e samba.

I., 15 anos, está na 7ª série e tem renda familiar de R\$800,00. No tempo livre, além de ver TV, gosta de “sair pra se divertir, escutar som, namorar e de ir à casa das amigas”. Tem TV a cabo, seus programas preferidos (ainda assim) são “novela, TV globinho e linha direta”, da Globo. No entanto, cita como canais preferidos MTV e TNT. Foi ao cinema há um ano atrás, tem vídeo ou DVD em casa e costuma locar filmes de comédia e de terror. Diz achar muito importante ter livros em casa, mas não gosta muito de ler. O último livro lido “foi de poesia”, há uma semana. Não tem internet em casa, mas acessa em outros locais para “pesquisas, música e signo”. Gosta de conversar sobre tudo com amigos e com a mãe. Frequenta o shopping, o cinema e o centro comunitário, além de festas e shows. Sugere que a programação cultural tenha mais shows e pede uma quadra de esportes, tal qual a amiga. À pergunta o que mais você gostaria de fazer? Responde: “teatro, eu gostaria de fazer”.

Talvez o interesse pelo teatro, por fazer teatro, possa ser uma vontade de ser artista televisivo tal qual os adolescentes do programa malhação que ambas vêm e sobre o qual gostam de conversar. Diferentemente das colegas de aula, *R* gostaria de ir ao teatro:

R. tem 24 anos, está na 5ª série, tem uma filha, renda mensal de R\$800,00 e registra, como profissão, “do lar”. A sua resposta sobre o que faz no período de tempo livre foi breve: “Asisto Tv e durmo”. Mas acrescenta que gostaria de “ir

no cinema num teatro levar minha filha. Ela me pede mas o custo é alto e não posso gostar”. A última vez que R foi ao cinema foi no lançamento do filme *O Rei leão*. Nunca foi ao teatro. Os programas preferidos são as novelas, o jornal e o programa do Jô. Os canais preferidos são “Globo, Medicina do século XXI e Discovery”. Tem vídeo em casa e costuma locar filmes de terror e drama. Ouve a rádio Luar, não costuma comprar CDs “o custo é alto não tenho possibilidade”. Vai a shows somente às vezes porque, assim como *Iz* com relação às exposições, não gosta de tumulto. Suas preferências musicais são sertanejo, pagode e romântica. Nunca foi a museus ou exposições. Tem livros em casa, gosta de ler romances, frequenta bibliotecas por esse motivo e seu último livro lido foi “*Sexo e destino*”¹²³. Gostou por que é “um livro espírita e nos ensina coisas boas”. Não acessa a internet e gosta de conversar sobre coisas do cotidiano. Não frequenta nenhum local de cultura e sugere que tenha “mais divulgação, teatros, cinemas mais baratos e gratuitos”.

Na primeira vez em que li as respostas de *R*, vi escrito gastar no lugar de gostar, mas está escrita de forma muito clara a palavra *gostar*. O gosto, neste com maior evidência do que nos outros casos, é uma questão de quanto se pode gastar. Posso gostar o tanto que posso gastar. Nesse ‘*não posso gostar*’, talvez esteja uma referência ao cinema ou ao teatro como hábito, já que já foi ao cinema - a última vez foi no lançamento do filme *O Rei leão* - e também porque tem TV a cabo - o que é dispendioso; não mais do que ir ao cinema todos os finais de semana, ela e a filha ou a família toda (que pode ter entrado num

¹²³ LUIZ, André. **Sexo e destino**. Psicografado por Francisco Xavier. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1963.

consenso quanto a este gasto) mas certamente é um investimento que sai da lista das necessidades básicas, sendo, portanto, uma escolha. O cinema e o teatro, embora haja o desejo explícito de fazer deles atividades de maior frequência, são, por causa de questões econômicas, atividades especiais para se fazer de vez em quando.

Apenas 4 pessoas, todas da escola pública, escreveram que não vão ao teatro porque não gostam. Um deles, *M.*, só foi ao teatro uma vez, quando tinha 9 anos, e ainda lembra do nome do espetáculo que viu. Se teria sido uma experiência do teatro da escola em que foi ator ou se teria ido ao teatro com os colegas da escola ou numa experiência fora dela, não é possível saber.

M., sexo masculino, 14 anos, 5ª série, o único do grupo que não sabe a renda familiar respondeu “Vou ao Shoopp, saio adoitado para ir em algum clube e vou ver a minha gorra”. Apresenta grandes dificuldades de escrita, talvez esteja se alfabetizando agora. Não gosta de ler, não frequenta bibliotecas e nem compra livros, o último livro que leu foi “porque a professora pediu” não gostou e não lembra da história. Acessa a internet para sites de bate-papo fora de casa. Gosta de conversar sobre o que vai fazer no final de semana, costuma frequentar o shopping e o cinema. Foi ver Xuxa e os Duendes há um ano. Foi ao teatro uma vez há 5 anos e viu “os animais cantores” e, embora ainda se lembre do título do espetáculo que viu há tanto tempo, assinalou como motivo de ter ido apenas uma vez ao teatro o fato de não gostar de teatro. Não tem vídeo ou DVD mas vê filmes na casa da tia. Tem preferência pelos filmes de ação. Vê TV, seu programa preferido é *Malhação* e o canal é Globo. Nunca foi a um museu ou exposições. Gosta de rap, reggae e sertanejo, costuma comprar CDs e vai a

shows às vezes “porque tem mulher e para midiverti”. Também ele saiu da escola ainda em 2003.

Além das atividades citadas como opções para o tempo livre, há indicações sobre o que mais gostariam de fazer, conforme pede o questionário. Em ambos os grupos viajar é o desejo que aparece mais vezes: 8 alunos da escola particular e 6 da escola pública desejariam fazê-lo. No entanto, o que salta à vista é o fato de 3 alunos da escola pública terem escrito como resposta à questão: “Além disso o que mais você gostaria de fazer?": nada.

V. fica na rua com os amigos, na avó ou sai à noite e não gostaria de fazer “nada” além disso. Seu estilo de música é pagode e rap, ouve a rádio Atlântida, costuma comprar CDs e ir a shows. Foi ao teatro uma vez ver uma “peça do meu primo” há dois anos atrás, mesmo período em que foi ao cinema para ver Matrix. Tem vídeo em casa, costuma locar todos os tipos de filmes menos pornográficos. Costuma ver TV, seu canal de preferência é a Record e seus programas “Esporte total e Turma do gueto”. Desenha e “toca rebolo”. Não gosta de ler, mas tem livros em casa e acha importante tê-los. Não frequenta bibliotecas e não compra livros, ganha-os da madrinha: faz questão de esclarecer mais uma vez que não gosta de ler: esse é o motivo pelo qual não compra e não lê livros – a resposta ao último livro que leu foi essa: “não leio livros”. Tem 15 anos, está na 7ª série e tem renda familiar de R\$600,00 numa família de 7 pessoas. Acessa a internet em outros locais que não em casa e se interessa por “tipos de religião”. Gosta de conversar sobre jogos e videogames e, embora

tenha ido ao cinema pela última vez há dois anos, assinala-o como local de cultura que costuma freqüentar. Nunca foi a um museu ou exposição, não gosta de nenhum artista. Quando perguntado sobre o que sugere para a programação cultural da cidade responde “eu queria que tivesse mais shows e que o colégio fosse maior”. Não freqüenta mais a escola desde outubro de 2003.

Embora a apatia esteja evidente na resposta em que ele é solicitado a apresentar um desejo individual, na questão sobre a programação cultural, *V.* escreve duas reivindicações: colégio maior e mais shows. A maioria dos alunos desse grupo usou o espaço para expor pedidos que revelam problemas de ordem coletiva: quadra de esportes, espaço para crianças brincarem fora da escola, mais policiamento, mais segurança, entre outros. A questão sobre a programação cultural deu lugar a respostas que reivindicam estruturas mínimas desejadas por uma comunidade um pouco esquecida pelo poder público. O fato de “pedir coisas” talvez esteja mostrando também a complexa relação estabelecida pelos políticos, representantes da comunidade, nas reuniões, comícios e eventos. É como se quando recebessem alguém de fora da comunidade, esse alguém estivesse aí com a intenção de ouvir e buscar atender os seus pedidos. *V.* não quer fazer nada, mas sonha com espaços melhores e maior programação para que possa, talvez, querer fazer algo.

Se os alunos da escola particular, na sua maioria, explicitam também o desejo de viajar, na questão sobre a programação não reivindicam nada para si ou para a comunidade especificamente. O pedido mais repetido é o da ampliação da programação de shows e investimento em divulgação¹²⁴.

¹²⁴ Mais adiante, na descrição da freqüência ao teatro, abordarei esse tema.

Va., 17 anos, 2º ano do ensino médio, renda familiar de R\$3.000,00. Além de ir ao cinema, fica na internet, lê, canta, joga basquete, vai a shows. Gostaria de fazer aula de teatro e de viajar para Berlim, mas não faz teatro por falta de tempo e não viaja por falta de dinheiro. Vai a shows às vezes, costuma comprar CDs de qualquer estilo, seus estilos preferidos são MPB, sertanejo, rock e axé. Ouve CBN Diário e Jovem Pan. Vai ao teatro às vezes, o último espetáculo que viu foi “sete minutos! Sábado passado! No CIC”. Foi ao cinema também no último final de semana, para ver *Matrix reloaded*. Tem DVD e costuma locar filmes de “qualquer tipo”. Tem TV a cabo, seus canais de preferência são SBT, Globo e Telecine. Gosta de programas “de debates tipo Ratinho”. Acha importante ler, gosta de livros, costuma comprá-los e freqüentar bibliotecas. Cita como último livro lido *Harry Potter e o cálice de fogo*¹²⁵, gosta “das aventuras tratadas nele”. Tem internet em casa e se interessa por “tudo um pouco”. Afirma ter habilidades musicais, embora não explicita quais. Visitou o Museu Cruz e Souza e diz ter visto “a vida de Cruz e Souza”. Gosta de Van Gogh e de Leonardo da Vinci. Costuma freqüentar o CIC, o shopping, o cinema, a universidade, museus e igrejas. Quanto à programação sugere: “Acho que dever ter mais shows musicais e teatros e com uma grande divulgação e cobertura da TV’s de Santa Catarina/Florianópolis”.

Ju acha a programação cultural “um grande problema”:

¹²⁵ ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Ju, 16 anos, 2º ano do ensino médio, renda familiar de R\$3.000,00 não vê muita TV “porque acha que falta criatividade nos programas de hoje”. Tem TV a cabo e curte canais de música, filmes e notícias. No tempo livre “Ouço música, leio livros, às vezes, escrevo poesias, ando de bicicleta, corro, faço teatro e inglês, arrumo a casa, saio com meus amigos, namoro...”, “gostaria de fazer um estágio (mas não pintou oportunidade ainda), de fazer aulas de canto (mas são muito caros), aula de violão e viajar muito”. Foi ao cinema no último mês para ver *X-men 2*. Costuma alugar filmes de romance, comédia, ficção, drama “que tragam mensagens, reflexões”. Foi ao MASC para ver instalações e foi também ao Cruz e Souza. Viu exposições em shoppings e supermercados, mas não lembra dos artistas. Gosta de Van Gogh e de Da Vinci. Vai ao teatro às vezes, a última vez “faz tempo”, mas participou das apresentações do colégio. Vai a shows, o último foi do Skank na Festa do pinhão em Lages em 2002. Gosta de MPB, rock e reggae. Compra CDs de artistas como Lulu Santos e bandas como Legião Urbana, Kid Abelha, e Beatles. Escreve poesias, faz teatro, gosta de cantar e está aprendendo a tocar violão. Gosta muito de ler, tem vários livros em casa e acha importantíssimo: “livros como *senhora*, *O alquimista*”. Não compra muitos porque tem em casa os que ganhou e também porque são caros. Os últimos livros lidos foram *No tempo das tangerinas* e *Quem mexeu no meu queijo?*¹²⁶ Gostou muito “principalmente do último pois ele trata sobre como lidamos com as mudanças da vida”. Tem internet em casa, gosta de assuntos sobre música, astrologia e profissões. Conversa “sobre a vida, como vivemos no mundo de

¹²⁶ KLUEGER, Urda Alice. **Nos tempos das tangerinas**. Florianópolis: Lunardelli, 1977; JOHNSON, Spencer. **Quem mexeu no meu queijo?** 10ed. Record, 2000.

hoje, sobre as relações entre as pessoas, música, sobre o individualismo e competitividade crescente em nossas vidas, sobre meus ideais, papos para se refletir...”. Frequenta o shopping e o cinema. Acha a programação cultural da cidade “um grande problema. Deve haver mais divulgação, mais oportunidades (acesso), menor custo”.

Malu, além de pedir maior divulgação, refere-se a uma falta de pensamento crítico em relação à arte:

Malu, aluna do 1º ano do ensino médio, 14 anos, não sabe a renda familiar e ganha mesada de R\$10,00: no tempo livre “Eu entro na internet, vejo TV, leio, durmo, etc”. Eu faço ginástica e espanhol”, gostaria de “fazer mais esportes e viajar mais, etc. Tem TV a cabo, vê “MTV, telecinepremium e nickelodeon”. Citou os programas “da MTV Fica Comigo, Videoclose, top30 e desenho”. Tem 2 vídeos, mas estão quebrados. A última vez que foi ao cinema foi no domingo anterior para ver *Matrix Reloaded*. Foi apenas a teatros infantis, nunca foi a shows ou concertos. Não costuma comprar CDs (só grava), gosta de “rock, pop e pop rock” e ouve a Jovem Pan FM. Nunca foi a museus de artes, mas já foi a museus históricos “um no jardim botânico em Curitiba”. Foi a uma exposição “de fotos de Sebastião Salgado que teve no colégio e outra de pintura em tela no Shopping Beira-Mar”. Não gosta de nenhum artista em especial, faz artesanato e também “pinturas”. Gosta de ler, tem livros em casa e acha importante tê-los: “com certeza, porque sempre temos que nos manter informados”. Não compra muitos livros, “só quando tenho dinheiro, às vezes

compro nas bienais”. O último livro lido foi Odisséia, gostou muito porque “retrata uma história com base na história (passado) e complementando com coisas imaginárias”. Tem acesso à internet em casa e na escola. Acessa para ler e-mails e quando não está fazendo nada entra em sites de jogos. Gosta de conversar “sobre coisas que aconteceram no dia, sobre internet, sobre as provas (depois de tê-las feito) entre outras coisas, fofoca as vezes”. Freqüenta o CIC “às vezes (raro)”, o SESC, o shopping e o cinema. Sugere que haja “mais divulgação nas escolas sobre os espetáculos, teatros, pensamento mais crítico das pessoas sobre arte”.

PERFIL DOS GRUPOS: FREQUÊNCIA ÀS ATIVIDADES ESPECÍFICAS

MÚSICA ¹²⁷

Rock e MPB estão entre os estilos de maior preferência dos jovens, ambos citados 10 vezes. Entre os alunos de faixa etária de 13 a 15 anos (são 16 ao todo, ou seja 55,17% do total da amostra), 7, todos com renda acima de R\$1000,00, escolheram o rock como estilo preferido. Houve 2 citações na faixa etária dos 16 aos 19 anos e 1 na de 20 a 25 anos. A MPB também está na preferência de 10 informantes com menos de 25 anos e de qualquer faixa de renda. Os informantes com idade acima de 25 anos (são apenas 3) dão preferência à música sertaneja, romântica erudita e gauchesca . O sertanejo é o segundo

¹²⁷ CF. tabelas 4 a 4.9. Anexo B, p 148 a 153.

ritmo mais votado com 7 indicações, 5 delas no grupo de mais de 20 anos e renda até R\$1900,00. Pagode e rap também estão entre os ritmos preferidos do grupo mais jovem.

Dois dos informantes do grupo mais jovem escreveram respostas do tipo: "todos menos metálica e funk" e "todos menos pagode e funk" e quase todos citaram mais de três estilos musicais de sua preferência. O estilo clássico/erudito foi a opção de dois alunos: 1 da faixa etária entre 13 e 15 anos e outra, uma mulher de + de 25 anos, ambos com renda entre R\$2000,00 e R\$ 3.000,00.

As duas estações de rádio mais ouvidas são Atlântida FM e Jovem Pan, ambas com 11 citações e, destas, 8 entre o público de menor faixa etária e em todas as faixas de renda. A rádio Itapema também está na preferência do grupo com faixa etária menor de 20 anos e renda acima de R\$1000,00. A Band FM é citada em todas as faixas de idade, pelos informantes com renda até R\$1900,00. Na faixa etária de + de 25 anos foram citadas as rádios Band FM, Guararema e CBN diário. A rádio Luar, que é uma rádio comunitária FM cuja sede se situa no mesmo bairro que a Escola Altino Flores, foi citada por 5 alunos, 4 deles mulheres entre 20 e 25 anos com renda até R\$1900,00.

Grande parte dos informantes não costuma comprar CDs. Curiosamente, o indicativo de renda não tem influência significativa nas respostas: os que compram são de todas as faixas de renda e idades e compram de estilos variados, sendo rock e MPB os que têm maior indicação de compras, o que está em conformidade com a preferência de estilo declarada. Dos 10 que não compram, 6 não sabem a renda e 4 têm renda inferior a R\$1900,00. Os da faixa de maior renda costumam comprar CDs de MPB, clássico/erudito e rock. 2 alunos dessa faixa de renda informaram que compram CDs de todos os estilos. Um tipo de resposta chamou atenção especial: 3 alunos (com renda até R\$900,00, 2 com idade entre 13 e 15 anos e 1 entre 20 e 25) responderam que costumam comprar CDs de

grupos revelação. De início, e por causa do s de uma das respostas indicando pluralidade, acreditei serem os grupos especialmente formados nos programas de televisão, como o FAMA da Rede Globo. Contudo, na pesquisa realizada posteriormente foi possível localizar o *Grupo Revelação*, de pagode, do Rio de Janeiro, cuja música single estava na trilha sonora de uma das novelas da Globo. Considero as duas possibilidades já que 2 alunos escreveram grupo e 1 escreveu grupos.

Além de saber seus estilos musicais preferidos, foi possível detectar a frequência das idas a shows e concertos e o motivo (aparente) pelo qual o fazem ou deixam de fazê-lo. 3 responderam que nunca foram a shows e concertos e 26 que sim. Os 3 que nunca foram são uma mulher de mais de 25 anos com renda de R\$2000,00 a R\$3000,00 outra mulher de 13 a 15 anos que não sabe a renda e um homem, também de 13 a 15 anos com renda de R\$510,00 a R\$900,00. Apenas 3 vão a shows e concertos com frequência: uma mulher de 16 a 19 anos e renda entre R\$1000,00 e R\$1900,00, outra de 13 a 15 anos que não sabe a renda e um homem da mesma faixa etária com renda entre R\$2000,00 e R\$3000,00. Todos os outros responderam que vão às vezes. 6 foram no mesmo mês de aplicação do questionário, 12 nos últimos 3 meses, 3 há 6 meses e 5 há um ano ou mais. A maior parte do grupo da escola pública citou o show oferecido pelo Shopping Itaguaçu em março daquele ano por ocasião das comemorações do seu aniversário. Os outros indicaram shows de grupos de pop, rock e pagode. Houve uma indicação para o concerto da Camerata de Florianópolis.

Foram 5 os que assinalaram como motivo de ir *às vezes* a opção *não fica sabendo* e 4 *não tem opção*. Embora apenas 3 tenham declarado ir *freqüentemente*, foram 7 os que assinalaram como motivo de ir *gosta muito e não perde as oportunidades*. Ao que parece os que gostam muito não têm tantas oportunidades assim e são obrigados a ir apenas às

vezes, ou então assinalaram esse motivo por considerá-lo mais nobre. De todo modo, a proporção de respostas desse tipo aumenta conforme a renda: de 6 alunos de cada uma da segunda e da terceira faixa de renda, apenas 1 em cada assinalou *gosta muito e não perde as oportunidades*; já na quarta faixa de renda, a maior delas, 3 dos 6 informantes fizeram essa escolha. 7 assinalaram a opção *dificuldade de acesso*, sendo 5 das respostas presentes na faixa de idade menor. Com relação à renda, 2 dos 4 informantes de menor renda, 2 dos 7 que não sabem e 1 para cada uma das outras faixas assinalaram essa opção. 15 alunos de todas as faixas etárias e de renda assinalaram como motivo *questões econômicas*, inclusive os com maior renda. Dos que nunca foram a espetáculos de música ao vivo, a mulher de mais de 25 não gosta – a única que assinalou essa resposta - os outros não tem opção.

CINEMA E VÍDEO¹²⁸

Apenas um homem, 21 anos, com renda de até R\$500,00 nunca foi ao cinema. Quanto à frequência, dos 16 alunos da menor faixa de idade, 5 declararam terem ido ao cinema no dia anterior à aplicação do questionário, 4 no mesmo mês, 1 nos últimos 3 meses e 6 há um ano ou mais. Dos 4 com idade de 16 a 19 anos, 3 foram no mesmo mês e 1 nos últimos 3 meses. Dos 6 com idade entre 20 e 25 anos, excetuando-se 1 que nunca foi, 1 foi no mesmo mês e 4 há um ano ou mais. Dos 3 com + de 25 anos, 1 foi há 6 meses e 2 há um ano ou mais.

Quanto à renda, dos 4 com renda menor, excetuando-se o que nunca foi, 1 foi no mesmo mês e os outros 2 há um ano ou mais. Os 6 da segunda faixa de renda foram há um

¹²⁸ Cf tabelas 5 a 5.4. p 154 a 156.

ano ou mais. Dos 6 da terceira faixa, 2 foram no mesmo mês, 1 nos últimos 3 meses, 1 há 6 meses e 2 há um ano ou mais. Dos 6 com maior renda 2 foram no dia anterior, 2 no mesmo mês, 1 nos últimos 3 meses e 1 há um ano ou mais. Apenas 1 dos que não sabem a renda familiar foi ao cinema há um ano ou mais. Dos outros 6, 3 foram no mesmo mês e 3 no dia anterior à aplicação do questionário.

Quanto ao gênero, pode-se perceber que quase 50% das mulheres, 08 das 17, foram ao cinema há um ano ou mais, todas da escola pública. Apenas uma aluna dessa escola foi ao cinema no mesmo mês da aplicação do questionário para ver o filme *Carandiru*. Das outras, 3 mulheres foram no dia anterior, 5 no mesmo mês, e 1 nos últimos 3 meses. 4 dos 12 homens foram ao cinema há um ano ou mais, 1 há 6 meses, 1 nos últimos 3 meses, 3 no mesmo mês e 2 no dia anterior à aplicação do questionário.

Considero alto o número de informantes que não tem DVD ou vídeo em casa. Dos 29 alunos, 9 não possuem o aparelho. Apenas 1 da menor faixa de renda **tem** DVD ou vídeo em casa. Em contrapartida, apenas 1 de cada uma das outras faixas de renda declaradas **não tem**. Dos 07 informantes que não sabem a renda, 3 não têm vídeo ou DVD em casa. Os que **não tem** são 5 com idade entre 13 e 15 anos, 3 entre 20 e 25 e 1 com mais de 25.

O gênero cinematográfico mais votado foi ação, com 9 indicações, seguido de suspense e terror com 8 cada. Comédia teve 7 indicações, romance 4, drama 2 e documentário, ficção e aventura tiveram 1 indicação cada. 4 alunos escreveram que costumam locar filmes de todos os estilos menos pornô.

TEATRO¹²⁹

Foi possível perceber, tanto a partir do questionário quanto da participação nos espetáculos, que a maioria dos alunos de ambas as escolas não havia ido a um espetáculo com grupos ou atores profissionais. O teatro conhecido era o teatro da escola e havia, especialmente no grupo da escola pública, talvez por estarem acompanhados de professores que também não costumam ir ao teatro, um receio muito grande de ser submetido a uma experiência desagradável. Vários alunos chegavam a ir até a porta de entrada e pedir para ficar vendo lá de fora ou então se decidiam por ir embora. Sentavam-se nas últimas cadeiras estrategicamente. Via-se que ao final estavam com pressa de ir embora, ao contrário dos alunos da escola particular, que participaram de todos os debates feitos após os espetáculos, arriscando-se a perguntar sobre o texto e sobre o processo de criação. Dois motivos explicam essa diferença de comportamento: o trabalho de incentivo e direcionamento feito pela professora de artes que acompanhou o grupo da escola particular do início ao fim do projeto e o fato dos alunos estarem entrando num grupo de teatro, desejarem ser atores. A maioria dos alunos da escola pública também gostaria de ser ator/atriz, contudo, na escola não há um projeto de teatro e eles ficam sem a opção de experimentar encenar. A pergunta de como esses alunos gostariam de ser atores, sem, no entanto, freqüentar os teatros na cidade ou fora dela, ou seja, sem conhecer o teatro enquanto espaço e enquanto encenação/espetáculo é facilmente respondida pelo fetiche criado pela TV. Mais tarde, na descrição sobre a recepção televisiva fica claro que a

¹²⁹ Cf tabelas 6 a 6.3 p. 157 a 158.

maioria vê os programas para jovens com os atores célebres que se tornam facilmente seus ídolos.

Na escola o teatro ou encenação é, freqüentemente, uma forma didática de ensinar/aprender conteúdos, além de ser amplamente motivado como modalidade artística principal nas comemorações do calendário escolar. É desse modo que a maioria dos alunos conhece o teatro e forma uma idéia de gosto. Foi muito comum ouvir a frase “não gosto de teatro” sendo dita por alunos que nunca haviam visto um espetáculo não didático ou escolar, quando fui à escola pública fazer o convite para os espetáculos.

Dos 29 alunos, 8 responderam que nunca foram ao teatro. Analisando-se por faixa de renda, fica claro que os que nunca foram são os com renda menor: 1 da menor faixa, 4 dos 6 da segunda faixa de renda e 3 da terceira faixa. Contudo, a única pessoa que declarou ir ao teatro freqüentemente está na terceira faixa de renda e não na maior.

Dos que já foram ao teatro, 5 foram apenas 1 vez, 1 vai freqüentemente e 15 às vezes. Ainda com relação à freqüência, pode-se perceber através da questão *quando e qual foi o último espetáculo visto* que 2 foram no mesmo mês de aplicação do questionário, 8 há um ano ou mais e 6 só quando criança. Os que foram apenas uma vez, curiosamente, são 1 em cada faixa de renda com exceção da segunda com 2. Apenas nas duas maiores faixas de renda há indicação para a alternativa *neste mês*.

A opção *às vezes* não representa uma freqüência mais ou menos habitual. Dos 15 que responderam que vão ao teatro às vezes, 8 foram há um ano ou mais e 6 quando criança. Muitos disseram não lembrar quando foi a última vez e depois citaram um espetáculo levado à escola ou outro do qual participaram da encenação. O que fica claro é que realmente a freqüência a espetáculos no teatro é quase inexistente, mas se sentem na obrigação de dizer que já foram, ou que gostam, já que foram convidados para participar de

um projeto que prevê a ida ao teatro. Ainda assim, 4 alunos declaram que não vão ao teatro porque não gostam, e apenas por isso; 2 com + de 25 e 2 com 13 a 15 anos, destes, 3 homens e 1 mulher. 1 com renda familiar de até R\$500,00, 2 com R\$1000,00 a R\$1900,00 e 1 que não sabe a renda. Os outros assinalaram mais de uma alternativa (renda e idade parecem não influenciar no tipo de resposta): 3 disseram que *não têm opção*, 13 *não ficam sabendo*, 7 *têm dificuldade de acesso*, 14 marcaram a opção *questões econômicas* e 2, *outros*, como censura e falta de tempo.

A pergunta mais óbvia a se fazer aqui é como podem não ficar sabendo se na verdade não há opção? Novamente o problema de programação: há uma inversão de causa e conseqüência na qual acreditam tanto os programadores quanto o público que não vê essa programação sendo anunciada. Os espetáculos exibidos na cidade, geralmente com grande produção e elenco conhecido pelo trabalho de ator/atriz de televisão, com exceção dos do projeto Palco Giratório, do SESC, têm mídia; portanto, pela TV, pelo rádio ou pelo jornal impresso a exibição é anunciada e atinge a maior parte do público. O que acontece, de fato, é que as opções de espetáculos de teatro são raras e bastante caras, excetuando-se os festivais¹³⁰.

Vejo também, nesse número de respostas *não fica sabendo*, uma crítica à forma de divulgação do projeto Palco Giratório, ao qual eles estão indo pela primeira vez ainda que o projeto esteja acontecendo na cidade há 3 anos. Por ter uma proposta de exibição de espetáculos que estão fora ou que não atendem as exigências de mercado e por ter uma produção menor não há investimento em mídia e, conseqüentemente, se restringe a um

¹³⁰ No ano de 2003 havia apenas um festival de teatro na cidade: o Isnard Azevedo. Em 2004 surgiram a Mostra de Teatro Gesto, com uma semana de espetáculos a preços populares e a Mostra Palco Giratório, com programação de teatro todos os dias durante um mês com ingressos por R\$2,50 para estudantes.

número menor de público: o especializado ou o que já tem o hábito de freqüentar os espaços de cultura da cidade onde os espetáculos são divulgados de forma muito intimista.

Analisando-se a freqüência às três atividades de sair de casa (cinema, shows/concertos e teatro¹³¹) pode-se ter a preferência dos informantes quanto a essas atividades: enquanto 13 foram ao cinema no mesmo mês de aplicação do questionário, apenas 6 foram a shows e 2 ao teatro. Aqui se têm a síntese dos hábitos culturais do grupo com relação a essas atividades¹³²: 44% do total de 29 informantes costuma freqüentar o cinema, diminui para 20,6% quando a opção é show ou concerto e cai para apenas 6,29% se for o teatro¹³³.

O público mais jovem, ao que parece, prefere o cinema aos shows e ao teatro (ou tem mais opções, ou é mais barato de forma que podem freqüentá-lo). Ao mesmo tempo, percebe-se que o número de pessoas que foi ao cinema há um ano ou mais se assemelha ao número dos que foram ao teatro apenas uma vez ou só quando criança. A freqüência aos shows e concertos difere da de teatro e cinema porque quase todos os alunos da escola pública declararam terem ido ao mesmo show nos últimos 3 meses: se o questionário tivesse sido aplicado nove meses depois, provavelmente, os dados ficariam iguais, já que opções como essa só são oferecidas uma vez por ano, gratuitamente, no aniversário do município.

¹³¹ Cf tabela 7, p 159.

¹³² Tomei como a parte do grupo que possui o hábito de freqüentar espaços de cultura, ou que faz uma escolha explícita por atividades de cultura, aquela que declarou a freqüência maior, ou seja, no mesmo mês de aplicação do questionário. Considero os outros índices de freqüência como reveladores de atividades ocasionais e não habituais.

¹³³ Isso não significa que 70% da mostra tenha o hábito de freqüentar esse tipo de programação – o procedimento de análise não é cumulativo, ou seja, o percentual de cada atividade deve ser lido em comparação com o total do grupo isoladamente.

ARTES VISUAIS¹³⁴

Embora 21 informantes tenham declarado já terem visitado um museu, apenas 5 visitaram museus de artes. São 4 mulheres e 1 homem; 2 na terceira, 2 na quarta e 1 que não sabe a faixa de renda; todos com menos de 25 anos.

Mais de 50% da amostra, 15 dos 29, não gosta ou não conhece nenhum artista em especial. Leonardo da Vinci, Van Gogh e Pablo Picasso foram os mais indicados, nessa ordem, com 7, 6 e 4 indicações respectivamente. Os de maior faixa de renda, e portanto, de maior escolaridade também, indicaram além desses 3 artistas Renoir e Miguelangelo. Apenas 1 dessa faixa de renda declarou não gostar de nenhum artista em especial. Aleijadinho, Meyer Filho, Andy Warhol, Tarsila do Amaral e Stan Lee tiveram uma citação cada.

TELEVISÃO¹³⁵

Apenas dois alunos não vêem TV, um homem e uma mulher, ele com 13 a 15 anos e ela com + de 25, ambos com a maior faixa de renda. Dos 27 que vêem TV, 13 têm TV a cabo. Quanto à renda, nenhum da faixa de menor renda tem TV a cabo. Os que têm são 3 da segunda faixa, 1 da terceira, 3 da quarta e 6 dos 7 que não sabem a renda. Quanto à idade, 8 têm 13 a 15 anos, 4 têm 16 a 19 e 1 tem 20 a 25.

¹³⁴ Cf. tabelas 8 a 8.4 p. 160 a 162.

¹³⁵ Cf. tabelas 9 a 9.3 p. 163 a 165.

Globo foi o canal mais indicado: está na preferência de 14 dos 27 que vêem TV. Mesmo os que têm TV a cabo indicaram a Globo ou programas da emissora. Malhação, novelas e jornais são os programas mais vistos com 8, 8 e 6 indicações respectivamente. O SBT vem em segundo lugar com 6 indicações de preferência. Dos canais a cabo os mais citados são os de filmes e seriados como TNT, HBO, FOX, Warner e Telecine; o de música MTV; Discovery e Nickelodeon.

INTERNET¹³⁶

Do total da amostra, 6 pessoas não têm acesso à internet nem em casa e nem em outro local, destes, 2 em cada uma das 3 menores faixas de renda; 1 com 13 a 15 anos, 3 com 20 a 25 e 2 com mais de 25. São 1 homem e 5 mulheres.

Dos 23 que acessam a internet, 14 acessam em casa e 9 em outros locais¹³⁷. Dos que têm acesso em casa, 8 têm 13 a 15 anos, 4 têm 16 a 20, 1 tem 20 a 25 e 1 + de 25; são 9 mulheres e 5 homens; 5 não sabem a renda, 5 são da maior faixa, 3 da terceira e 1 da primeira. Sem dúvida, os que têm acesso à internet em casa têm também renda maior. Veja-se que os que não sabem, ao que indicam suas respostas e por serem da escola particular, devem pertencer às maiores faixas de renda.

Os assuntos de preferência indicados são música, bate-papo, e-mail e pesquisas.

¹³⁶ Cf tabelas p. 166 e 167.

¹³⁷ Muitos que tem acesso em casa podem usar a internet também na escola ou em outros locais.

LEITURA¹³⁸

Apenas entre os mais jovens encontramos as respostas *não gosto* ou *mais ou menos/não muito* à pergunta de se gostam de ler. 2 que não sabem a renda e 2 da menor faixa responderam que não gostam e 2 das duas menores faixas responderam que não muito. No entanto, todos dessa faixa de idade (13 a 15) têm livros em casa e acham importante tê-los. 13 deles freqüentam bibliotecas e 7 costumam comprar livros.

Os com idade entre 16 e 19 anos, todos gostam de ler, têm livros em casa e acham importante tê-los, 1 não freqüenta bibliotecas, 2 costumam comprar livros e 2 não. Todos os alunos que têm entre 20 a 25 anos, gostam de ler, mas apenas 3 têm livros em casa e 4 acham importante tê-los. Todos freqüentam bibliotecas e 4 costumam comprar livros. Os com mais de 25 anos gostam de ler e freqüentam bibliotecas, 2 têm livros em casa, todos acham importante tê-los; 1 costuma comprar livros e 2 não.

Embora a maioria tenha declarado gostar de ler, quando perguntados sobre qual foi o último livro lido, muitos respondem que não lembram, outros, pelo menos 2, que não lêem livros, só gibis ou revistas e jornais e outros fazem as leituras obrigatórias exigidas pela escola. São bem poucos os que citam livros não recomendados pela escola.

A biblioteca aparece como local de pesquisa escolar: todos os que freqüentam bibliotecas deixam claro que visitam apenas a biblioteca da escola. Um dos que não freqüentam apontou como motivo o fato da biblioteca ser um local "*muito parado*".

Na escola Altino Flores os profissionais que atendem a biblioteca têm apenas nível médio, magistério, e são professoras de língua portuguesa e de 1ª a 4ª séries. Os livros

¹³⁸ Cf. tabelas 11 e 11.1 p. 168.

didáticos recebidos no ano em curso e utilizados pelos alunos ficam na “sala dos especialistas” para facilitar o uso, segundo a direção da escola. Os livros didáticos dos anos anteriores e os chamados paradidáticos ficam na biblioteca. O acervo não está catalogado e é composto de 500 livros infantis, 200 infanto-juvenis, 170 de literatura brasileira, alguns dicionários de língua portuguesa e inglesa, uma Barsa incompleta, e de mais ou menos 500 livros didáticos de todas as disciplinas.

Bem diferente é a situação da biblioteca no Colégio Nossa Senhora de Fátima: o acervo é composto de 273 títulos de literatura brasileira, 1763 títulos de literatura infantil, 547 infanto-juvenis e 90 obras de referências, dicionários e enciclopédias. Há também assinatura de 16 revistas e 1 jornal (Diário Catarinense) e 2 computadores para pesquisa na Internet. Os profissionais de atendimento são duas bibliotecárias formadas (UDESC e UFSC) que trabalham em tempo integral.

LOCAIS DE CULTURA MAIS FREQUENTADOS ¹³⁹

A última pergunta do questionário indagava sobre o que falta na programação cultural da grande Florianópolis e as respostas foram diversas e significativas: dentre as da escola pública, houve reclamações que abarcaram desde a necessidade de construção de uma quadra de esportes, segurança, moradia, “um colégio maior”, até as opções de construção de espaços de cinema e teatro fora do shopping; “ingressos gratuitos para quem realmente queira ir” e maior divulgação. Os informantes da escola particular apontaram

¹³⁹ Cf. tabela 12 p. 169.

desde “shows de música erudita, de teatro, de dança, corais em locais públicos e gratuitos”, “exposições itinerantes de grandes artistas, debates culturais sobre cinema e teatro, subsídio às artes”, até a necessidade de se criar uma política cultural que dê conta das necessidades da cidade que cresce e dos desejos do público que almeja ter aqui o que só se pode ver em outros centros culturais: “falta divulgação e políticas públicas para incentivo à cultura”.

De fato, a cidade de Florianópolis possui apenas 5 salas de teatro¹⁴⁰, 2 salas de cinema fora de Shoppings¹⁴¹ (e 3 em Shoppings) e dois museus de arte¹⁴². Nos bairros mais antigos há alguns museus ou salas de cultura popular como em Santo Antônio de Lisboa e espaços de artes em escolas e Universidades, mas que acabam, por falta de divulgação ou verbas públicas, ficando de acesso restrito aos freqüentadores desses lugares: comunidade, alguns estudantes de artes e artistas. O CIC, Centro Integrado de Cultura, é o local que apresenta a maior programação cultural da cidade de Florianópolis.

Na cidade de São José, há apenas 1 teatro, o Adolpho Mello, que é o mais antigo teatro do estado, construído em 1854. Freqüentemente passa por reformas que o interdita durante longos períodos e não possui nenhuma programação definida para espetáculos. É usado, principalmente, para oficinas de iniciação ao teatro e espetáculos dos alunos. Raramente algum grupo local consegue fazer uma temporada de apresentações. Há 1 cinema fora de shoppings, o Cine York, que originalmente era um bar e sala de espetáculos. Ambos situam-se no Centro Histórico da cidade. Há outras 3 salas de cinema no shopping, 1 Museu Histórico, uma Casa de Cultura do município voltada para a tradição açoriana e a

¹⁴⁰ TAC (Teatro Álvaro de Carvalho, reinaugurado em 2004 após 6 anos de reformas), o Teatro da UBRO, o Teatro da UFSC, o Teatro Armação (do grupo) e o teatro do CIC (Ademir Rosa).

¹⁴¹ Sala do CIC (Nossa Senhora do Desterro) e o Cine Clube Sol da Terra na Lagoa da Conceição.

¹⁴² MASC, no CIC e o Museu Vitor Meireles. Possui também o Museu Cruz e Souza, histórico.

Casa de Cultura das faculdades Estácio de Sá. A cidade não possui um programa ou uma política cultural.

Os alunos da escola pública citaram o shopping, o cinema e o centro comunitário como os locais de cultura mais freqüentados. Apenas 2 declararam não freqüentar nenhum local (um com a menor e outro com a maior faixa de renda, mulheres, 1 com 20 a 25 anos e outra com + de 25). Os alunos da escola particular citaram também o shopping, o cinema e o CIC, a diferença estando na freqüência ao centro comunitário que é local de excelência da cultura popular em contraste com a freqüência ao CIC local que tem uma programação que apresenta tanto as experimentações de grupos e artistas novos como as do circuito da moda e do mercado. O shopping foi o local mais citado como espaço cultural freqüentemente visitado pelos alunos de ambas as escolas: dos 29 alunos, 24 assinalaram essa alternativa.

Beatriz Sarlo¹⁴³, sustenta que o shopping é um simulacro de cidades de serviços em miniatura, um espaço sem qualidades, já que uma vez num shopping, não importa muito em que cidade se esteja, se tem a impressão de estar sempre no mesmo ou num só lugar. As marcas internacionais, a estética de disposição das lojas no espaço, as vitrines, os cafês, os cinemas: “o shopping produz uma cultura extraterritorial da qual ninguém pode sentir-se excluído”.¹⁴⁴ O shopping tolera tanto os que consomem pouco, ou mesmo não consomem, quanto os que o procuram para o consumo.

O shopping Itaguaçu torna-se facilmente o centro pulsante da cidade de São José, já que os locais de cultura da cidade - o teatro, o museu histórico, a praça e o cinema - estão situados fora do centro administrativo, em um centro afastado e tombado como patrimônio

¹⁴³ SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna, intelectuais, arte e vídeo – cultura na Argentina**. Rio de Janeiro, editora da UFRJ, 1997.

¹⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 20.

histórico. No meio dos bares, restaurantes e ruas de maior agitação noturna está o shopping center como única opção de cinema, de reunião de adolescentes, com suas praças de alimentação e pontos de encontro. O Shopping Itaguaçu se converte assim, de maneira mais determinante do que outros shoppings da grande Florianópolis, como o local de maior apelo ao entretenimento. Talvez por esse motivo, freqüentemente é palco de shows, espetáculos e feiras.

Fazendo uma referência ao primeiro capítulo em que tento definir o homem contemporâneo como o sujeito singular que constitui a multidão atual, marcado pela atitude de distração e pela sua capacidade de se mover na linguagem, se constituindo na comunicação, penso se não seria o shopping um local legítimo da cultura na experiência contemporânea. Para Beatriz Sarlo, a velocidade com que o shopping se impôs na vida cultural urbana não lembra nenhuma outra mudança de costumes: “em cidades que se fraturam e se desintegram, este refúgio antiatômico é perfeitamente adequado ao tom de uma época”¹⁴⁵

O segundo local mais citado foi o cinema, uma segunda afirmação do shopping, com 21 indicações. O CIC tem 10 indicações e o SESC e o centro comunitário 8 cada um. O museu e outros, como bares alternativos para shows, igrejas, bibliotecas e livrarias, tiveram 4 e 5 indicações respectivamente.

À primeira vista a freqüência aos locais de cultura - e ao cinema de forma muito clara - é um hábito de pessoas com renda e escolaridade maiores e mais jovens. As tabelas mostram que as mulheres vão menos ao cinema, mas quem são essas mulheres? Mães

¹⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 22.

solteiras ou donas de casa que estão fazendo o curso de educação de jovens e adultos porque tiveram que parar de estudar. Logo, o gênero está condicionado à renda e ao estilo de vida. O que é esse estilo de vida? É ter outras ocupações, desejos e experiências estéticas? É ter menos dinheiro e ter que fazer escolhas? É falta de desejo, impulso, convite?

Da análise das respostas dos alunos ao questionário, então, pode-se deduzir que renda, idade e gênero isoladamente, não dizem muito sobre os hábitos culturais dos dois grupos. Antes é preciso verificar os outros hábitos de vida, tanto em relação ao gênero quanto à idade e a influência da escolarização e da renda familiar no cotidiano: quais as chances que a sociedade dá às pessoas que não estudam o quanto ela exige, que não têm dinheiro suficiente para pagar pelas coisas que poderiam querer vir a fazer ?

Quais as chances que a cidade dá aos que não possuem o hábito de frequentar locais e eventos de cultura com uma programação escassa de opções? Mesmo os que possuem o hábito podem alimentá-lo de maneira satisfatória?

III

RELATO DA OBSERVAÇÃO: A RECEPÇÃO

O programa de circulação de espetáculos do SESC apresentou 7 espetáculos de música e 7 de teatro.

Os espetáculos do projeto Sonora Brasil¹⁴⁶ foram: “*Música da região nordeste do Brasil*” com *Lia de Itamaracá* apresentado num sábado em que somente o grupo da escola particular participou, embora o da escola pública também tenha sido convidado; “*Música da região sudeste do Brasil*” com o grupo *O Quinto* no qual as duas escolas participaram; “*Música do sul*” com *Mestre Eugênio e os tocadores de Paranaguá* cuja apresentação aconteceu no auditório da Univali em São José e por esse motivo nenhum dos grupos pôde participar, apesar de terem sido convidados; e “*Música do Pará*”- com o grupo *Arraial do Pavulagem* apresentado no teatro da escola particular¹⁴⁷.

Ainda na música, foram oferecidos mais 3 espetáculos do projeto *Circuito Catarinense de música*¹⁴⁸: *Polyphonia Khoros* e *Catumbi de Itapocu*, ambos em domingos diferentes, no Centro Histórico de São José, não tiveram a participação de nenhum dos grupos; e *Gentil do Orocongo*, que se apresentou no Shopping, e teve a participação dos dois grupos.

¹⁴⁶ Cf catálogos anexos.

¹⁴⁷ Essa apresentação serviu para envolver tanto a escola quanto os pais dos alunos com o trabalho da professora, que estava encontrando dificuldades com a autorização dos pais para as muitas saídas dos filhos à noite. Por outro lado, privou da participação os alunos da escola pública.

¹⁴⁸ Cf catálogos anexos.

Pelo projeto *Palco Giratório – circuito nacional de artes cênicas*¹⁴⁹, foram oferecidos 4 espetáculos de teatro, todos no Shopping. *Lusco-fusco ou tudo muito romântico* encenado pela *Cia Absurda e Cia Acômica de MG*, o primeiro espetáculo cujos convites foram oferecidos aos grupos, foi censurado pela escola pública, pois a coordenação julgou se tratar de um espetáculo que não contribuiria para a formação dos alunos. Segundo a direção o grupo foi consultado e não manifestou interesse em participar. O “veto” à ida ao espetáculo deu-se pela apresentação de uma cena de nudez, já vista por uma professora da escola que havia assistido à sessão do dia anterior realizada no SESC Prainha.

Nos espetáculos seguintes: *A escrita de Borges*, monólogo encenado pelo grupo *Falos e Stercus (RS)*, *Foliões e Folgazões* com o grupo *Mamulengo Só Riso (PE)* e *À La Carte* do *La Mínima de SP*, a recepção foi cada vez mais calorosa chegando a ter a participação de pais de ambas as escolas. Os dois primeiros espetáculos são mais dramáticos, enquanto o penúltimo é teatro de bonecos. O último, uma comédia, foi sem dúvida, o mais apreciado pelo público.

Quanto aos espetáculos do projeto *EMCENACATARINA – circuito catarinense de teatro*¹⁵⁰, somente o grupo da escola particular assistiu a um dos espetáculos: *Esperando Godot* encenado pela *Cia de Atores de Itajaí*, apresentado num domingo, no shopping. Os outros dois espetáculos, *Adelaide Fontana, a rainha do rádio* com o *Erro Grupo* e *Histórias de amor* do grupo *Menestrel Fazedô* não tiveram a participação dos alunos. O primeiro porque foi apresentado no primeiro domingo de abril, antes da formação dos grupos e o segundo porque foi apresentado numa escola de circo e teatro em Palhoça.

¹⁴⁹ Cf catálogo anexo.

¹⁵⁰ Cf catálogos anexos.

RECEPÇÃO DO ESPETÁCULO *A ESCRITA DE BORGES*¹⁵¹

*A Escrita de Borges*¹⁵² foi o primeiro espetáculo com a participação dos dois grupos. O texto, escrito e interpretado pelo ator Alexandre Vargas, foi uma costura de contos e passagens da trajetória de vida do escritor argentino. Interpretando o próprio Borges, suas personagens e seu pai, Alexandre Vargas fez uma imersão e um passeio nas histórias criadas pelo autor, sem sair de sua biblioteca.

A dificuldade de entendimento, foi unânime tanto num grupo quanto no outro: não poderia ser diferente, já que não conheciam a obra de Borges e estavam pouco familiarizados com a linguagem de teatro.

Dentre os alunos da escola pública, todos experimentaram sentimentos confusos que variaram entre “alegria de estar ali”, entusiasmo, medo, nervosismo, susto e angústia. Apenas um aluno, respondeu que “deu para rir e curtir”. O espetáculo não poderia, de forma alguma produzir riso, mas foi possível observar certo mal-estar transformado em graça. No início do espetáculo foi difícil conter a algazarra provocada pelos cochichos, risos e troca de lugares. Foi necessário que eu estivesse atenta, indo de grupo em grupo para pedir silêncio. Muitos saíram porque não conseguiam ficar quietos. Os barulhos das facas sendo atiradas na madeira ou nos livros dispostos sobre o palco serviram tanto para chamar

¹⁵¹ Nas noites de espetáculo eram entregues as questões: por que você veio ao espetáculo? O que sentiu? A que você atribui esses sentimentos? Optei por analisar a recepção deste espetáculo por ter sido o único cuja soma das respostas é significativa: pude recolher 14 respostas, sendo 4 da escola pública e 10 da particular. Nos espetáculos posteriores optei por entregar as questões às professoras que conduziam os alunos para que as respondessem na escola e não obtive as respostas. Percebi que não houve o envolvimento dos professores em estimular uma conversa sobre o espetáculo e a escrita dos alunos. Cf anexo C, p. 170.

¹⁵² Cf catálogo anexo.

a atenção do olhar dos que estavam totalmente dispersos quanto para jogar outra vez os que estavam em silêncio nos comentários aflitos. Por diversos momentos pensei que o ator não conseguiria levar o espetáculo até o fim e fui tomada de grandes dúvidas sobre a validade da iniciativa pelo incômodo que aquela situação provocava no público habituado. Depois de um tempo de acomodação e muitas saídas, pouco a pouco o silêncio foi se restabelecendo.

Uma aluna desta escola escreve em sua resposta sobre como se sentiu no espetáculo: “apesar de muitos não notar fala do passado que não esqueceu o seu e em suas gerações pode expressar suas letras (...) palavras hoje faladas por pessoas que não conheciam Borges como merecia”. Destaco três interessantes expressões desta resposta. A primeira diz respeito ao pôr-se fora do grupo, perceber-se diferente dos demais. Estaria se referindo ao comportamento do grupo que, na falta de disposição para ouvir, não teria acompanhado o texto? Estaria se referindo à dificuldade de se entender o texto, superada por ela? Ou está dizendo que já leu Borges antes e por isso pôde entender melhor que os outros que não leram? A segunda diz da sua percepção sobre a importância do texto canônico, do texto que sobrevive a diferentes gerações, e a terceira, que vem de forma inseparável da segunda, me parece um certo lamento pelo desapego das novas gerações ao texto, à leitura ou ao autor: “*palavras hoje faladas por pessoas que não conheciam Borges como merecia*”: ela estaria fazendo uma crítica à geração que não conhece Borges como deveria, como num saudosismo, ou ao ator com cuja leitura ela não concorda?

Percebe-se uma diferença clara entre as respostas dos dois grupos, apesar de ninguém assinar as respostas. Enquanto os da escola pública, que estão cursando o ensino fundamental, ainda estão se familiarizando com a escrita e têm certa dificuldade de elaborar o pensamento, os outros, no ensino médio, têm um domínio maior sobre a elaboração

escrita de suas respostas. Esta talvez seja a diferença mais gritante que se destaca ao lê-las.

Fica claro também que os alunos da escola particular estão familiarizados com a linguagem técnica do teatro: para dizer o que sentiram ou em que se interessaram usam os termos: expressão corporal, tonalidade de voz, interpretação do ator; diferenciam narrador, ator e personagens; estão interessados no gênero, na classificação do espetáculo, querendo descobrir o que é um monólogo e “na sua organização: cenários, figurinos, trilha sonora entre outros fatores que o tornam interessante”, usando as palavras de um aluno.

Percebe-se também que foram informados sobre o espetáculo antes de tomar a decisão de vê-lo: sabiam em que o ator havia se baseado para a construção tanto do personagem como do espetáculo e sabiam que se tratava de um texto de Borges. A disposição para ir ao espetáculo e para ficar até o fim é determinada também pelas informações acessadas; nesse sentido, o trabalho preliminar de informar, conversar, distribuir textos ou posterior de desencadear um debate sobre o espetáculo, sobre o autor abordado ou sobre a performance do ator, através até mesmo do catálogo distribuído, é uma etapa importante para que essa experiência faça sentido para além do momento de apreciação.

O grupo da escola particular ficou nas primeiras cadeiras e muito atento do início ao fim, participando inclusive do debate feito com o grupo após o espetáculo e que durou cerca de uma hora. Não queriam parar de perguntar sobre tudo: como o ator tinha buscado o caminho para selecionar e montar os textos? Como tinha sido sua experiência com o estudo dos tigres e com a interpretação de um personagem que ia ficando cego? Como ele via Borges? Por que teria escolhido Borges? Estavam curiosos sobretudo com o equilíbrio e a preparação corporal do ator, queriam saber o que o diretor havia pensado, como foi o processo.

Os professores e os alunos da escola pública não participaram do debate.

Está claro que esse interesse está marcado pelo fato de os alunos estarem se preparando para ser um grupo de teatro. Não é possível, e nem quero aqui, estabelecer comparações rígidas entre os dois grupos. Gostaria apenas de registrar como foi a participação e o envolvimento dos alunos e dos professores.

A maioria das respostas do grupo da escola particular sobre o que sentiram no espetáculo e a que atribuem tais sentimentos, como nas respostas do outro grupo, aponta para o fato de se sentirem perdidos, confusos, em conflito, em parte por que não conheciam o texto, “eu não sabia praticamente nada sobre Borges”, em parte pela atuação do ator: seus movimentos, as facas e por estar representando vários papéis numa montagem de textos, num enredo não muito claro e nada linear. Uma aluna se defende sobre não ter entendido parte do espetáculo “*acho que este sentimento foi geral*”.

Duas das respostas dão uma idéia interessante do que foi a experiência para além da confusão e do conflito: “eu senti, que era como se as histórias contadas no espetáculo fosse real, era como se essas histórias estivessem acontecendo na frente dos meus olhos. Eu atribuo isso à interpretação do ator no personagem e nas falas, pois ele falava e interpretava de um tal modo, que me fazia imaginar as histórias na minha frente”; “Estava sentado bem na frente, parecíamos estar dentro do espetáculo, interagidos; às vezes parecia que as facas que o ator jogava iriam escapar e acontecer algum desastre. Os textos de Borges também são misteriosos, deu pra perceber bastante isso mesmo sem conhecê-los bem a fundo.”

Dentre as respostas do grupo da escola pública, somente 4, 2 descrevem como primeiro motivo de ir ao espetáculo, o convite do SESC ou dos professores. Uma destas respostas vem seguida de “me interesse muito por teatro” e certa familiaridade com a

linguagem do teatro torna-se visível quando diz que foi uma “interpretação muito boa”, mesmo que não tenha conseguido “entender a mensagem da peça”. Outras duas respostas colocaram em foco a curiosidade: fui “para ver o que ia acontecer lá”, “para assistir o que ia acontecer de bom, e pelo jeito era bom porque tinha bastante gente para curtir no espetáculo”. Essa curiosidade, que foi o principal motivo da aceitação do convite, revela uma total falta de informação sobre o que iriam ver. A continuação da segunda resposta deixa aparecer também uma dúvida sobre se gostou ou não do espetáculo, já que o julgamento de valor vem pela quantidade de outras pessoas que se reuniram pelo mesmo motivo.

As 10 respostas do grupo da escola particular sobre o motivo da ida ao teatro destacam o incentivo da professora, o convite do SESC e da escola, a vontade de assistir espetáculos e de conhecer, conversar e adquirir experiências com pessoas desse meio, a curiosidade, o gosto pelo teatro, a oportunidade de assistir de graça, o fato de querer conhecer os textos de Borges e por querer saber como é um monólogo.

Gostaria de destacar duas das respostas em especial: *“eu vim ao espetáculo, pois me disseram que já que eu não conhecia Borges, era bom eu ir para conhecer um pouco dele, e também porque me disseram que este espetáculo era ótimo”*; e *“um dos motivos que impulsionou a ida ao espetáculo “A Escrita de Borges” foi a oportunidade de assisti-lo de graça (...) Por outro lado, há o interesse pela poesia, teatro e sua organização (cenário, figurino, trilha sonora entre outros fatores que o torna interessante). Houve também o ponto “descompromisso”, pois para o que se gosta sempre se arranja um tempo extra...”*

Nesta primeira resposta fica clara a necessidade de indicação, da avaliação de um outro mais especializado a julgar. Se disseram que o espetáculo é ótimo e que se deve conhecer um pouco sobre Borges, então se tem um motivo nobre para ir ao espetáculo: é

impossível deixar de relacionar essa resposta à preocupação de um dos alunos, expressa no questionário inicial, sobre como escolher um bom espetáculo. Com a indicação da escola, da professora e do SESC, sente que poderá assistir a um ótimo espetáculo e por isso decide ir. Não quer se aventurar na descoberta do que é bom ou ruim segundo seu próprio julgamento.

Na segunda resposta vem em destaque o fato de poder ir ao teatro de graça: se fosse pago não iria? Por não ter dinheiro ou por achar que não valeria a pena gastar dinheiro com isso? Mais adiante escreve que foi importante também o fato de ir sem compromisso “*pois para o que se gosta sempre se arranja um tempo extra*”. Deixa claro que a ida foi uma escolha sua e no seu tempo livre. Parece estar dialogando com o colega que diz: “*gosto de ir a teatros, uma pena que não tenha muito tempo...*”. De fato pelas respostas ao questionário inicial e, especialmente os que estão se preparando para o vestibular, a agenda desses adolescentes anda muito cheia: estudo, cursos de línguas, aprendizado de algum instrumento, o grupo de teatro, etc...Vários deles deram como motivo de não ir ao teatro o fato de não terem tempo. Mas esse aluno desafia a falta de tempo, ou a desculpa dos outros.

RECEPÇÃO DOS ESPETÁCULOS: *MÚSICA DO SUDESTE DO BRASIL E GENTIL DO OROCONGO* – ANALISANDO AS SAÍDAS PRECOSES

Percebi que muitos dos alunos saíam antes da metade e então, a partir do 4º espetáculo passei a entregar a todos os que saíam as questões: “*Por que você saiu do espetáculo?*” e “*Quais são os motivos pelos quais você não gostou do espetáculo?*” numa

tentativa de compreender os motivos pelos quais saíam. Curiosamente, não houve um número de saídas grande nos 2 espetáculos de teatro que se seguiram, ao contrário do que aconteceu nos de música, e à medida que o público se habituou à dinâmica dos espetáculos (o fato de ter a luz apagada e de se exigir o mínimo de silêncio) o comportamento foi mudando. A algazarra e os gritos eufóricos, comuns aos shows ao ar livre, foram dando lugar, pouco a pouco, a uma disposição menos tumultuada.

No espetáculo de música da região sudeste do Brasil com o grupo “*O quinto*”¹⁵³ cujo interesse está na pesquisa e divulgação de repertórios tradicionais menos explorados pelo mercado cultural tendo como enfoque o mundo caipira, colhi algumas respostas significativas para as saídas:

1. “Porque não gostei da música eu gosto de pagode”.
2. “Porque eu não gosto de lugar com silêncio. O tipo de música não me agrada. Seria melhor um cantor famoso”.
3. “Porque eu não gostei. Porque as músicas são muitos moles e faz as pessoas dormirem”.
4. “Não gostei porque eles são muito engraçado, prefiria um pagode. Porque queria que fosse um pagode e seria muito mais divertido, mas fiquei só um pouco”.
5. “Porque eu não gostei. Eu não gosto dessas músicas, prefiro pagode, forró, romântica”.
6. “Porque tenho que entregar um trabalho no colégio. Eu gostei, mas não pude ficar”.
7. “Porque eu tenho um compromisso. Eu gostei muito”.

¹⁵³ Os músicos que formam o grupo O quinto são: Alexandre Luiz: violão, viola e voz/ Eduardo Camenietzki: violão, viola e voz/ Gilberto Fegueiredo: voz/ Hélio Sena: acordeon e voz/ Marianna Leporace: voz.

8. “Porque não gostei do grupo e também porque eles não são estilo. Meu etilo de musica é diferente, é pagode, REF e FEK”.
9. “Nada contra o espetáculo, são problemas particulares. Gostei muito, super interessante”.
10. “Por motivos pessoais, gostei sim”.

Excetuando-se as 4 respostas que apontam outros problemas, e que, na verdade, não passam de desculpas já que estavam ali no horário de aula e voltariam à escola depois, todos apontaram para o problema do gosto pessoal. É como se dissessem: não estou aberto a novas experiências. Não há disponibilidade para parar e ouvir ou assistir a algo que não faz parte do cotidiano, que não está na mídia e não é conhecido: fica clara a falta de hábito de lidar com o não familiar. Colocando-se essas respostas em relação com as do questionário, salta à vista uma certa incoerência: o sertanejo, ao lado de rock e MPB, foi um dos estilos musicais mais indicado na preferência dos alunos. O que pode explicar tal contradição é a preferência pelos grupos e cantores do rádio, dos shows dos grandes eventos e, principalmente, pelos grupos que têm algum prestígio criado pela mídia. Veja-se a resposta: “seria melhor um cantor famoso”. Os que dizem não gostar de música sertaneja guardam um certo preconceito em relação aos que gostam: música sertaneja é coisa de “povão”, de “gente antiga e não de jovens”. Essas respostas não foram dadas na hora de escrever, mas aos cochichos entre o grupo que saía. Quando solicitados a escrever, a resposta foi “não professora, é que não gosto, só isso”. Ao que parece, há um certo receio em se comprometer com a resposta escrita como se daí pudesse vir alguma repressão. Alguns alunos deixaram claro esse desprestígio da música sertaneja, do funk e do pagode no questionário.

Uma das respostas aponta para a questão do silêncio, reforçando os sinais da falta de familiaridade com espetáculos em locais fechados, e da falta de disposição para ouvir. Os shows em locais públicos se prestam muito a um comportamento de passeio, de encontro com os amigos, para além da música que toca ao longe, num palco distante. Estar num ambiente pequeno, fechado e próximo ao artista estabelecendo um contato com o olhar e com a audição silenciosa, é uma disposição que precisa ser aprendida.

As respostas colhidas no espetáculo de música *Gentil do Orocongo*,¹⁵⁴ foram bastante diferentes, pelo menos enquanto escritas, e, excetuando-se duas delas, tentam camuflar a questão do gosto. Há uma certa polidez nas respostas:

1. “Tempo. Adorei”.
2. “Pois estava um pouco chato. Não é que não gostei mas é que estou com sono e quero ir pra casa”.
3. “Porque eu tava com vontade. Porque não faz meu estilo”.
4. “Estava desinteressante. Não gosto do estilo africano”.
5. “Porque não consigo entender nada. Não é q não gostei é o motivo acima”.
6. “Pois não consigo entendere nada. Não é que não gostei apenas é motivo ali de cima”.
7. “Porque tinha um compromisso. Muitos”.
8. “Interesse em outro tipo de instrumento. Muito interessante esse tipo de instrumento e a receptividade”.
9. “Compromissos inadiáveis”.

¹⁵⁴ O orocongo é um instrumento monocórdico fabricado artesanalmente. O programa executado por Gentil do Orocongo inclui músicas como *a ratoeira*, *as aves ficaram triste*, *cacambi*, *boi de mamão*, *moçambico do banhado* e outras canções populares. No espetáculo seu Gentil mostrou como se faz um orocongo.

10. “Tinha assunto a resolver. Gostei muito mas não deu tempo”.
11. “Não é meu estilo de música, mas, respeito todos que gostam. Gostei da criatividade do instrumento”.
12. “Saí porque tenho que ir à casa de minha mãe. Gostei, mais poderia ser melhor porque poderia ter mais coisas diferente mais opções divertida”.
13. “Tenho que ir na escola para pegar o material. Gostei pois suas músicas tinha sons de nina canções antigas”.
14. “Estava cansado e com falta de ar. Eu adorei, pena que estava calor!”
15. “Acho que já escutei bastante, estou satisfeita. Eu gostei”.
16. “Realmente estava com vontade de sair. Não gostei muito, não que ele seja ruim, mais é que eu realmente não gostei”.

A fala de seu Gentil do Orocongo era de difícil entendimento. Foi necessário ficar muito atento e concentrado: falava rápido e um pouco baixo. Estava sozinho no palco iluminado, apenas com seus orocongos. O público foi colocado propositalmente muito próximo do músico e quem quisesse sair ou conversar com os amigos não poderia fazê-lo discretamente. Esse modo de disposição não permitiu que saísse um grupo ao mesmo tempo obrigando-os a ficar e ouvir um pouco, o que, provavelmente, quebrou a indisposição inicial. O fato de se ter criado uma atmosfera de silêncio, seriedade e de valorização dessa música tão pouco conhecida talvez tenha causado certa inibição para uma resposta do tipo "não gostei". Por isso deram desculpas e se justificaram tanto com respostas equivalentes, ou pelo menos, ambíguas: “acho que já escutei bastante, estou satisfeita...”, ou então trataram de dizer que embora não tenham gostado muito, não é o caso de dizer que ele seja ruim. As respostas mostram um discurso um pouco mais modalizado.

FINALIZANDO A PESQUISA: OS DEPOIMENTOS SOBRE A EXPERIÊNCIA

Dos depoimentos do grupo da escola pública¹⁵⁵ o que mais se destacou foi a vontade de "estar no palco": dos 15 alunos que assistiram aos espetáculos e escreveram seus depoimentos, 5 manifestaram esse desejo.

Em alguns depoimentos os alunos falaram do valor da ida aos espetáculos: “foi muito interessante, pois nunca tinha participado de nenhuma apresentação”, “aprendi a gostar mais de teatro”, “despertou o gosto pelo teatro e pela música”, “foi a primeira oportunidade que tive”, no entanto, nenhum deles manteve o interesse a ponto de procurar ver outros espetáculos que não os que a escola proporcionou em horário de aula.

Ao lado desse olhar positivo há também o inverso: "não significou nada, mas foi legal" ou então as duas declarações de que o interessante foi faltar à aula. O intrigante é que o que os motivaria a ir mais vezes ao teatro é o fato de faltar à aula, tida como uma coisa desagradável, e o fato de ir ao teatro por esse motivo não muito nobre, dizem, fez com que passassem a gostar de teatro. Querem continuar indo: por que gostam de teatro ou por que querem faltar à aula?

Fiquei com a impressão de que adotam o discurso da importância da cultura. Não há dúvidas, para eles, de que é bom participar, não sabem muito bem por que, indicam apenas que foi uma experiência nova e que aprenderam com isso. Fica claro o discurso dos professores e agentes culturais, mas não o pensamento dos alunos em relação à

¹⁵⁵ Anexo D. p. 174.

participação. Pareceu-me que diziam; “se você está aqui e se a professora está dizendo, então é bom. Eu concordo e ponto final”. Também não houve interesse por parte dos alunos e nem dos professores para participar dos debates realizados ao final de cada espetáculo. A participação foi sempre muito tumultuada, e, somente nos últimos dois espetáculos de teatro, um de bonecos e outro cômico, o grupo se manteve até ao final e sem prejuízo para o espetáculo, já que não era requisitado o silêncio. À adequação a um ambiente de silêncio e à atitude de contemplação, muitas vezes exigida pelas características do espetáculo apresentado, não foi alcançada.

Os alunos referem-se de modo positivo à experiência com relação ao teatro, mas quase nada falam da música. Penso que, como o último espetáculo visto foi *À la Carte*, o teatro ficou muito mais presente.

Os depoimentos do grupo da escola particular¹⁵⁶ apontam principalmente para a oportunidade de estar em contato com "diferentes culturas", com "a arte de diversas regiões do Brasil", de "conversar com os artistas" e de “explorar toda a técnica utilizada”.

Dos 14 alunos, 11 entregaram os depoimentos e destes, apenas 5 foram a outros espetáculos ou concertos que não os oferecidos pelo SESC.

Mesmo que a maioria participe do grupo de teatro da escola nenhum escreveu sobre a intenção de ser ator ou atriz, há apenas uma alusão, não há um pedido: “*foi uma maravilhosa experiência (...) nos fornecendo material e experiência, para, quem sabe, estarmos depois nós no palco*”.

¹⁵⁶ Cf. Anexo D, p 179.

Embora tenham ficado sabendo dos espetáculos, os alunos apontam para a necessidade de maior divulgação, popularização e propaganda. Este item estaria se referindo à popularidade do evento e seu reconhecimento enquanto “grande evento” digno de espaço nas colunas sociais e divulgação na TV e no Rádio? Ou seja, o que estaria em jogo seria o status do projeto e dos frequentadores? Esta hipótese me ocorre já que os espaços sempre estiveram lotados e a divulgação não midiática alcançou o público desejado. Relacionando-se, no entanto, esse descontentamento com as respostas do questionário inicial, percebe-se que podem estar fazendo uma crítica aos projetos do SESC e sua forma de divulgação ou à confusão entre não ficar sabendo e não ter opções como já foi exposto anteriormente.

O grupo da escola particular também avalia de forma positiva a experiência, e, outra vez, é o teatro que fica mais presente nos depoimentos: “a experiência de estar em contato com espetáculos de diversas formas, diretamente ligado com a cultura, recebendo-a dos mais diversificados modos foi fascinante. Tudo isso, nos incentivou a continuar assistindo e esperando o próximo espetáculo, diretamente impulsionado por termos contato com formas e pensamentos de vida diferente (...) Miscigenando todos esses maravilhosos espetáculos, destacando a realidade e a proximidade do público ao palco do lusco-fusco e as palhaçadas do bom e velho palhaço do espetáculo *À la Carte*, resumem muito bem o significado da Arte(...)”.

Não é possível medir, num projeto de mestrado, em tempo tão curto, o quanto a experiência mobilizou internamente as pessoas e nem mesmo o quanto ela influenciou no hábito à frequência de locais ou programações de cultura em longo prazo. Mas, pode-se saber que teve alguma importância exemplar no momento presente e que não será

facilmente esquecida, conforme alguns depoimentos dos alunos: “*volta e meia puxamos referências do que assistimos*”, “*o contato (...) faz o interesse aumentar cada vez mais proporcionando o gosto e a sensibilidade necessária ao apreciador*”.

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NAS ESCOLAS

Nas escolas que participaram desse projeto a arte e a literatura são campos de estudo dentro da sala de aula e de responsabilidade dos professores dessas disciplinas. A ida dos alunos aos espetáculos dependeu muito do envolvimento de um ou outro professor, empreitadas pessoais sem quase que nenhum envolvimento da escola. Na escola pública, “a escola do não tem”,¹⁵⁷ as barreiras para o envolvimento dos professores, inclusive os das áreas de artes e de literatura foram muito maiores especialmente por não existir esse projeto pessoal do professor, pela falta de formação adequada e o pouco ou nenhum contato com as artes que estão fora do circuito comercial.¹⁵⁸

No entanto, a experiência da participação foi vivida pela escola, já que os outros professores precisavam acompanhar os alunos aos espetáculos nos horários que não coincidiam com as aulas de artes, ou então a ausência dos alunos era justificada aos professores que ficavam na escola. Num programa em que o ensino está voltado inteiramente para a preparação do aluno para o mercado de trabalho, para que ultrapasse

¹⁵⁷ Expressão cunhada por Lisley Canola Treis Teixeira em sua dissertação de mestrado **O ensino por projetos: os sentidos que os professores articulam e a dinâmica da organização escolar**. Orientadora professora Dra. Vânia Beatriz Monteiro da Silva. UFSC, 2005.

¹⁵⁸ Os professores de literatura e de artes eram ACTs (admitidos em caráter temporário) o que significa que ficariam na escola somente durante aquele ano, ou, se fossem novamente admitidos no ano seguinte.

uma etapa na sua formação já prejudicada, as saídas para os espetáculos precisariam, de toda forma, serem justificadas por um outro aprendizado possível de ser mensurado.

Para que essa experiência não significasse apenas uma participação pontual seria preciso ultrapassar o caráter didático fortemente arraigado nas práticas escolares e criar espaço para se pensar numa educação estética como projeto de toda a escola.

Nesse sentido, apresento duas experiências de educação estética: uma, a da escola cubana, relatada por Pablo René Estévez¹⁵⁹ e outra, a da pedagogia do ócio¹⁶⁰, uma proposta de educação estética voltada para a vivência do tempo livre e que seria um projeto de toda a sociedade, mas que passa, inevitavelmente, pela escola.

A educação estética em Cuba, conforme Pablo René Esteves, está alicerçada e até mesmo condicionada pelos aspectos históricos da formação cultural integral do homem novo: um entrelaçamento das idéias pedagógicas da escola cubana, especialmente com os princípios de José Martí, e da teoria marxista-leninista.

Para além do caráter ideológico específico de um país socialista, e talvez impossível de servir como modelo a um país como o Brasil, a experiência cubana mostra o caminho trilhado pelo pensamento que engloba educação e cultura numa política de mútua valorização. A renovação cultural, condição primeira para a formação de uma cultura integral sustentada em valores socialistas, requereu uma profunda análise do sistema educacional escolar, passando-se, primeiro pela tomada de consciência das deficiências do sistema de educação, em particular da educação artística, e, num segundo momento, para uma educação estética que contribuísse para a “formação de atitudes estéticas ante a

¹⁵⁹ ESTEVES, Pablo René. **A educação estética: experiências da escola cubana**. Tradução de João Reguffe. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

¹⁶⁰ PUIG, Josep Maria, TRILLA, Jaume. **A pedagogia do ócio**. Tradução de Valério campos. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

realidade” e que, necessariamente, ultrapassasse o campo das disciplinas de artes. O passo seguinte a essa tomada de consciência e reorganização do pensamento e da prática do ensino das artes foi a possibilidade real de se “acentuar, desde as séries iniciais até o ensino superior, os conteúdos relacionados com a educação estética, de modo que se erija uma base firme para o desenvolvimento, e consolidação em etapas ulteriores, de uma personalidade ‘total’ com um alto nível de cultura estética¹⁶¹”, operando-se assim, num “salto de qualidade” significativo.

Dessa forma, a educação estética é concebida politicamente para alcançar-se a formação cultural integral da personalidade e, por conseguinte, a escola é tida como um meio autêntico de se construir mudanças sociais. Isso não quer dizer que a escola seja o único lugar em que a educação estética seja considerada. A escola atua conjuntamente com outras vias numa “multiplicidade de esferas de relações”: o meio natural, o meio social e os meios de difusão de massa.

A outra experiência é a da pedagogia do ócio, proposta nascida da sociologia do ócio, e que tem como pressupostos a educação *no, para e mediante* o ócio. Nesse sentido, uma das abordagens dessa pedagogia dá-se diretamente na intervenção sobre e no tempo livre, nos locais e nas atividades de tempo livre, e outra, fora do tempo livre, seja na escola ou em outro local que permita uma educação que prepare as pessoas para que vivam seu tempo disponível de forma mais positiva e liberta de fatores condicionantes como a indústria cultural, por exemplo.

Tanto a educação *no* ócio como a *para* o ócio supõe uma educação *mediante* o ócio, ou seja, vivenciando-se atividades próprias do tempo livre. A escola mostra-se como chave

¹⁶¹ ESTÉVEZ, Pablo René. Op. cit p. 46. Em parte, citado do Programa del Partido Comunista de Cuba, p 135.

da utilização positiva do tempo livre na medida em que está presente na vida das pessoas, de forma sistemática, diária e obrigatória, com vistas à formação tanto intelectual como humana.

O ócio supõe a liberação das obrigações do trabalho e a disponibilidade pessoal do tempo, mas, segundo Puig e Trilla, o ócio não pode ser tomado como sinônimo de tempo livre: “cria-se uma situação de ócio quando o homem, durante seu tempo livre, decide e gestiona livremente suas atividades, obtém prazer e satisfaz necessidades pessoais, como descansar, se divertir ou se desenvolver”.¹⁶²

Na sociedade contemporânea requer-se ao trabalhador que tenha uma vivência não limitada pelo trabalho, o que supõe uma exigência mínima de criação de tempo livre aos que trabalham formal ou informalmente. Sob essa ótica, pode-se entrever a necessidade de se repensar o papel da escola no sentido priorizado pela educação realista voltada às exigências de qualificação para o trabalho. É o que apontam os autores da pedagogia do ócio:

...necessitamos de um ensino que ajude a recuperar o gosto pela beleza, pela meditação e pelo estudo, qualidades que não se opõem à formação mais técnica e profissional. Defendemos, portanto, um realismo humanista que, sintetizando trabalhador e homem, crie um novo tipo de cidadão, capaz de trabalhar e aproveitar o tempo livre, capaz de dar sentido ao ócio e ao trabalho. (...) Não se trata de estudar as teorias gramaticais ou artísticas, mas ler, comentar, ver, ouvir e, principalmente, aprender a saborear as criações humanas.¹⁶³

Através da oportunização da vivência de situações de ócios ou de atividades possíveis de serem buscadas no tempo livre, a escola estará contribuindo para impulsionar

¹⁶² PUIG, Josep Maria, TRILLA, Jaume. Op cit, p. 21.

¹⁶³ Idem, ibidem, p 124.

uma educação que advirta e torne críticos os consumidores cuja liberdade corre o risco de ser tolhida pela sutil doutrinação que os meios de comunicação muitas vezes utilizam. Não se trata de negar certas atividades consideradas negativas ao tempo livre, mas dar uma formação capaz de tornar as pessoas sensíveis às escolhas possíveis.

Tanto a experiência da educação estética nas escolas cubanas como a proposta de uma pedagogia do ócio são exemplos de políticas educacionais e culturais que visam uma re-significação da vivência de atividades culturais que, por sua vez, interferem na preparação para a disposição necessária à busca de atividades culturais. Preparação do receptor das artes através da vivência das artes tendo a escola como um dos lugares favoráveis para a aproximação entre arte e público. Um lugar de convite à arte capaz de recuperar prazer e conhecimento num movimento circular: condições de aproximação, possibilidades de prazer estético e conhecimento prévio para a apropriação do percurso das várias significações presentes nas manifestações artísticas.

Para se sair da dimensão utópica que há nessa proposição há que se perguntar: como tornar possível o acesso físico, material e intelectual à cultura no contexto brasileiro em que o descaso com a educação e com a cultura manifestados de forma visível pela ausência de políticas culturais e educativas comprometidas na formação permanente de professores, artistas e agentes culturais e na valorização do patrimônio e criação de espaços e programações de cultura; pelo abandono dos prédios escolares cuja estética é mais a do presídio do que a da liberdade, a da frieza do que a do aconchego e pela falta de pesquisas comprometidas com a práxis educativa?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado deste trabalho, uma constatação salta aos olhos: a confirmação de que a escola pode ser o espaço de referência para a aproximação entre arte e público. Ela pode desencadear ou não, através da ação dos professores e do currículo, alguma vontade de arte. Mas sendo apenas o convite à escola sem o efetivo envolvimento do corpo docente, a experiência tende a naufragar.

O que pude colher das observações de pouco mais de dois anos é que os alunos da escola pública, a maioria sem acesso à internet, sem nunca ter assistido a um espetáculo de teatro ou de música que não fosse show em espaço aberto com o grupo do momento, só foram aos primeiros espetáculos por imposição da escola. Quando saíram antes do final e foram convidados a responder ao porquê da saída, encontrei respostas do tipo “não faz o meu estilo”, “se ainda fosse alguém famoso” ou “essa música é muito parada, me dá sono”. No entanto, com a frequência regular, parte desse mesmo público passou a permanecer até ao final dos espetáculos.

A principal alteração de comportamento pôde ser verificada, no entanto, no interior do sistema escolar: a recepção do convite por parte dos professores e da direção da escola mudou muito do início ao fim da pesquisa. Se antes, apenas uma professora se dispôs a acompanhar o grupo, no ano seguinte a escola toda quis participar da programação. No início do trabalho foi bastante comum o “veto” à participação - a direção tomava as decisões pelos alunos. Esse controle nunca deixou de existir, mas inaugurou-se um novo modo de receber o convite e de organizar a saída da escola. Contudo, se a escola continuou recebendo e participando da programação do SESC, o mesmo não se pode dizer dos alunos

que fizeram parte da pesquisa: sem a interferência desta, eles não voltaram aos espetáculos seguintes.

O grupo da escola particular foi formado por alunos que, na sua maioria, estavam um pouco mais acostumados a freqüentar eventos e lugares de cultura, já que expressam no questionário inicial e nos depoimentos colhidos ao final da pesquisa a vontade de estabelecer uma prática permanente e diversa de freqüência. No entanto, no ano seguinte, quando a professora que organizava as saídas da escola parou de fazê-lo, apenas 3 dos alunos do grupo continuaram indo aos espetáculos sem a interferência da escola.

Ainda assim, a falta de continuidade na participação dos alunos de ambas as escolas não pode ser lida como falta de interesse em continuar participando. Com o desligamento da escola, ou pela conclusão do curso, ou por evasão, o convite não chega a essas pessoas, já que não há divulgação nos meios de comunicação de massa. Mesmo quando os alunos continuam na escola, se não houver o empenho de um professor que repasse o convite, informe minimamente sobre o espetáculo e estimule a participação, eles acabam não tendo autonomia para a ida aos espetáculos, já que também não são impulsionados pela família.

Há que se pensar também, que não se pode esperar que em um período tão pequeno, se vislumbre mudanças significativas de comportamento e de hábito. Os verdadeiros resultados deste trabalho só aparecerão de forma visível em longo prazo; e, desse modo, quando encontro os poucos alunos que continuam freqüentando os espaços de cultura, penso que a premissa de que a pré-disposição à arte não é privilégio de alguns mas hábito construído e possível a todos foi confirmada.

A tentativa de aproximação entre arte e público esbarra no problema da ausência de uma política cultural para a cidade que privilegie uma programação variada de espetáculos,

cinemas, exposições, eventos literários, que sustentem a expectativa gerada e que estejam disponíveis de modo ininterrupto. O público não responde de modo positivo às tentativas isoladas de produção artística. Eventos não formam públicos, talvez uma política cultural que faça a arte ficar presente no cotidiano das pessoas, sim. Um convite a cada mês na escola não consegue muita coisa além de mostrar um leque de opções que ultrapasse o que é oferecido nos circuitos do mercado. Não é capaz nem de gerar, nem de sustentar o hábito.

Para se atingir metas de formação de público, ao lado da oferta de programação, faz-se necessário também o investimento na educação, seja na formação de professores, seja no envolvimento da escola num projeto maior do que relegar às disciplinas de arte e de literatura a tarefa de “ensinar arte”. Para produzir uma ligação duradoura que ultrapasse a escola, é necessário que se trabalhe a educação estética fora dos limites da sala de aula e das disciplinas de educação artística e de língua portuguesa. Esse deveria ser um projeto de toda a escola, que se confunde até com sua missão, com sua filosofia.

Esta pesquisa, no que diz respeito à orientação da ação na prática do trabalho desenvolvido pelo SESC, apontou para a necessidade de se investir na criação de um campo de discussão permanente que envolva as escolas (professores e setores burocráticos) se se quiser dar continuidade ao trabalho de formação de públicos *na e pela* escola. Observou-se que sem uma mediação consciente em nível de sensibilização por parte do professor, a disposição dos alunos ao diálogo com a arte não acontece.

Diante desse fato, criou-se, neste ano, o Núcleo de Estudos de Literatura e Arte que tem como principal objetivo, fazer um convite - o mesmo que foi dirigido antes aos alunos - aos professores e ao corpo administrativo de 10 escolas a usufruir da programação oferecida. Esse novo projeto prevê encontros quinzenais de discussão de literatura e de arte

privilegiando a leitura, a visita a museus e exposições e a ida aos espetáculos com ou sem a participação dos alunos conforme a pré-disposição das escolas.

O deslocamento do convite aos professores está inserido numa aposta política de formação de uma cultura estética que envolve tanto o cultivo da sensibilidade quanto da informação sobre a arte para a formação de atitudes críticas capazes de, por sua vez, contaminar o ambiente escolar. Resta avaliar, daqui a alguns anos, se esse investimento formará público e se trará resultados capazes de interferir em políticas educacionais e culturais que sustentem a atitude de fruição desse novo público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Morão. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. MANA 7(2):7-33, 2001

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leila Perrone-Moisés. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. 4ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**. *Ensaio sobre os fenômenos extremos*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1992.

_____. **À sombra das maiorias silenciosas. O fim social e o surgimento das massas**. Tradução de Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIM, Walter. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. In: **Os pensadores**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1969.

_____. *O autor como produtor*. In: **Os pensadores**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1969.

_____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas**, volume 1. 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BHABHA, Homi k. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1995.

BOURDIEU, *Pierre*. **As regras da arte: gênero e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

_____. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis, Vozes, 1977.

BRANT, Leonardo (org). **Políticas culturais**, volume I. Barueri, São Paulo: Manole, 2003.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do olhar – Walter Benjamin e o projeto das passagens**. Tradução de Ana Luiza Andrade. Editora da UFMG e ARGOS. 2003.

_____. Estética e anestética: o “ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin reconsiderado. In: **Travessia**. Ilha de santa Catarina, nº33, p. 11-41, ago/dez, 1996.

CALDAS, Waldenyr. **Cultura de massa e política de comunicações**. Rio de Janeiro: Global editora, 1991.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

_____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lesa. 4ª ed. – São Paulo: Edusp, 2003.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

COHN, Gagrriel (org). **Theodor Adorno**. Tradução de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1986.

CROCE, Benedetto. **Breviário de Estética**. Tradução Rodolfo Ilari Jr. São Paulo: Ática, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE JR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos a educação (do) sensível**. Criar Edições: Curitiba, 2001.

DUARTE, Rodrigo Antonio de Paiva. **Adorno/Horkheimer & a Dialética do esclarecimento**. 2ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ECO, Umberto. **Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. **Como se faz uma tese**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ESTEVES, Pablo René. **A educação estética: experiências da escola cubana**. Tradução de João Reguffe. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

FERRY, Luc. **Homo Aestheticus. A invenção do gosto na era democrática**. Tradução de Eliana Maria de Melo Souza. São Paulo: Ensaio, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamim**. São Paulo: Coleção Estudos, Perspectiva, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Tradução de Adelaine La Guardia Rezende...(et al). Belo Horizonte; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HERRERA, Felipe. **Novas frentes de promoção da cultura**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; MEC/DAC, 1977.

JAMESON. Fredric. **Pós modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de Maria Elisa Cevasco. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **As marcas do visível.** Tradução de Ana Lucia de Almeida Gazolla et all. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

JAUSS, Hans Robert. **Pequeña apologia de la experiencia estética.** Tradução de Daniel Innerarity. Barcelona: Paidós Ibérica, 2002.

_____. **A literatura como provocação.** Tradução de Teresa Cruz. Lisboa: Veja/Passagens, 1993.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética.** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Editora da UNISINOS, 1999.

_____. **Para ler Adorno.** Tradução de Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo.** Tradução de Valério Rohden e António Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

KOTHE, Flávio René. **Benjamim & Adorno: confrontos.** São Paulo: Ática, 1978.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LOUREIRO, Robson. **Indústria Cultural e educação em "tempos pós-modernos".** Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckubruck. 2ª ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995.

MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lucia Helena (org). **Valores: arte, mercado, política.** Belo Horizonte: UFMG; ABRALIC, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2001.

MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. **Literatura e sociedade**. 8ªed. São Paulo: Publifolha, 2000.

MENEGUEL, Fernando. **Crítica caseira**. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2003.

MORAIS, Frederico. **Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte**. RJ: Record, 1998.

ORTIZ, Fernando. Del fenómeno social de la “transculturación” e de su importância en Cuba. In: _____, **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: Catedra; Letras Hispánicas, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALLAMIN, Vera M. **Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e grande público: a distância a ser extinta**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

PILLAR, Analice Dutra (org). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto alegre: Mediação, 2001.

PUIG, Josep Maria, TRILLA, Jaume. **A pedagogia do ócio**. Tradução de Valério campos. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PUTERMAN, Paulo. **Indústria Cultural: a agonia de um conceito**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ROCHA, Everaldo (org). **Cultura & imaginário: interpretações de filmes e pesquisa de idéias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

ROSENFELD, Denis (editor). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna, intelectuais, arte e vídeo – cultura na Argentina**. Rio de Janeiro, editora da UFRJ, 1997.

SCHNITMAN, Dora Fried. (organizadora). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: artes médicas, 1996.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TEIXEIRA, Lislely Canolla Treis. **O ensino por projetos: os sentidos que os professores articulam e a dinâmica da organização escolar**. Dra. Vânia Beatriz Monteiro da Silva (orientadora). Dissertação de mestrado, UFSC, 2005.

VIRNO, Paolo. **Gramática de la multitud. Para un análisis de las formas de vida contemporáneas**. Tradução Adriana Gomes, Juan Domingo Estop, Miguel Santucho. Traficantes de sueños: Madrid, 2003.

WILLIAMS, RAYMOND. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Anexo A - Questionário

Identificação:

Nome Completo: _____

Idade: _____ Sexo: M () F () Escolaridade: _____

Endereço

Rua: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

E-mail: _____

Profissão: _____ Renda Individual: _____

Nº De Dependentes: _____ Renda Familiar: _____

1. O que você faz nos momentos em que não está nem trabalhando e nem estudando, por exemplo nos finais de semana?

2. Além disso o que mais você gostaria de fazer ? Por que não faz?

3. Qual é o seu estilo de música preferido? (jazz, rock, sertanejo, erudito, MPB)

4. Ouve rádio? Qual?

5. Costuma comprar CDS? De que estilo? Quais artistas/grupos?

6. Você já foi a espetáculos de música ao vivo? _____

() frequentemente () às vezes () nunca

7. Motivo: () gosta muito e não perde as oportunidades () não tem opções

() dificuldade de acesso () questões econômicas () não gosta
() não fica sabendo () outros – quais? _____

8. Qual foi o último? Quando?

9. Você já foi ao teatro ? _____

() frequentemente () às vezes () nunca

10. Motivo: () gosta muito e não perde as oportunidades () não tem opções

() dificuldade de acesso () questões econômicas () não gosta
() não fica sabendo () outros – quais? _____

11. Qual foi o último espetáculo que você viu? Quando?

12. Você já foi ao cinema? Quando foi a última vez? Qual filme você viu?

13. Você tem vídeo/DVD em casa? Costuma locar filmes? Que tipo?

14. Vê TV? Quais são seus programas preferidos? Tem TV a cabo? Qual seu canal

15. Você já foi a algum museu? Qual? O que viu?

16. Já foi a alguma exposição? De qual artista/ artistas?

17. Gosta de algum artista em especial?

18. Tem habilidades artísticas? (desenho, pintura, artesanato, literatura, música, teatro) _____

19. Você gosta de ler? Tem livros em casa? Acha importante ter? _____

20. Você frequenta bibliotecas? Costuma comprar livros? Porquê? _____

21. Qual foi o último livro que você leu? Gostou? Porquê? _____

22. Você tem Internet em casa? Tem acesso em outro local? Que tipos de assuntos lhe interessam? Gosta de algum site em especial? _____

23. Sobre o que você gosta de conversar? _____

24. Quais são os locais culturais que você mais frequenta :

- () CIC– centro integrado de cultura
- () SESC– serviço social do comércio
- () Shopping Center (espetáculos e shows)
- () Cinema
- () Universidade
- () Centro Comunitário
- () Museus

() outros – quais? _____

25. O que você acha que falta na programação cultural da grande Florianópolis? O que sugere?

Anexo B – Tabelas**Tabela 1: DADOS SOBRE OS GRUPOS****Nº de entrevistados:**

Escola pública Altino Flores: 15

Escola particular Nossa Senhora de Fátima: 14

Faixa etária	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ de 25
Escola pública	M 4* F 2	-	M 1 F 5	M 1 F 2
Escola particular	M 5 F 5**	M 1 F 3	-	-

Sexo	M	F
Escola pública	6	9
Escola particular	6	8

Renda familiar	até R\$ 500,00	R\$ 510,00 a 900,00	R\$ 1000,00 a 1900,00	R\$ 2000,00 a 3.000,00	Não sabem
Escola pública	4	6	3	1	1
Escola particular	-	0	3	5	6

Profissões informadas	Estudante	pensionista	Dona de casa	Vendedor de amendoim	pedreiro
Escola pública	7	1	5	1	1
Escola particular	14	-	-		-

* nenhum aluno com 13 anos.

** 1 aluna com 13 anos.

TABELA 2: SÍNTESE DAS ATIVIDADES CULTURAIS - por escola

O que fazem aos finais de semana ?	Escola pública	Escola particular
Cinema	01	04
teatro	-	02
Shows/concertos	-	04
leitura	03	12
TV	06	09
Rádio/som	03	08
Internet	-	09
Fitas de vídeo	03	01
exposições	-	01
Praticam pelo menos uma atividade artística como escrever, cantar, tocar algum instrumento...	-	06

2.1 Atividades culturais por idade e por gênero (M: masc/ F: fem)

O que fazem aos finais de semana ?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ de 25
Cinema	M1 -F 2	M1	F1	
teatro	F1	F1		
Shows/concertos	M2 - F1	M1		
leitura	M3 - F5	M1 - F 3	F3	
TV	M3 - F7	F1	F2	M1 - F1
Rádio/som	M4 - F3	F3		M1
Internet	M3 - F3	M1 - F2		
Fitas de vídeo	F1		F2	M1
exposições		F1		
Praticam pelo menos uma atividade artística como escrever, cantar, tocar algum instrumento...	M2	M1 - F3		

Os informantes citaram várias opções.

2.2 Atividades culturais por idade, gênero e renda familiar (os dados dos alunos que não sabem a renda foram excluídos)

O que fazem nos períodos de tempo livre?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ de 25	Renda Familiar em R\$
Cinema	M1	M1	F1		1000 a 1900 2000 a 3000
teatro		F1			1000 a 1900
Shows/concertos	M1 M1	M1			1000 a 1900 2000 a 3000
leitura	M2 M1	F2 M1 - F1	F1 F1	F1	510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000
TV	F1 F1 M1 M1	F1 M1	M1 F1	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000
Rádio/som	M1 M1 M2 M1	F2		M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000
Internet	M2 M1	F2 M1			1000 a 1900 2000 a 3000
Fitas de vídeo			F1 F1	M1	Até 500 1000 a 1900
exposições		F1			1000 a 1900
Praticam pelo menos uma atividade artística como escrever, cantar, tocar algum instrumento...	M1 M1	F2 M1 - F1			1000 a 1900 2000 a 3000

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 3 –ATIVIDADES QUE GOSTARIAM DE FAZER por escola:
As opções não constaram do questionário, foram dadas pelos informantes.

O que gostaria de fazer nos finais de semana	Escola pública	Escola particular
Não responderam	01	-
nada	03	-
Viajar / passear	06	08
Ir ao estádio	02	-
Ir ao cinema	02	-
Ir ao teatro	02	03
Ir a concertos/shows	-	02
Conhecer novas culturas	01	02
Fazer teatro	01	01
Fazer cursos	-	03
Namorar alguém	-	02
Comprar mais cds e livros	-	01
Praticar esportes	-	02
Tocar algum instrumento	-	01
Por que (motivo) não faz?	Escola Pública	Escola particular
Falta de tempo	01	03
Falta de dinheiro	07	10
Falta de instrução para escolher uma boa peça	-	01
Os pais não permitem	-	02

3.1 O que gostariam de fazer, segundo as categorias de gênero, idade e renda:

O que gostaria de fazer nos finais de semana	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ de 25	Renda Familiar em R\$
Não responderam	M1				não sabe
Nada ou já faço o que gosto	M1	F1		F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900
Viajar / passear	M2 -F1 M1 M1 F4	F1 F1	F1 F1 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Ir ao estádio			M1	M1	Até 500 1000 a 1900
Ir ao cinema			M1 F1		Até 500 510 a 900
Ir ao teatro	F1 M2 F1		F1		510 a 900 2000 a 3000 não sabem
Ir a concertos/shows	M2				2000 a 3000
Conhecer novas culturas		F1 M1	F1		1000 a 1900 2000 a 3000
Fazer teatro	F1	M1			Até 500 2000 a 3000
Fazer cursos	M1 M1 F1				1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Namorar alguém	M1 M1				2000 a 3000 não sabem
Comprar mais cds e livros	M1				1000 a 1900
Praticar esportes	F2				não sabem
Tocar algum instrumento	F1				não sabem

3.2 Motivo pelo qual não fazem o que gostariam, segundo as categorias de gênero, idade e renda:

Por que (motivo) não faz?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ de 25	Renda Familiar em R\$
Falta de tempo	F1	M1		M1	1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Falta de dinheiro	M1 M1 M1 F5	F1 M1 - F1	M1 - F1 F2 F2		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Falta de instrução para escolher uma boa peça	M1				2000 a 3000
Os pais não permitem	M1	F1			1000 a 1900 2000 a 3000

Legenda: M – masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00 = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 4: RECEPÇÃO MUSICAL – estilo preferido segundo a escola:

Qual seu estilo de música preferido?*	Escola pública	Escola particular
Rock	01	09
Sertanejo	06	01
Pagode	06	-
Samba	04	-
MPB	03	07
Pop	-	04
Erudito/ Clássico	01	01
Jazz	02	01
Romântica	04	-
Rap	05	01
Reggae	03	02
Gaucho	02	-
Forró	01	-
Axé	01	01
eletrônico	-	01
alternativo	-	01
Prefiro música boa, mas nenhum estilo	-	02
Todos menos metálica e funk	-	01
Todos menos pagode e funk	-	01

*Os estilos foram apontados por eles, mas na questão havia indicações: (Jazz, rock, sertanejo, erudito, MPB). Cada informante citou, em média, 3 estilos preferidos.

4.1 Estilo de música preferido segundo as categorias de idade, gênero e renda:

Qual seu estilo de música preferido?*	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ de 25	Renda Familiar em R\$
Rock	M1 M2 - F 1 F3	1F - M1	F1		Até 500 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Sertanejo	M1	M1	F1 F1 F1	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Pagode	M3 - F1		M1 F1		Até 500 510 a 900
Samba	F1 - M1		F1 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900
MPB	M1 M1 F2	F1 F1 - M1	F1 F2		510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Pop	M1 F3				1000 a 1900 não sabem
Erudito/ Clássico	F1			F1	2000 a 3000
Jazz	F1 F1	F1			Até 500 510 a 900 1000 a 1900
Romântica	F1 F1		F1	F1	Até 500 510 a 900
Rap	M2 M1 M1		F1 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 não sabem
Reggae	M1 M1	F1	F1 F1		Até 500 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Gaucho			F1	M1	510 a 900 1000 a 1900
Forró			F1		Até 500
Axé		M1	M1		Até 500 2000 a 3000
eletrônico	F1				não sabem
alternativo	F1				não sabem
Prefiro música boa, mas nenhum estilo	M1	F1			1000 a 1900 2000 a 3000
Todos menos metálica e funk	F1				não sabem
Todos menos pagode e funk	F1				não sabem

Legenda: M- masculino/ F - feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

4.2 **PREFERÊNCIA EM ESTAÇÕES DE RÁDIOS** por escola:

Rádios preferidas	Escola pública	Escola particular
Não ouvem rádio	01	01
FM e AM	01	-
Itapema	-	06
Atlântida	02	09
Luar*	05	-
Band FM	06	01
Guararema	02	-
CBN diário	01	01
Jovem Pan	03	08

*A rádio Luar é uma rádio comunitária.

4.3 Preferência em estações de rádios por gênero, idade e sexo:

Rádios preferidas	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ de 25	Renda Familiar em R\$
Não ouvem rádio	M1 – F1*		F1		1000 a 1900 não sabem
FM e AM	M1				Não sabem
Itapema	M1 M2 F1	F2			1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Atlântida	F1 M1 M3 F3	F1 F1	F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Luar	M1		F1 F2 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900
Band FM	F1 M1 – F1	F1	M1 F1	M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900
Guararema			F1	F1	Até 500 510 a 900
CBN diário		M1		F1	2000 a 3000
Jovem Pan	F1 F1 M1 M1 F4	F1 M1	F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

* “não ouço rádio. Talvez Itapema”.

4.4: Preferência de CDs para compra por escola:

Preferência de CDs para compra*	Escola pública	Escola particular
Não compram CD	04	06
Romântico	01	-
KLB (não sei que estilo seria)	01	-
Pagode	02	-
Gaúcho/regionalista	02	-
Sertanejo	02	-
MPB	01	04
Samba	01	-
Clássico/erudito	01	01
Pop rock	01	-
Rock	-	04
Rap	02	-
Grupos revelação	03	-
Todos os estilos	-	03

*Os estilos foram citados pelos informantes.

4.5: Preferência de CDs para compra por gênero, idade e sexo:

Preferência de CDs para compra	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ de 25	Renda Familiar em R\$
Não compram CD (só gravo: 1)	M1 F5- M1		M1 F1 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 não sabe
Romântico	F1				Até 500
KLB	F1				Até 500
Pagode	F1 M1				510 a 900 não sabe
Gaúcho/regionalista			F1	M1	510 a 900 1000 a 1900
Sertanejo			F1	F1	Até 500 1000 a 1900
MPB	F1	F1 F1	F1	F1	Até 500 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Samba			F1		1000 a 1900
Clássico/erudito	M1			F1	2000 a 3000
Pop rock	F1				510 a 900
Rock	M2 F1	F1			1000 a 1900 2000 a 3000 não sabem
Rap	M1 M1				510 a 900 não sabe
Grupos revelação	M2		F1		Até 500 510 a 900
Todos os estilos	M1	F1 M1			1000 a 1900 2000 a 3000

Legenda: M- masculino/ F - feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00 = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

4.6: Idas a shows e concertos por escola:

Idas a shows e concertos*	Escola pública		Escola particular	
	Sim	Não	Sim	Não
Você já foi a espetáculos de música ao vivo?	13	02	13	01
freqüentemente	-		03	
às vezes	13		10	
nunca	02		01	
Motivo	////////////////////		////////////////////	
gosta muito e não perde as oportunidades	02		05	
não tem opções	03		01	
dificuldade de acesso	03		04	
questões econômicas	08		07	
não gosta	01		-	
não fica sabendo	02		03	
outros	03		02	
Quando/qual**foi o último?	////////////////////		////////////////////	
Neste mês	02		04	
Nos últimos 3 meses	10		02	
Há 6 meses	01		02	
Há 1 ano ou mais	01		04	

* As opções foram dadas para assinalar.

** KLB (oferecido em março em comemoração ao aniversário do Shopping)
Swing Maneiro/ Camerata/ Lia de Itamaracá/ Banda Zawajus/ Jota Quest / SKank

4.7 Idas a shows e concertos por idade, gênero e renda :

Você já foi a espetáculos de música ao vivo?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
não	M1 F1			F1	510 a 900 2000 a 3000 não sabe
sim	F1 M2 - F1 M1 F1 - M2 M2 - F4	F2 M2	M1 - F1 F2 F2	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

Legenda: M- masculino/ F - feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

4.8 Frequência por idade, gênero e renda:

freqüência	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
freqüentemente	M1 F1	F1			1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
às vezes	F1 M2 - F1 M1 F1 - M1 M2 - F3	F1 M2	M1 - F1 F2 F2	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
nunca	M1 F1			1	510 a 900 2000 a 3000 não sabe
Neste mês	M1 M1 - F1	F1	F1 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Nos últimos 3 meses	F1 M2 - F1 F1 F2	F1	M1 F1 F1	M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Há 6 meses	M1 M1		F1		1000 a 1900 2000 a 3000
Há 1 ano ou mais	F1 - M1	M2		F1	Até 500 2000 a 3000 não sabe

4.9 Motivo por idade, gênero e renda:

Motivo	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
gosta muito e não perde as oportunidades	M1 F1 - M1 F2	F1 M1			510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
não tem opções	M1 F1		M1 F1		Até 500 510 a 900 não sabe
dificuldade de acesso	F1 F1 M1 F2	M1	F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
questões econômicas	F1 F1 M1 F3	F1 M2	M1 - F1 F1 F2	F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
não gosta				F1	2000 a 3000
não fica sabendo	M1 F2		M1 F1		Até 500 1000 a 1900 não sabe
outros	M1 M1 M1		F1	M1	510 a 900 2000 a 3000 não sabe

Legenda: M- masculino/ F - feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00 = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos / 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 5: RECEPÇÃO CINEMA E VÍDEO por escola

Idas ao cinema	Escola pública		Escola particular	
	Sim	Não	Sim	Não
Você já foi ao cinema?	14	01	14	0
Declararam terem ido apenas 1 vez	07		-	
Quandofoi a última vez?	////////////////		////////////////	
Ontem	-		05	
Neste mês	01		07	
Nos últimos 3 meses	-		02	
Há 6 meses	01		-	
Há 1 ano ou mais	12		-	
Qual filme você viu?	////////////////		////////////////	
O Patriota	01		-	
Xuxa (com o Daniel)	01		-	
Titanic	02		-	
O sexto sentido	01		-	
Xuxa e o duende	01		-	
Carandiru	01		01	
Matrix	01		-	
O rei do Egito	01		-	
O homem aranha	01		-	
O rei Leão	01		-	
Matrix reloaded	-		06	
Sociedade dos poetas mortos	01		-	
Senhor dos anéis	-		02	
O demolidor	-		02	
X-men 2	-		03	
Você tem vídeo/DVD em casa?	Sim	Não	Sim	Não
	09	06	11	03
Costuma locar filmes?	09		11	
comédia	03		04	
ação	04		05	
aventura	-		01	
ficção	-		01	
drama	01		01	
romance	01		03	
suspense	04		04	
terror	04		04	
documentário	01		-	
Todos menos pornô	01		03	

5.1 Idas ao cinema por idade, gênero e renda :

Você já foi ao cinema?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
não			M1		Até 500
sim	F1 M3-F1 M1 M3 M2 -F5	F2 M1 - F1	F1 F2 F2	F1 M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

5.2 Frequência por idade, gênero e renda:

freqüência	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
ontem	M2 F3				2000 a 3000 não sabe
Neste mês	M1 2F – M1	F1 M1 - F1	F1		Até 500 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Nos últimos 3 meses	M1	F1			1000 a 1900 2000 a 3000
Há 6 meses				M1	1000 a 1900
Há 1 ano ou mais	F1 M3- F1 M1		F2 F2	F1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

5.3 Filme visto por idade, gênero e renda:

Filme visto	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
O patriota	F1				Até 500
Xuxa com o Daniel				F1	Até 500
Titanic			F2		1000 a 1900
O sexto sentido			F1		1000 a 1900
Xuxa e o duende	M1				não sabe
Carandiru		F1	F1		Até 500 1000 a 1900
Matrix	M1				510 a 900
O rei do egito	M1				510 a 900
Homem aranha				M1	1000 a 1900
Rei Leão			F1		510 a 900
Matrix reloaded	M3 F3				2000 a 3000 não sabe
Sociedade dos poetas mortos				F1	2000 a 3000
Senhor dos anéis	M1	F1			1000 a 1900 2000 a 3000
O demolidor	M1 F1				1000 a 1900 não sabe
X-Men 2	F1 -M1	F1			2000 a 3000 não sabe

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

5.4 – Vídeo e DVD por gênero, idade e renda

Tem vídeo/DVD em casa?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
não	F1 M1 F2 – M1		1 1 1	F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
sim	M3 - F1 M1 M2 F3 -M1	F2 M1 -F1	F1 F1 F1	M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

5.5 Gênero dos filmes por idade, gênero e renda:

Costuma locar que tipo de filme	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
comédia	F1 M1 M1 – F1	F1	F1	M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
ação	M1 M1 M1 M1 – F1		F1 M1 F1	M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
aventura	F1				não sabe
ficção		F1			2000 a 3000
drama		F1	F1		510 a 900 2000 a 3000
romance		F2 F1	F1		Até 500 1000 a 1900 2000 a 3000
suspense	M1 M1 – F1	F2	F1	M1 F1	1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
terror	F1 M1 M1 F2		F1 F1	M1	510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
documentário				M1	1000 a 1900
Todos menos pornô	M1 M1 F1	M1			510 a 900 2000 a 3000 não sabe

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 06: RECEPÇÃO DE TEATRO por escola

Idas ao teatro*	Escola pública		Escola particular	
	Sim	Não	Sim	Não
Você já foi ao teatro?	08	07	13	01
Declararam terem ido apenas 1 vez	05		-	
freqüentemente	-		01	
às vezes	03		12	
Motivo	////////////////		////////////////	
gosta muito e não perde as oportunidades	-		02	
não tem opções	02		01	
dificuldade de acesso	02		05	
questões econômicas	06		08	
não gosta	04		-	
não fica sabendo	07		06	
outros	01		01	

* As opções foram dadas.

6.1 Idas ao teatro por idade, gênero e renda :

Você já foi ao teatro?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
não	M2	F1	M1 F2 F1	M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900
sim	F1 F1 - M1 M1 M3 M2 - F5	F1 F1 - M1	F1 F1	F1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

6.2 Frequência declarada por idade, gênero e renda:

freqüência	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
freqüentemente		F1			1000 a 1900
às vezes	M1 M3 F5 - M1	F1 - M1	F1 F1	F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
1 vez	F1 M1 - F1 M1			F1	Até 500 510 a 900 2000 a 3000 não sabe
Neste mês		F1 M1			1000 a 1900 2000 a 3000
Há 1 ano ou mais	F1 - M1 M1 M1 F1	F1		F1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Só quando criança	M2 - F 2		F1	F1	Até 500 1000 a 1900 não sabe

Legenda: M- masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00 = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos / 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

6.3 Motivo declarados por idade, gênero e renda:

Motivo	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
gosta muito e não perde as oportunidades		F1 M1			1000 a 1900 2000 a 3000
não tem opções	F1		M1	F1	Até 500 não sabe
dificuldade de acesso	M1 F3		F2 F1		510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
questões econômicas	F1 M2 F3	F1 F1 - M1	M1 F2 F1	F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
não gosta	M1 M1			1F M1	Até 500 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
não fica sabendo	F1 F1 - M1 M1 M3 F3		M1 F1 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Outros (censura, tempo)	F1		F1		Até 500 não sabe

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 07 – ATIVIDADES DE SAIR DE CASA, por idade, gênero e renda (recepção coletiva)

IDADE	CINEMA				SHOWS/ CONCERTOS				TEATRO*			Renda familiar em R\$	
	No mês	últimos 3 meses	Há 6 meses	Há 1 ano ou mais	No mês	últimos 3 meses	Há 6 meses	Há 1 ano ou mais	No mês	Há 1 ano ou mais	Só quando criança		
13 A 15	M1 M2 F5M1	M1		F1 M3 F1 M1		F1 M2- F1 F1 F2	M1 M1				M1-F1 M1 M1 F1	M2 F2	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
16 A 19	F1 F1M1	F1			F1	F1			M2	F1 1M	F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
20 A 25	F1		M1	F2 F2	F1 F1	M1 F1 F1						F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
+ DE 25				F1 F1		M1	F1	F1			F1 F1	F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

* não houve nenhuma resposta para idas ao teatro nos últimos 3 meses ou há 6 meses.

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 08: RECEPÇÃO DE ARTES VISUAIS por escola:

Você já visitou algum museu?	Escola pública	Escola particular
Sim	08	13
Não	07	01
Museus citados	////////////////	////////////////
Cruz e Souza	06	07
Anhatomirin	-	01
Vitor Meireles	01	-
Masc	-	04
Masp	-	01
O que viu?	////////////////	////////////////
Histórico	03	05
Coisas antigas	01	01
Instrumentos musicais	-	01
Ossos de animais	01	-
sucatas	01	01
Quadros de artistas/ acervo e exposições itinerantes	01	04
Instalações	-	01
Já visitou alguma exposição?	////////////////	////////////////
Sim	08	14
Não	07	-
De qual artista/artistas?	////////////////	////////////////
De moedas antigas/ de carros	02	-
Minha tia	01	-
Sebastião Salgado	-	02
Coletivas	-	04
Fotografia	-	01
Bienais	-	01
Animes	-	01
Juarez Machado	-	01
Meyer Filho	-	01
Artistas catarinenses	-	03
Gosta de algum artista em especial?	////////////////	////////////////
Não	11	04
Pablo Picasso	02	02
Aleijadinho	01	-
Van Gogh	-	05
Renoir	-	01
Leonardo da Vinci	-	07
Meyer Filho	-	01
Andy Warhol	-	01
Miguelangelo	-	01
Tarsila da Amaral	-	01
Escultor – meu pai	-	01
Declararam possuir habilidades artísticas **	12	12
Declararam não possuir habilidades artísticas	03	02

** habilidades citadas: tricô, bordado, costura, crochê, artesanato, canto, violão, pandeiro, cavaquinho, teatro, literatura, pintura, poesia, desenho, cartoons

8.1: Visitas a museus por idade, renda e sexo:

Você já visitou algum museu?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
Não	M1 - F1 M2		M1 - F1 F1 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 não sabe
Sim	F1 M2 M1 M3 F5	F2 F1 - M1	F1 F1	F1 M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
museus de arte (MASC, MASP e Vitor Meireles)	M1 F1	F1 F1	F1		1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
museus históricos ou outros	F1 M2 M1 M3 F4	F1 F1 - M1	F1	F1 M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

8.2: Visitas a exposições por idade, renda e sexo:

Você já visitou alguma exposição?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
não	M2		M1 - F1 F1	F1 F1	Até 500 510 a 900 2000 a 3000
sim	F1 M1 - F1 M1 M3 F5 - M2	F2 F1 - M1	F1 F2	M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

8.3: Habilidades artísticas por idade, renda e sexo:

Possui habilidades artísticas?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
não	F1 M1 F1 - M1		F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 não sabe
sim	M3 - F1 M3 F4 - M1	F2 F1 - M1	M1 - F1 F1 F2	F1 M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

Legenda: M- masculino/ F - feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00 = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos / 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

8.4: Preferência para artistas, por idade renda e sexo:

Você gosta de algum artista em especial?	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
não	M3 4F -M1		M1 - F1 F1 F1	F1 M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Pablo Picasso	F1 F1 M1 F1				Até 500 510 a 900 2000 a 3000 não sabe
Aleijadinho			F1		510 a 900
Van Gogh	M1 M2	F1 - M1	F1		1000 a 1900 2000 a 3000
Renoir	M1				2000 a 3000
Leonardo da Vinci	M1 M3	F1 F1- M1			1000 a 1900 2000 a 3000
Meyer Filho	F1				não sabe
Andy Warhol	F1				não sabe
Miguelangelo	M1				2000 a 3000
Tarsila do amaral		F1			1000 a 1900
Meu pai - escultor		F1			1000 a 1900
Stan Lee	M1				não sabe

Legenda: M- masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 09: RECEPÇÃO DE TV por escola

TV/ programas preferidos	Escola pública	Escola particular
Vêm TV	14	13
Não vêem TV	01	01
Têm TV a cabo	03	10
Canais preferidos	////////////////	////////////////
Globo	09	05
SBT	04	02
BAND	02	01
Record	04	-
TV Cultura	01	02
Discovery	01	02
TNT/ FOX/Telecine /Warner/HBO	02	07
People and Arts	-	02
Cartoon Net Work / Fox Kids	-	01
Sony	-	02
Nikelodeon	-	03
MTV	01	03
Programas preferidos	////////////////	////////////////
Jornal	04	02
Jô	02	-
Novelas	06	02
Medicina do século XXI	01	-
Esportes	03	01
Ratinho	01	01
Filmes	03	02
A praça é nossa	01	-
Show do milhão	01	-
Malhação	06	02
Seriados	-	06
Linha direta	01	-
Globo Repórter	01	01
Domingão do Faustão	02	-
Adriane Galisteu	01	-
Raul Gil	01	-
Casseta e Planeta	01	-
Cezar Souza	01	-
Luciana Gimenez	01	-
TV Globinho	02	-
Desenho	-	03
Turma do gueto	02	-

9.1: Recepção de TV por idade, renda e sexo:

Vê TV	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
não	M1			F1	2000 a 3000
sim	F1 F1 - M3 M1 M2 M2 - F5	F2 M1 - F1	F1 - M1 F2 F2	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Tem Tv a cabo	F1 - M1 M1 M1 F3 - M1	F2 M1 - F1	F1		510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

9.2: Canais preferidos por idade, renda e sexo:

Canais preferidos	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
Globo	F1 M1 M1 M1 - F1	F1 M1	F1 - M1 F2 F2	F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
SBT	F1 M1	M1	F1 F1	F1	Até 500 510 a 900 2000 a 3000
Band	F1 M1		F1		Até 500 510 a 900 2000 a 3000
Record	M2		F1	F1	Até 500 510 a 900
TV Cultura	M1 F1		F1		1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Discovery	F1	F1	F1		510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
TNT/ HBO/ FOX/ Telecine/ Warner	F1 - M1 M1 F3- M1	F1 M1			510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
People and artes	M1 F1				2000 a 3000 não sabe
Cartoon Network/ Fox kids	M1				não sabe
Sony	M1 M1				1000 a 1900 não sabe
MTV	F1 F1	F2			510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Nickelodeon	F1 F2				1000 a 1900 não sabe

Legenda: M- masculino/ F - feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00 = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

9.3: Programas preferidos por idade, renda e sexo:

Programas	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
Jornal	F2		F2 F1	M1	510 a 900 1000 a 1900 não sabe
Jô Soares			F1	M1	510 a 900 1000 a 1900
Novelas	F1 F1 F2		F1 F2 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 não sabe
Medicina do século XXI			F1		510 a 900
Esportes	M2 M1			M1	510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000
Ratinho		M1		M1	1000 a 1900 2000 a 3000
Filmes	M1 F1	F1	F1	M1	510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
A praça é nossa				M1	1000 a 1900
Show do milhão				F1 M1	Até 500 1000 a 1900
Malhação	F1 M1 M2 – F1		F1 F1	M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 não sabe
Seriados	M1 F3 – M1	F1			1000 a 1900 não sabe
Linha direta	F1				510 a 900
Globo repórter	M1			F1	2000 a 3000
Domingão do Faustão			F1	F1	Até 500
Adriana Galisteu			F1		Até 500
Raul Gil			M1		Até 500
Casseta & Planeta			M1		Até 500
César Souza			F1		510 a 900
Luciana Gimenez				F1	Até 500
TV Globinho	F1 F1				Até 500 510 a 900
Desenho	F3				não sabe
Turma do gueto	M2				510 a 900

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00 = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 10: ACESSO À INTERNET por escola

- Você tem Internet em casa?	Escola pública	Escola particular
Sim	02	12
Tem acesso em outro lugar?	////////////////	////////////////
Sim	07	12
Não	06	-
Assuntos de preferência dos informantes:	////////////////	////////////////
futebol	02	-
religião	01	-
bate-papo	03	-
literatura	01	-
doenças	01	-
culinária	01	-
Desenhos /RPG/ animes	-	01
e-mail	-	03
horóscopo	01	01
música	01	05
artes	-	01
pesquisas	02	01
jogos	-	01
política	-	01
filmes	--	01
webdesign	-	01
Sites de preferência dos informantes:	////////////////	////////////////
globo	01	01
Paparazo	01	-
google	-	01
MTV	-	01
www.estudante.com.br	-	01
www.bacaninha.com.br	-	01

10.1: Acesso à internet por idade, renda e sexo:

Acessa internet	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$
Em casa	M1 M2 F4- M1	F2 M1 - F1	F1	F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Em outro local	F1 - M3 M3 M2 - F4	F2 M1 - F1	M1 F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Não têm acesso à internet	F1		F2 F1	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900

Legenda: M- masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

10.2: Assuntos de preferência por idade, renda e sexo:

Assuntos de preferência	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em RS
futebol	M2				510 a 900
religião	M1				510 a 900
bate-papo	M1	F1	M1		Até 500 não sabe
literatura				F1	2000 a 3000
doenças			F1		1000 a 1900
culinária			F1		1000 a 1900
desenhos/RPG/ animes	M1				não sabe
e-mail	M1 M2				1000 a 1900 2000 a 3000
horóscopo		F1 F1			510 a 900 2000 a 3000
música	M2	F1 F1 F1 F1			510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
artes	M1				2000 a 3000
pesquisas	F2	F1			510 a 900 não sabe
jogos	F1				não sabe
política	F1				não sabe
filmes	F1				não sabe
webdesign	F1				não sabe

10.3: Sites preferidos por idade, renda e sexo:

sites de preferência	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em RS
globo		F1	F1		Até 500 1000 a 1900
paparazo			F1		Até 500
google	M1				2000 a 3000
MTV	M1				2000 a 3000
www.estudante.com.br		F1			2000 a 3000
www.bacanhinha.com.br	F1				2000 a 3000

Legenda: M- masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

TABELA 11: LEITURA por escola:

Você gosta de ler?	Escola pública	Escola particular
Sim	10	13
Não	03	01
Mais ou menos / não muito	02	-
Têm livros em casa	11	14
Acham importante ter	13	14
Frequênta bibliotecas?	////////	////////
Sim	10	12
Não	05	02
Compra livros?	////////	////////
Sim	06	08
Não	09	06

11.1: leitura por idade, renda e sexo:

Leitura/livros	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda familiar
Gostam de ler	M1 M1 M2 F5 – M1	F2 F1 - M1	M1 - F1 F2 F2	F1 M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Não gostam de ler	M2 M2				510 a 900 não sabe
Mais ou menos/não muito	F1 F1				Até 500 510 a 900
Têm livros em casa	F1 M3 - F1 M1 M3 F5 – M2	F2 F1 - M1	F2 F1	M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Acham importante ter	F1 M3 - F1 M1 M3 F5 – M2	F2 F1 - M1	F1 F2 F1	F1 M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Frequêntam bibliotecas	F1 M1 - F1 M1 M2 F5 – M2	F2 M1	M1 - F1 F2 F2		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Não frequêntam bibliotecas	M2 M1	F1		F1 M1 F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Compram livros	M1 M1 F4 – M1	F1 M1	F2 F2	F1	510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe
Não compram livros	F1 M2 - F1 M3 F1 - M1	F1 F1	M1 - F1	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00 = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos / 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

Tabela 12 – Locais que costumam freqüentar:

locais	13 a 15	16 a 19	20 a 25	+ 25	Renda Familiar em R\$	Escola pública	Escola particular
CIC	M3 F3 – M1	F2	F1		1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe	1 3 4	2 3 4
SESC	M1 M1 F3 – M1	F1	F1		Até 500 510 a 900 1000 a 1900 não sabe	1 1	2 4
Shopping	F1 M2 - F1 M1 M4 F4- M2	F2 F1	M1 - F1 F1 F2	F1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe	4 4 2 1	3 5 5
Cinema	F1 M3 - F1 M1 M3 F4- M2	F2 F1	F1	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe	1 4 2 1	3 4 5
Universidade	M1 F1	F1			1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe		1 1 1
Centro comunitário	F1 M1 – F1		M1 - F1 F1	F1 M1	Até 500 510 a 900 1000 a 1900	4 3 1	
Museus	M1 F1	F2			1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe	1	1 1 1
Outros (bares alternativos para shows, igreja, bibliotecas, livrarias,	M1 M2 F2				1000 a 1900 2000 a 3000 não sabe		1 2 2
Nenhum			F1	F1	510 a 900 2000 a 3000	1 1	

Legenda: M– masculino/ F – feminino

Renda: 1ª faixa ou menor: até R\$500,00 = 4 alunos / 2ª faixa: R\$510,00 a R\$900,00 = 6 alunos / 3ª faixa: R\$1000,00 a R\$1900,00= 6 alunos / 4ª faixa ou maior: R\$2000,00 a R\$3000,00 = 6 alunos / não sabem = 7 alunos

Idade: 1ª faixa ou menor: 13 a 15 anos = 16 alunos / 2ª faixa: 16 a 19 anos = 4 alunos 3ª faixa: 20 a 25 anos = 6 alunos / 4ª faixa ou maior: + de 25 anos = 3 alunos

Anexo C - Respostas às solicitações: *Por que você veio ao espetáculo? O que sentiu? A que atribui esses sentimentos?*

RESPOSTAS DOS ALUNOS DA ESCOLA ALTINO FLORES

1. “Por que fui convidada pelas professoras de português e Ciências. Me interesso muito por teatro. Senti ali um grande entusiasmo por estar ali. Pela grande força de vontade do artista uma interpretação muito boa só que realmente não consegui entender a mensagem da peça.”
2. “Para ver o que ia acontecer lá. O cara era um homem todo de preto ele pegava a faca e tacava na mesa. Ele batia na mesa. Parecia um loco.”
3. “Para assistir o que ia acontecer de bom e pelo jeito era bom por que tinha bastante gente para curtir no espetáculo. Eu senti que o cara era meio loco por que ele tacou uma faca na mesa e depois começou a bater, como um doido. Mais foi muito divertido deu pra rir e curtir.”
4. “Fui pelo convite do SESC ao Altino Flores pois faço supletivo no colegio. No começo não entendia muito mas com as letras expressadas pelo ator sobre a escrita de Borges pois por cada palavra apesar de muitos não notar fala de passado que não esqueceu o seu e em suas gerações Borges pode expressar suas letras que significava muito a Borge pois teve a oportunidade de expressar seus sonhos com palavras hoje falada por pessoas que não conheciam Borges como merecia.”

RESPOSTAS DOS ALUNOS DA ESCOLA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

5. “Primeiramente, por ser convidado pelo SESC e participar do grupo da Ieda, formação de platéia e possuir uma vontade imensa de assistir peças teatrais, conversar com pessoas desse meio, adquirir um pouco de experiência com essas pessoas, querendo ou não, aprendemos um pouco com os autores. Recebemos também um grande incentivo pela parte da professora Anamaria Capeleto em prestigiar este espetáculo promovido pelo SESC. Vejo que o espetáculo me proporcionou uma mistura de emoções, sentimentos. Uma grande parte do espetáculo senti uma confusão, conflito, por ser um ator representando vários papéis, e não ter uma ordem, sentimento de espanto em como o autor interpreta relacionando os movimentos do seu tigre a seus atos, espanto com os movimentos da faca, e toda a movimentação do ator no palco em si.”
6. “Fui ao espetáculo porque o SESC e o Colégio nos deram a oportunidade de participar desses eventos de cultura. Fiquei bastante confusa, partes do espetáculo eu entendia e parte não, e acho que este sentimento foi geral, consegui sentir a emoção que o ator queria passar.”
7. “Vim no espetáculo porque me identifico muito com o teatro e também por curiosidade, pois nunca tinha assistido a um monólogo. Me senti entusiasmada, com a expressão corporal, tonalidade de voz e o modo com que o ator interpretava os contos, deixava todos os que o assistiam envolvidos com o espetáculo.”
8. “Eu vim ao espetáculo, pois me disseram que já que eu não conhecia Borges, era bom eu ir para conhecer um pouco dele, e também porque me disseram que este espetáculo era ótimo. Eu senti, que era como se as histórias contadas no espetáculo fosse real, era como se essas histórias estivessem acontecendo na frente dos meus

olhos. Eu atribuo isso à interpretação do ator no personagem e nas falas, pois ele falava e interpretava de um tal modo, que me fazia imaginar as histórias na minha frente.”

9. “Um dos motivos que impulsionou a ida ao espetáculo “A Escrita de Borges” foi a oportunidade de assisti-lo de graça, através da professora Anamaria e da organizadora desses espetáculos pelo SESC que concretizaram essa felicidade. Por outro lado, há o interesse pela poesia, teatro e sua organização (cenário, figurino, trilha sonora entre outros fatores que o torna interessante). Houve também o ponto “descompromisso”, pois para o que se gosta sempre se arranja um tempo extra; mas o mais marcante de todos é o interesse pela arte a nível de curiosidade e aprendizado. Me senti muito compenetrado em algumas partes do texto, e confuso em outras - se tratando de um monólogo, onde o mesmo ator é narrador e várias personagens ao mesmo tempo. Estava sentado bem na frente, parecíamos estar dentro do espetáculo, interagidos; às vezes parecia que as facas que o ator jogava iriam escapar e acontecer algum desastre. Os textos de Borges também são misteriosos, deu pra perceber bastante isso mesmo sem conhecê-los bem a fundo.”
10. “Porque gosto de ir à teatros, uma pena que não tenho muito tempo para ir a teatros... Também porque esse espetáculo me chamou muito à atenção por causa da relação da peça com os movimentos dos tigres, com as letras que ele formava com o corpo...Talvez um pouco impressionada pro 1º momento, mas depois me senti “normal”, talvez um pouco apreensiva, pra saber o que iria acontecer a cada movimento.”
11. “Porque eu adoro teatro, acho importante, e porque tem um grupo na escola que vai aos teatros apresentados no Shopping Itaguaçu (os teatros promovidos pelo SESC).

Foi meio confuso... Eu senti susto algumas vezes (quando ele fechava os livros) e senti desequilíbrio quando o ator ficava em posições sem muito apoio. Acho que foi só isso.”

12. “Porque pelo que li na folha, o espetáculo me parecia ser muito interessante, também porque dizia que o ator se inspirava muito em um tigre, com seus movimentos, seu jeito de ver a vida. E não é sempre que vou a espetáculos, então como surgiu a oportunidade, resolvi não perdê-la. No espetáculo senti uma certa angústia e nervosismo para com o ator, porque sua expressão facial, (suando e falando sozinho às vezes) e seus gestos, principalmente me angustiavam, as facas que ele atirava contra o chão também, porque me deparava com cenas raras.”
13. “Eu fui ao espetáculo porque a professora convidou, pq eu adoro teatros seja qual for e também pq eu queria saber mais sobre a vida de Borges e ver também um teatro monólogo que eu nunca tinha visto. Eu senti muita coisa que não dá para explicar, mas eu cheguei a me sentir perdida pq eu não sabia praticamente nada sobre o Borges, e então eu me perdia em algumas partes.”
14. “Porque eu gosto de teatro, acho que é um grande acréscimo a nossa experiência de vida. E eu acho que é um bom divertimento. Uma certa confusão, pois eu não conhecia o autor de quem eles falavam. Essa confusão também se deu por toda a expressão corporal e atuação que o autor representou.”

Anexo D – Depoimentos

Roteiro para depoimentos

1 - O que significou pra você essa experiência de participar dos espetáculos oferecidos pelo SESC durante o ano?

2- Houve alguma coisa em especial que motivou você a continuar assistindo aos espetáculos para os quais foi convidado?

3 - O que faria você sentir mais vontade de participar?

4 - Você foi a algum outro espetáculo/show/concerto durante o ano? Quais? Gostou? Por quê?

5 - Em quais você participou?

Projeto Sonora Brasil:

- Lia de Itamaracá
- quinto
- Mestre Eugênio e os tocadores de Paranaguá
- Arraial da Pavulagem

Circuito SESC de música

- Gentil do Orocongo
- Catumbi de Itapocu

Projeto Palco Giratório

- Lusco-fusco ou tudo muito romântico
- A escrita de Borges
- Foliões e folgazões
- À la carte

ENCENACATARINA

- Adelaide Fontana - a rainha do rádio
- Histórias de amor
- Esperando Godot

1 - DEPOIMENTOS DA ESCOLA PÚBLICA¹⁶⁴

1. “Gosto muito de teatro por isso gostei dos teatro que fui convidada, eles eram muito legais os atores trabalham muito bem gostaria de conhecer mais sobre a cultura e o Teatro, pois o colégio insentiva muito o nome dos espetáculos que fui é quinto e À la carte adorei muito pois quero ir em mais espetáculos. a peça que gostei foi À la carte pois era de comédia, pois quando vou a um teatro sinto muito vontade de estar no palco, pois o teatro ensina”.
2. “A escola não repasou os avisos para nos irmos aos espetaculos. Fomos num só a escrita de Borges foi um espetáculo ótimo a intrega do artista foi maravilhoso. Fautou o insentivo da escola nos dizendo os dias dos espetáculos. Não fui a nem um outro espetaculo.”.
3. “Primeiro, foi um privilégio ter participado dessa promoção, me senti lisongeadada. Quanto a experiência de assistir a um espetáculo foi muito interessante, pois nunca tinha participado de nem uma apresentação. Talvez tenha faltado comunicação, pois não recebemos os convites. pois se tivesse recebido convites eu teria ido. O que me faria mais a vontade de participar continua sendo o insentivo. Participei de dois espetáculos e foi fantástico. Um foi "A escrita de Borges" quanto a o outro, não estou lembrando o nome, mas foi aqui no Colégio”.

¹⁶⁴ Alguns tiveram muitas dificuldades para produzir uma escrita que fugisse da forma pergunta-resposta, assim, uso colchetes para indicar a que se referem as frases que ficaram aparentemente isoladas ou ambíguas.

4. “Significou muito, pois adquirir conhecimentos de culturas de outras cidade que eu não conhecia, um exemplo das peças que vi e gosté foi O quinto, pois eles cantavam cantigas de várias regiões do Brasil, que eu não conhecia. Ter mais tempo para ir aos espetáculos, e principalmente assistir peças teatrais de comédias. [Fui a um espetáculo] no colégio a um projeto de cinema na favela, e a peça "Glamurio e o poeta" (comédia). Gostei porque foi boa e bem aproveitável. Vi o espetáculo Foliões e folgazões, O quinto e Gentil do Orocongo, Quero continuar indo”.
5. “Foi bom por que eu aprendi coisas boas, e aprendi a gostar de teatro. [O que me motivou foi] faltar aula para ir nestes teatro. Não [fui em outros porque] eu estava doente e fui embora. Só no Alácarte. Eu quero continuar indo”.
6. “Foi bom, pois podemos ver uma comédia muito divertida (À la carte) pena que não tivemos a oportunidade de ver os demais e fez com que eu gostasse mais de teatro. para adquirir novas experiências e aprender mais sobre arte. Sim [fui ao] Unimed Cidadã Lamúrio poético. Cinema na favela (Acerola e Laranjinha) na escola. eu gostei porque era uma comédia e todos participaram junto com os artistas. (eu quero ir mais vezes e levar meus filhos que nunca foram ao teatro e tem vontade de ir e eu só tive a oportunidade através da escola e do SESC)”.
7. “Foi importante porque conheci coisas novas como teatro e a música. motivou o gosto pela arte. [O que me faria ter mais vontade é] para faltar aula. Pá-pum. Sim. [Eu vi] Lamúrio Poético na escola [e fui ao] À la carte. Eu gostei e quero ir mais vezes só espero o SESC mandar ingressos”.
8. “Foi muito bom, aprendi a gostar mais de teatro. Adorei a peça Á la carte, pois conheci coisas novas e me despertou o gosto pelo teatro. [A vontade de participar é a de] conhecer novos talentos e artes. Sim, [Vi] Lamurio Poético, A arte de sobreviver com

humor e poesia. Espero receber convite, pois depois que fui ao teatro adorei. Achei muito importante porque foi a primeira oportunidade que tive em assistir peças de teatro e musical e filme. Gostaria de ter novas oportunidade para mim, minha filha e meus amigos do Colégio”.

9. “Não significou nada, mais foi legal bastante legal. Gostaria de ter mais tempo para ir ao teatro. [Fui]no teatro do CIC. Quero continuar indo”.
10. “Foi bom, porque aprendi a gostar de teatro. Gostei do gentil do Orocongo, apesar de não entender muito bem ele falando. Mas foi legal. Não gostaria muito de falta aula, pois é supletivo não temos tempo à perder, mas também é bom pois quebra um pouco da rotina. só estudar. Eu gostaria que estivesse mais palestras sobre a vida sexual. Sim. Divemos uma palestra pela unimed. Gostei muito da palestra, porque falava de nossa vida sexual E também da peça (Glamúrio poético) passou muita realidade. Vi o espetáculo. Gentil do Orocongo e Teatro Glamúrio Poético. Quero continuar indo”.
11. “Foi bom, porque eu gosto muito de teatro. Foi importante porque eu me interesei mais ainda por teatro. [O que me motivou foi] o interesse por teatro, bons atores, mais esperiências, um convite para fazer teatro. ou participar de uma pessa. [Vi] Glamurio e o poético. Gostei pos eu so fã do teatro, procuro sempre ta pregando uma pessa, e fazendo coisas engraçadas. [Vi] O Jentil do Orocongo, O quinto, Foliões e folgazões, etc. Meu sonho é ser ator. Estudo para fazer arte Senica”.
12. “Foi importante, porque ganhei mais esperiência, e me fez gostar ainda mais de teatro, não que eu não gostase de teatro, porque já fiz teatro em 2001, foi legal e interessante aprendi e também ensinei muito. [O que me motivou foi] somente a vantagem de ver pessoas novas, novos diálogos, atores, artistas e famosos, mai do que isso, a vontade de que a cada peça, sempre tiro proveito de alguma coisa, aprendendo mais e mais. [Fui]

ao Cinema, assisti “Lisbéla e o prisionera” e “Matrix”. [Vi] “Glamurio Poético”. teatro. [Dos espetáculos do SESC vi] O quinto, foliões e folgazões, o gentil do orocongo. meu sonho é ser atriz. Quero continuar indo ao teatro. não esquece de mim sou magra mas não sou transparente”.

13. “Foi uma experiência pois eu fiquei sabendo de coisas que eu não sabia e me enterecei mais por teatro eu já gostava muito, agora então eu adoro você tem mais informação fica com mais experiência e é muito divertido. Se eu pudesse participar de uma peça eu ficaria mais empolgada. por esse motivo eu deixaria de fazer o que eu estivesse fazendo só para participar. Sim [vi] Glamur e o Poético. [Vi] O quinto, Foliões e folgazões e O Gentil do Orocongo. Quero continuar indo ao teatro. Gostaria muito de ser atriz”.
14. “Foi bom porque ganhei mais esperiência por que adoro teatro= Também gostei muito da apresentação do teatro de São José. Na reabertura. Onde contavam a historia do comesso. De São José. os primeiros colonos pescadores os primeiros oleiros enfim foi muito legal a dança os ritmos adorei e gravei a cada detalhe em minha mente afinal nunca tinha ido a um teatro de verdade. O que faria mais vontade de ir sabe eu gosto de ver a s pessoas que representam como se fosse: real: e eu gostaria de estar lá no palco junto a eles simplesmente atrair a atenção das pessoas fazendo as esquecer da -rotina - do dia a dia. Vi espetáculos = Glamur e o poeta = o alacarte. gostaria de ir mais vezes ao teatro pena que não posso pagar. para assistir um bom teatro porque sempre se aprende mais se ganha riquezas que nos trás alegrias isso é bom. muito obrigado por nos dar momentos bons do qual jamais esquecerei”.
15. “Foi importante porque conheci coisas novas e me despertou o gosto pelo teatro e a música. Sim motivou o gosto pela arte e pelo resgate da cultura popular. [O que me faria ficar com mais vontade de participar é] Sentir prazer em assistir as peças, conhecer

novos talentos, rever as culturas. [Vi também] cinema na favela; Carandiru, Artistas: Acerola e Laranjinha, Lamúrio Poético A arte de sobreviver com humor e poesia. Gostei de todos. Foi muito criativos e humorísticos. Só não gostei do filme Carandiru. Aprendi coisas novas. E gostaria de ter novas oportunidades”.

2 – DEPOIMENTOS DA ESCOLA PARTICULAR

1. “A experiência de participar dos eventos culturais do Sesc foi fascinante na medida em que proporciona um contato mais profundo com as manifestações da cultura no Brasil. Nos coloca em uma situação privilegiada de acompanhar as produções, conhecer novas tendências, valorizar a arte popular e estar permanentemente nos apropriando das experiências estéticas enquanto espectadores. A qualidade dos espetáculos, a dinâmica rotinizada de estabelecer relações com o público ao final de cada evento, foram alguns dos motivos de manter a motivação sempre em alta e, que nos fez voltar sempre com grandes expectativas. Acreditamos que a cada ano o SESC busca aprimorar a qualidade da seleção dos espetáculos, o que nos motiva a querer participar novamente de todos os eventos promovidos. Durante o ano de 2003, procuramos assistir a diversos eventos relacionados à arte, como o Festival Isnard Azevedo, atividades culturais promovidas pela Prefeitura tais como espetáculos de rua, shows musicais exposições de arte, bem como promovemos na escola diversas manifestações artísticas, através do grupo de teatro da Instituição. A parceria que nós, particularmente, realizamos com o SESC através do Colégio Nossa Senhora de Fátima foi muito importante, uma vez que trouxe oportunidades anteriormente inexistentes devido ao pouco ou nenhum interesse dos

alunos e, da população em geral em assistir ou participar de eventos culturais. A realidade hoje já se mostra diferente e, as referências de quem participou da enorme gama de eventos, foi multiplicada e continua a influenciar toda a comunidade escolar. Posso dizer que foi um marco em nosso meio enquanto provocou interesse, curiosidade e ampliação da capacidade de leitura das manifestações estéticas do mundo. Assistimos aos espetáculos: Lia de Itamaracá, O Quinto, Arraial do Pavulagem, Gentil do Orocongo, Lusco Fusco ou Tudo Muito Romântico, A escrita de Borges, Foliões e Folgazões, A La Carte, Esperando Godot, Café com Borges, Café com Rodrigo de Haro. Gostaria de estabelecer novas parcerias com o SESC devido a inegável importância desta entidade na preservação, resgate, divulgação e valorização da arte, especialmente às Artes Cênicas, Música e Artes Plásticas”.

2. “Durante o ano, o SESC nos proporcionou uma maravilhosa experiência como expectadores teatrais, nos fornecendo material e experiência, para, quem sabe, estarmos depois nós no palco. Todos os espetáculos nos provocavam reviravoltas, confusões, ou até mesmo, simplesmente profunda admiração. Ou pelo óbvio ou pelo abstrato, nos confrontavam, quase que nos forçando a tentar descobrir o que o próximo espetáculo traria, e nos trazendo, mais uma vez ao teatro, nos laços da curiosidade. Fora do SESC chegamos a ir a outros espetáculos teatrais, talvez por influência do projeto, e em todos que fomos, adquirimos mais e mais experiência. Gostei da Mostra de Teatro, de um espetáculo de dança sobre Bach, fui a exposições de arte, museus e outras atividades culturais como cinema, etc. Gostaria também de elogiar os Cafés Literários, embora tenha ido a apenas um, do Rodrigo de Haro, mas ainda assim, são grandes oportunidades que não podem ser desperdiçadas. Participei: Lia de Itamaracá,

O quinto, Arraial da Pavulagem, Gentil do Orocongo, Lusco-fusco ou tudo muito romântico, A escrita de Borges, Foliões e folgazões, À la carte, Esperando Godot”.

3. “Eu achei que todos espetáculos que fui foram muito bons, especialmente o Lusco-Fusco que foi muito profundo e interessante. Todos eles traziam risos da platéia, onde achávamos interessante até mesmo por ter espetáculos que eram de outros estados e com isso, conhecíamos um pouco da cultura deles. A questão de ser vários espetáculos diferentes, cada um com sua característica [motivou a ir]. [O que faria com que ficasse com mais vontade de ir] a divulgação no colégio e espetáculos de outros estados. [Não fui a todos] por não Ter a oportunidade e por não saber quando íam ser realizados.[Vi]Lia de Itamaracá, Arraial do Pavulagem, Lusco-fusco, A escrita de Borges e Foliões e folgazões”.
4. “Foi mais um acréscimo cultural para mim, foi muito divertido e educativo. [O que me motivou foi] a ansiedade de saber sobre e como vai ser o próximo espetáculo. [O que me faria ficar com mais vontade de ir] seria que o transporte até o local do espetáculo seja mais barato, ou até mesmo de graça, pois a desorganização e o preço me motivou a desistir de ir nos teatros, além do calote que o motorista nos deu, levando R\$ 1,50 de cada aluno. Não me lembro de ter ido a outros espetáculos além de Lia de Itamaracá, Arraial do Pavulagem, Lusco-fusco ou tudo muito romântico e A escrita de Borges”.
5. “Eu achei uma experiência gostosa de se participar, pois trás diversão e conhecimento de culturas de um mesmo país mas que são tão distintas. Esse projeto deveria ser mais divulgados tanto na escola quanto ao público em geral, pois é um projeto bem interessante. Não participei de outros espetáculos, porém achei muito bons os que eu fui. Embora não tenha visto todas as apresentações do projeto Sonora Brasil por falta de oportunidade, ou até mesmo por desconhecimento da mesma, gostei muito dos que

vi, que foram: Lia de Itamaracá, Arraial do Pavulagem, Lusco-fusco ou tudo muito romântico, A escrita de Borges e Foliões e folgazões”.

6. “Participar dos espetáculos do SESC foi uma experiência marcante, pois além de ter sido a primeira vez que eu entrava em um teatro, eu senti uma conexão com o palco inexplicável. Essa conexão foi o que me motivou a ir e frequentar os 6 shows que eu tive a sorte de presenciar (Lia de Itamaracá, Arraial do Pavulagem, Lusco-fusco ou tudo muito romântico, Foliões e folgazões, À la carte e Esperando Godot). Hoje em dia eu não vou muito a teatros e shows, mas pelo que me lembro, o último foi “Planeta Atlântida”. Também há outros motivos para que eu não vá aos espetáculos, sendo um a falta de popularização dos shows, e segundo e consequência do primeiro, a falta de propaganda, promovendo os espetáculos”.
7. “Foi ótimo poder participar dos espetáculos os quais o SESC ofereceu, pois eu sempre gostei muito de teatros, poesias, musicais, etc... e o SESC acabou me dando uma oportunidade de poder presenciar tais acontecimentos os quais eu não tinha a chance de participar anteriormente. Uma das coisas que me motivava a continuar presenciando os espetáculos foram os grandes atores que vem pra cá com peças maravilhosas e também o bom tratamento que o pessoal do SESC nos oferecia. Eu adorei tanto cada espetáculo que nem tem como eu estar com mais vontade ainda de participar dos espetáculos do que a vontade que eu já estou sentindo. Pena que infelizmente não pude ir a outros espetáculos sem ser os que o SESC ofereceu por causa da falta de oportunidade por isso agradeço muito ao SESC por me dar tal chance. Eu infelizmente não presenciei a todos os espetáculos mais gostei muito dos quais eu tive a chance de ir que foram eles: Foliões e folgazões, A La Carte, Lusco-fusco e O quinto”.

8. “A experiência de ter participado dos espetáculos oferecidos pelo SESC no decorrer do ano de 2003 foi ímpar. Gratuitamente, pudemos ter a "honra" de conhecer a arte que vem das mais diversas regiões do Brasil, e até mesmo conversar com esses artistas, trocando idéias e tirando nossas dúvidas sobre carreira, espaço para desenvolver arte no Brasil, técnicas teatrais entre outros assuntos afins. E digamos ainda, que espetáculos assim são sempre bem -vindos. Volta e meia puxamos referências do que assistimos, vendo a importância de manter contato com essa cultura, que tanto nos entretêm. Talvez tivesse mais vontade de participar se a temática do projeto fosse um pouco mais voltada à música que é a área de meu maior interesse. (ex: grupo O Quinto). Além dos espetáculos oferecidos pelo SESC, fui a vários concertos de música erudita (inclusive a interpretação da ópera Carmen, de Georges Bizet) e shows de heavy metal. Gostei muito, pois acho fascinante a obra dos "Grandes mestres da música"; gosto de heavy metal também (assisti a shows de uma banda de rock progressivo instrumental). Dentre os espetáculos oferecidos pelo SESC, prestigiei Lia de Itamaracá, O Quinto, Arraial do Pavulagem, Lusco-fusco, A escrita de Borges e Á la carte. Os outros espetáculos não pude comparecer por compromissos no mesmo dia”.
9. “Participar dessa experiência me possibilitou um contato maravilhoso com o teatro e com a música brasileira regional. O que me motivou, além do valor acessível cobrado pela entrada, foi a qualidade dos espetáculos, mesmo percebendo que nem todos os participantes tivessem condições de ter grandes produções. Não me senti desconfortável em nenhum dos espetáculos. Assisti à algumas cameratas e gostei muito, porque desde de criança nunca tive contato com música clássica e estimulou ainda mais o fato de ver e ouvir. Assisti ao Lia de Itamaracá e ao Arraial do

Pavulagem, ao Lusco-fusco ou tudo muito romântico, A escrita de Borges, Foliões e folgazões, À la carte e Esperando Godot. O restante não assisti por ter outro compromisso ou por não ter tido informação sobre a apresentação”.

10. “A experiência de estar em contato com espetáculos de diversas formas, diretamente ligado com a cultura, recebendo-a dos mais diversificados modos foi fascinante. Tudo isso, nos incentivou a continuar assistindo e esperando o próximo espetáculo, diretamente impulsionado por termos contato com formas e pensamentos de vida diferente. Não apenas no projeto SESC, mas também, tendo esse contato com a pura arte, expressada de diversas formas. Fui no show do Capital Inicial, apresentações de show da camerata, e de alguns teatros bem diversificados. Incluindo os espetáculos do projeto SESC, que foram Quinto, Arraial do pavulagem, Lusco-fusco ou tudo muito romântico, A escrita de Borges, Foliões e folgazões e Espera de Godot e À la Carte. Miscigenando todos esses maravilhosos espetáculos, destacando a realidade e a proximidade do público ao palco do lusco-fusco e as palhaçadas do bom e velho palhaço do espetáculo Á la Carte, resumem muito bem o significado da Arte, com uma pitada de muitas coisas”.
11. “O projeto Palco Giratório foi uma ótima experiência, pois consegue, com o seu repertório amplo, alcançar boa parte do público. O contato com as diversas modalidades artísticas do teatro, canto e dança é que faz o interesse aumentar cada vez mais proporcionando o gosto e a sensibilidade necessária ao apreciador. Os debates promovidos após cada espetáculo nos permitem um contato maior com os atores e a chance de explorar toda a técnica utilizada”.

Anexo E - Agenda dos espetáculos e comentários sobre a participação

Música

1 – Projeto Sonora Brasil – circuito nacional de música

Tema : música de raiz: A música de raiz praticada nas regiões brasileiras revela “brasis” desconhecidos e esquecidos da maioria de nosso povo.

Data: 10 de maio

Espetáculo: Música do nordeste do Brasil

Artista/grupo: Lia de Itamaracá

Projeto: Sonora Brasil – circuito nacional de música

Participação: escola 2. Grande interesse em conhecer a artista. Todos os alunos do grupo estiveram presentes e ficaram para o debate realizado ao final do espetáculo.

Os convites foram entregues aos alunos da escola 1, mas não houve participação.

Sinopse: Lia de Itamaracá , Maria Madalena Correia do Nascimento, começou a cantar desde cedo e não parou mais, mas foi em 1999 que iniciou seu espetáculo *Ciranda de ritmos* o que a colocou definitivamente nos circuitos de espetáculos e possibilitou a produção de seu primeiro CD “Eu sou Lia”. O espetáculo apresentado neste circuito do Sonora Brasil preserva a ciranda de ritmos: ciranda, maracatu, frevo, coco. O conjunto que a acompanhou é formado por: Bibiu, Antonio Jaime, Ganga e Biu Negão.¹⁶⁵

Data: 11 de julho

Espetáculo: Música da região sudeste do Brasil

Artista/grupo: O quinto

Projeto: Sonora Brasil- circuito nacional de música

¹⁶⁵ As sinopses foram retiradas do texto dos catálogos que acompanham todos os espetáculos e são distribuídos gratuitamente a todos os públicos. Quando os recebemos com alguma antecedência remetemos aos grupos antes do espetáculo para exploração em sala de aula. Maiores informações e dados sobre os grupos nos catálogos anexos.

Participação: Escola 1: uma parte dos alunos ficou até ao final, outra saiu logo no início. Esses responderam às questões: por que você saiu do espetáculo? relatadas no capítulo 2. Parte dos que ficaram não demonstraram interesse, conversavam muito e estavam impacientes. Percebemos que o grupo formado no início da pesquisa não se manteve, os grupos participantes eram sempre diferentes, talvez isso explique o comportamento. Talvez fosse a primeira participação desses alunos em espetáculos de música ao vivo que não fossem shows em locais abertos.

Escola 2: todos ficaram até ao final do espetáculo e para a conversa realizada com os músicos. Alguns pais acompanharam os filhos.

Sinopse: O quinto é um grupo dedicado à música brasileira. Seus integrantes têm em comum o interesse pela pesquisa e divulgação de repertórios tradicionais, menos explorados pelo mercado cultural. O enfoque é o mundo caipira, da viola tocada com acordes, do canto a duas vozes paralelas, das catiras, das folias, da tonalidade autêntica de influência mais marcadamente portuguesa. Os artistas que formam o grupo *O quinto* são: Alexandre Luiz: violão, viola e voz/ Eduardo Camenietzki: violão, viola e voz/ Gilberto Figueiredo: voz/ Hélio Sena: acordeon e voz/ Marianna Leporace: voz.

Data: 19 de setembro

Espectáculo: música do sul

Artista/grupo: Mestre Eugênio e os tocadores de Paranaguá.

Projeto: Sonora Brasil – circuito nacional de música

Participação: O espetáculo não pôde ser oferecido no Centro de Eventos do Shopping Itaguaçu. A apresentação aconteceu na UNIVALI de SJ e por esse motivo nenhum dos grupos participou. O público que recebeu esse espetáculo, via-se, não estava habituado a esse tipo de evento: a maioria saiu logo que entrou. Alguns ficaram porque tinham que assinar a lista de chamada. A apresentação acabou com mais ou menos 100 pessoas, das 600 que entraram. As que ficaram até ao final gostaram muito e manifestaram interesse em participar dos próximos. Deixaram e-mail e números de telefones para receber as informações.

Sinopse: Os Tocadores de Paranaguá é um grupo dedicado à música do sul do Brasil, em especial aquela desenvolvida na Ilha dos Valadares, município de Paranaguá, no litoral do estado do Paraná. Formado por Eugênio dos Santos, Mestre fandangueiro e tocador de viola, o grupo realiza trabalhos de pesquisa, produção e difusão da música do litoral paranaense, incluindo diversas manifestações da cultura de tradição oral, entre elas a Folia do Divino Espírito Santo, o Boi-de-Mamão, o Terço Cantado e o Fandango.

A Festa do Fandango da Ilha dos Valadares é a única programação da cultura popular do litoral organizada exclusivamente pela comunidade caiçara. A festa movimenta a população da ilha, no sentido de valorizar a identidade cultural e mostrar aos paranaenses as belezas das batidas dos tamancos.

Os Tocadores de Paranaguá tem por integrantes: Mestre Eugênio (voz e viola), Aorélio Domingues (voz e rabeca), Jairo Souza (voz, adufo e caixa), Seu Carioca (voz e sanfona), Gabriel Martins (voz, rabeca e viola) e Poro (voz e caixa).

Data: 06 de novembro

Espetáculo: Música do Pará

Artista/grupo: Arraial do Pavulagem

Projeto: Sonora Brasil – circuito nacional de música

Participação: O espetáculo não pôde ser oferecido no Centro de Eventos do Shopping Itaguaçu. A apresentação aconteceu no Colégio Nossa Senhora de Fátima. Os dois grupos foram convidados, contudo a escola não pôde participar.

Sinopse: A região norte abriga em seus variados formatos musicais informações históricas, símbolos, traços étnicos e religiosos, sínteses resultantes de nossa formação cultural que, à luz de olhares atentos e profundos, contribuem de forma significativa para o fortalecimento de um padrão cultural ligado ao contexto mágico e sagrado da Floresta Amazônica, em contraponto ao padrão mercadológico e fonográfico que pouco compromisso tem com a qualidade e função dos segmentos musicais enraizados em nossa memória cultural. Esse potencial uma vez ativo e praticado religa nossa ancestralidade, cumpre a função de oportunizar uma reflexão séria sobre a qualidade do trabalho humano na floresta e da cultura musical que nesse caso compõe e contextualiza essas atividades. Assim, estamos

todos construindo uma realidade futura possível e capaz de garantir dignidade, qualidade de vida para todas as gerações futuras. (Por Wagner Campos, criador e coordenador nacional do projeto). O Arraial da Pavulagem utiliza as linguagens, os ritmos, as danças, elementos simbólicos dos folguedos e a religiosidade popular como base de referência para difusão das tradições culturais do norte do Brasil. É formado por: Ronaldo Silva, Júnior Soares, Antônio de Pádua, Nazareno da Silva, Marcelo Fernandes, Edgar Monteiro.

2 – Circuito catarinense de música

Temas: composições catarinenses, folclore e rituais de comunidades primitivas.

Data: abril

Espectáculo: Polyphonia Khoros interpretando compositores catarinenses

Artista/grupo: Polyphonia Khoros

Projeto: Circuito catarinense de música

Participação: Não houve participação dos grupos mas, alguns alunos estiveram presentes acompanhados dos pais. Foi realizado num domingo na Igreja São José, no Centro Histórico de SJ. Buscou-se esse local, mais distante para os grupos, devido à excelente acústica.

Sinopse: O Polyphonia Khoros é formado por 4 sopranos, 3 contraltos, 2 tenores e 4 baixos. A regente é Mércia Mafra Ferreira. O programa executado neste espetáculo especialmente formado para o projeto do SESC incluiu: Fuga e anti-fuga, Cantar de amor, Passacalha, A sétima palavra, Adoramus, Partida, Rosalina quer casar, Minha Ilha, Terra das arueiras, Canção Praieira nº2, nº3 e nº4, Canto de despedida, Poema para ninar a Chris, Ratoeira, Cantiga de boi de mamão.

Data: 14 de outubro

Espectáculo: Gentil do orocongo

Artista/grupo: Gentil do orocongo

Projeto: Circuito catarinense de música

Participação: escola 1 e escola 2. Conforme conversa com a direção da escola 1 a maioria não gostou, no entanto, nos depoimentos ficou registrado que mesmo aqueles que só assistiram à este espetáculo gostariam de continuar a participar nos seguintes (2004). Foram distribuídos poucos convites e a participação ficou restrita aos alunos que faziam parte da pesquisa por se tratar de um espetáculo intimista, apenas para 100 pessoas.

Sinopse: Gentil Camilo Nascimento Filho com dez anos de idade apaixonou-se pelo orocongo aprendendo a tocá-lo. Posteriormente adotou-o como nome artístico e hoje é conhecido como Gentil do Orocongo. O orocongo é um instrumento monocórdico fabricado artesanalmente. O programa executado por Gentil do orocongo inclui a ratoeira, as aves ficaram triste, cacambi, boi de mamão, moçambico do banhado e outras canções populares. No espetáculo seu Gentil mostrou como se faz um orocongo.

Data: 23 de novembro

Espectáculo: Catumbi de Itapocu

Artista/grupo: Grupo da Associação Comunitária de Itapocu

Projeto: Circuito catarinense de música

Participação: por ser num domingo e no período das provas finais nenhum dos grupos participou.

Sinopse: Os rituais do catumbi, originados da cultura dos antigos escravos, podem ser divididos em preparatórios e do natal. Os primeiros acontecem em setembro e os segundos em dezembro. O programa mostrou esses rituais tais quais acontecem na comunidade de Itapocu.

Teatro

1 – Projeto Palco Giratório – circuito nacional de artes cênicas

Data: 28 de maio

Espetáculo: Lusco-Fusco ou tudo muito romântico

Artista/grupo: Cia Absurda e Cia Acômica - MG

Projeto: Palco Giratório – circuito nacional de artes cênicas

Participação: Escola 2. Todos os alunos do grupo estiveram presentes e ficaram para o debate realizado ao final do espetáculo.

A escola 1 não participou pois a coordenação julgou se tratar de um espetáculo que não contribuiria para a formação dos alunos. Segundo a direção o grupo foi consultado e não manifestou interesse em participar. O “veto” à ida ao espetáculo deu-se pelo conteúdo e pela apresentação de uma cena de nudez, já vista por uma professora da escola na sessão do dia anterior realizada no SESC Prainha.

Sinopse: O espetáculo Lusco-fusco ou tudo muito romântico é resultado de um processo criativo entre diretor, atores e dramaturgos. A partir de um mote inicial – o mito de Caim e Abel – a criação coletiva foi potencializada em improvisações englobando ações e situações dramáticas próprias do universo familiar, transpondo estruturas arquetípicas para uma família brasileira contemporânea, vítima de miséria social e moral, marginalizada e condenada a sobreviver conforme as regras do jogo.

Data: 30 de junho

Espetáculo: A escrita de Borges

Artista/grupo: Falos & Stercus - RS

Projeto: Palco Giratório – circuito nacional de artes cênicas

Participação: Escola 1: houve participação e interesse da maioria dos alunos. Um grupo conversava muito durante o espetáculo e teve de ser abordado diversas vezes. O grupo não participou do debate realizado após o espetáculo.

Escola 2: os alunos do grupo escolheram os primeiros lugares e ficaram para o debate realizado ao final do espetáculo. Alguns pais acompanharam os filhos.

Sinopse: A escrita de Borges revela com fina ironia a trajetória de vida e obra de Jorge Luís Borges que provocou uma verdadeira revolução na estética literária. O cenário é a

biblioteca do autor, onde suas histórias de bárbara violência, citações ocultas e reflexões filosóficas são concentradas por ele, seu pai e seus personagens. Estudo dos tigres no zoológico, escaladas em paredes, fisicalidade do ator, arremesso de adagas e gestualidade interpretativa dos deficientes visuais compõe esse labirinto borgeano.

Data: 26 de agosto

Espetáculo: Foliões e Folgazões

Artista/grupo: Mamulengo Só Riso - PE

Projeto: Palco Giratório – circuito nacional de artes cênicas

Participação: Escola 1: para esse espetáculo entregamos convites cortesia a todos os alunos com validade para a família: uma tentativa de envolvê-la na proposta de participação em eventos culturais. Uma família participou, foi o primeiro público a chegar e manifestou grande ansiedade e euforia por estar vendo um espetáculo de teatro pela primeira vez. Infelizmente não consegui tomar seus depoimentos no final, pois fiquei envolvida com o debate para o qual ninguém deste grupo permaneceu.

Escola 2: todos permaneceram até ao final e participaram do debate.

Sinopse: Uma trupe de brincantes e folgazões mambembam mundo afora, vivendo aventuras no reino do inesperado. Um espetáculo que mistura linguagens, técnicas e signos, incorporando ao trabalho manipulação de bonecos, interpretação de atores, acrobacias circenses, máscaras, dança e música.

Data: 21 de outubro

Espetáculo: à la carte

Artista/grupo: La mínima - SP

Projeto: Palco Giratório – circuito nacional de artes cênicas

Participação: escola 1 e escola 2. Ninguém saiu do espetáculo antes do final e todos saíram satisfeitos. Pediram para “ter mais espetáculos assim”.

Sinopse: (Por Paulo Lopes) Na periferia de um subúrbio perdido no espaço e no tempo, duas pessoas convivem onde o conforto passa longe e a segurança desconhece o endereço.

Por vezes percebe-se a existência de vida fora daquele ambiente devido a algumas interferências sonoras. Um deles mostra-se muito tenso, um feixe de nervos obrigado ao constante exercício do controle para não estourar, o que o torna o mais caprichoso dos dois. O outro, dono de uma lógica peculiar, de tão conformado beira a estupidez. Mas algo os une como a verdadeiros irmãos: a fome, quer seja ela de alimento, ou mesmo de dignidade, de poder. Neste terreno impreciso, onde da mesma fonte brota o alimento e a arma letal, a fantasia se mostra tão fundamental quanto o trigo na composição de um prato que possa saciar a fome, tanto das formigas quanto das cigarras. Até que seja novamente despertada.

O espetáculo “à la carte” é pela arte do circo e do palhaço.

O ofício do palhaço é formado por um conjunto de bagagens e filões de origem muitas vezes contraditória. É necessário saber que alguém só se torna um palhaço em consequência de um grande trabalho, constante, disciplinado e exaustivo, além da prática alcançada somente depois de muitos anos. Em outros tempos, o palhaço exprimia a sátira à violência, à crueldade, à condenação da hipocrisia e da injustiça. O valor do palhaço como observador e crítico do comportamento humano é ímpar e contundente. Ele é um poeta da ação.

2 – ENCENACATARINA – circuito catarinense de teatro

Data: 16 de novembro

Espectáculo: Esperando Godot

Artista/grupo: Cia de atores de Itajaí

Projeto: ENCENACATARINA – circuito catarinense de teatro

Participação: por ser no domingo só houve a participação da escola 2. Ficaram até ao final e participaram do debate com os atores. Demonstraram grande interesse na pesquisa e na atuação do grupo. O olhar atento à técnica e ao trabalho de ator e de direção esteve presente nas questões levantadas.

Sinopse: Todos os dias, dois vagabundos esperam por Godot num local deserto junto a uma árvore solitária. Conversam e criam situações para preencher a expectativa e iludir o tédio dos dias vazios e sempre iguais. É nessa espera que está todo o sentido de suas vidas.

Data: abril

Espetáculo: Adelaide Fontana, a rainha do rádio

Artista/grupo: Erro Grupo

Projeto: ENCENACATARINA - Circuito catarinense de teatro

Participação: (antes da formação dos grupos)

Sinopse: A apresentadora Adelaide Fontana, após 25 anos de trabalho no rádio, é demitida e vê em seu último programa a oportunidade de corrigir tudo o que disse para os ouvintes em seus muitos anos de trabalho.

Data: agosto

Espetáculo: Histórias de amor (Espetáculo de Rua)

Artista/grupo: Grupo de Teatro menestrel Faze-dô - Lages

Projeto: ENCENACATARINA - Circuito catarinense de teatro

Participação: Os grupos não foram convidados, pois o espetáculo foi apresentado no Colégio Dom Jaime de Barros Câmara (antiga FEBEN) em Palhoça onde funciona uma escola de circo. O público foi também um espetáculo: 800 crianças e adolescentes disputavam os melhores lugares incluindo a subida em árvores...Assistiram com o maior entusiasmo.

Sinopse: Tudo inicia quando os espectadores levantam os atores nas pernas de pau: do ator surge a mocinha, da atriz surge o mocinho. O mais alto opressor, o mais baixo oprimido. De todos os cantos entram e saem personagens com seus atos de amor contraditórios. O espetáculo é recheado de cantos populares.